

Foto: Museu Diretor Pestana

As carroças tinham trânsito livre pela Rua do Comércio. A foto é de 1927

NO TEMPO DAS CARROÇAS

Os meios de transporte modernos e a mecanização da lavoura deram um fim nas velhas carroças

Páginas centrais

A briga dos produtores gaúchos contra a aplicação da tablita

Página 4

40 por cento da terra agricultável da região voltou a ficar ociosa neste inverno

Última página

Cotrijuí/30 anos



Caderno Especial

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111 Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400

Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Vice/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Wagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães-Hias e Ademir Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Ude, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Alvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godoi Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Valter Luiz Driemeyer, Pedro Affonso Pereira, Valdecil Oli Martinelli

Suplentes:
Jayme Wender, Antônio Cândido da Silva-Neto, Realdo Cervi

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:
LOCAL INSTALADA

Ijuí.....	164.000 t
Ajuriçaba.....	33.000 t
Augusto Pestana.....	33.000 t
Chiapetta.....	60.000 t
Cel. Bicaço.....	40.000 t
Sto. Augusto - Sede.....	77.000 t
Sto. Augusto - Es. Umbu.....	50.000 t
Ten. Portela.....	60.800 t
Jóia.....	67.000 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Maracaju - Sede.....	69.800 t
Maracaju - Vista Alegre.....	19.500 t
Sidrolândia.....	52.000 t
Rio Brillante.....	29.000 t
Dourados - Sede.....	82.000 t
Itaum (Dourados).....	25.000 t
Indápolis (Dourados).....	17.000 t
Douradina.....	17.000 t
Caarapó.....	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba.....	42.500 t
Ponta Porã.....	29.000 t
Itaporã - Montese.....	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí.....	17.000 t
Aral Moreira - Tagi.....	17.000 t
Bonito.....	21.800 t
Jardim.....	3.550 t



Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



REDAÇÃO
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISÃO
Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTES
Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé

Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Os 14 anos do Cotrijornal

O Cotrijornal completou 14 anos de fundação no mesmo dia em que a Cotrijuf completou seus 30 anos de existência. Foi lançado no mesmo dia em que a Cotrijuf completava 16 anos, com o compromisso de melhor informar o produtor. Ele nasceu em meio a uma crise de comercialização da soja, que merece ser contada. Em 1972, os Estados Unidos embargou um carregamento de soja para a Rússia, elevando, repentinamente, com essa atitude, os preços da soja de Cz\$ 70,00 para Cz\$ 140,00 o saco. Essa reviravolta no mercado e a alta dos preços da soja fez com que aqueles produtores que tivessem optado pela modalidade preço do dia, obtivessem maiores lucros com a venda da produção do que aqueles que haviam vendido a preço médio. Esse ato gerou um grande descontentamento entre o quadro social. A direção da Cotrijuf entendeu, com essa crise, que o quadro social não havia sido devidamente informado a respeito da nova modalidade. Foi bem em meio a essa crise que o Cotrijornal nasceu, com o compromisso de informar, orientar e esclarecer o produtor. Foi o primeiro jornal de cooperativas de produção do Rio Grande do Sul. Seus 14 anos, no entanto, não foram comemorados com festas. Por sinal, dia 20 de julho foi um dia dos mais atarefados. O trabalho não deixou pensar em comemoração, mas o mais importante, realmente, é que o Cotrijornal vem cumprindo a sua função de se firmar como um instrumento de comunicação nas mãos do produtor. Ele é um espaço aberto para o debate, o questionamento dos pro-

blemas que fazem a vida e o trabalho do produtor na lavoura.

Esta edição o Cotrijornal está trazendo, junto com a edição normal, um Caderno Especial em comemoração aos 30 anos de fundação da Cotrijuf. É uma radiografia simples da vida do Grupo Cotrijuf, criado em 20 de julho de 1957 pela força de vontade de 23 agricultores que queriam, a todo o custo, solucionar os problemas tritícolas da época. Em 30 anos muita coisa mudou. O trigo continua sendo plantado. Aqueles antigos problemas já não existem mais. É bem verdade que outros surgiram pela frente e foram, na medida do possível, sendo solucionados. A soja tomou conta da lavoura, enriqueceu produtor, mas também deixou muita gente pobre, obrigada a vender a terra e mudar para a cidade. O tempo do dinheiro barato, subsidiado, acabou. A Cotrijuf hoje tem novas propostas. Não pensa apenas no trigo e na soja. Ela quer o agricultor tomando decisões. Quer que em lugar da soja e do trigo também se plante o feijão, o milho, se produza carne e ovos.

Na edição normal, a briga dos produtores contra a deflação nos preços da soja que o governo teima em aplicar. A matéria está na página 4. Nas páginas centrais uma história dos tempos de antes da era do automóvel: a das carroças puxadas a cavalos. O desaparecimento das ferrarias e marcenarias.

DO LEITOR



O significado da Cotrijuf

Walter Frantz

Sempre que se fala da experiência da Cotrijuf, no meio cooperativista brasileiro ou nos círculos acadêmicos da pesquisa social, ressalta-se a sua importância e o seu significado, enquanto organização econômica e social de uma população rural. É perfeitamente perceptível que essas três décadas de prática cooperativa evocaram admiração para muitos e preocupação para outros. Muito já se tem escrito, inclusive, sobre a importância e o significado dessa experiência. Muitos são os elogios e as críticas. De fato, os 30 anos da Cotrijuf representam um atrativo todo especial para estudiosos e críticos do cooperativismo brasileiro, pois foi a ousadia e a coragem de se fazer alguma coisa que expôs essa experiência e prática de três décadas à opinião pública.

A Cotrijuf registra no decorrer de sua existência efeitos econômicos, sociais, políticos e culturais. Quando se avalia a Cotrijuf, embora seja natural que assim se proceda, pois foi fundada com objetivos econômicos específicos, não se pode desconhecer que gerou resultados para além daquilo que expressam os parágrafos de seu estatuto social. Os resultados econômicos são

fáceis de serem verificados através dos números e dados existentes. No entanto, a percepção de seu significado social, político e cultural nem sempre pode ser percebido a partir desses números.

A história da Cotrijuf revela alguns fenômenos ou resultados sociais, ao nosso ver, fundamentais ao desenvolvimento da sociedade brasileira, tal como a organização de um sistema de comunicação entre a população rural de uma vasta região, anteriormente pouco organizada. Desse fenômeno decorrem consequências que já se pode sentir: identidade, projeto comum, coesão social, etc. Enfim, parece que a experiência da Cotrijuf representa hoje um importante espaço organizado de manifestação dessa população frente aos mais diferentes problemas e desafios. O desenvolvimento social, necessariamente, passa por esses fenômenos. Não haverá crescimento econômico brasileiro que possa sustentar um desenvolvimento social justo e equilibrado, sem a organização e a participação da população.

A Cotrijuf, nestes seus 30 anos, constitui-se em um importante espaço de organização e manifestação da população rural no contexto da correlação de forças sociais da sociedade brasileira. Tem-se problemas, conflitos e contradições, mas isto é próprio do

processo social que ela representa. Na avaliação dessas três décadas de Cotrijuf, é justo que se perceba também os resultados sociais mais amplos daquilo que foi a Cotrijuf até aqui. Se é correto avaliar de safra em safra, de balanço em balanço, também não menos correta é a avaliação de seus efeitos sociais mais amplos. Sob o ponto de vista cultural e político, a experiência da Cotrijuf hoje representa, sem dúvida, uma das maiores escolas de educação de adultos de nosso País. É a escola da vida que se faz pelo debate e questionamento constante da prática social e econômica da produção primária em nossa região.

Os inúmeros programas, cursos, reuniões e palestras compõem um somatório que impulsionam as mudanças ao nível da percepção cultural e política das pessoas, envolvidas pela "organização social Cotrijuf", quer sejam associadas ou não. Sob esta ótica os resultados nem sempre são imediatos ou sazonais, porém são perceptíveis dentro da dinâmica e natureza própria desse processo social. Na perspectiva do desenvolvimento social, a experiência da Cotrijuf é fundamental e muito rica.

Walter Frantz é sociólogo e assessor de Desenvolvimento e Recursos Humanos da Cotrijuf.

Os novos Estados

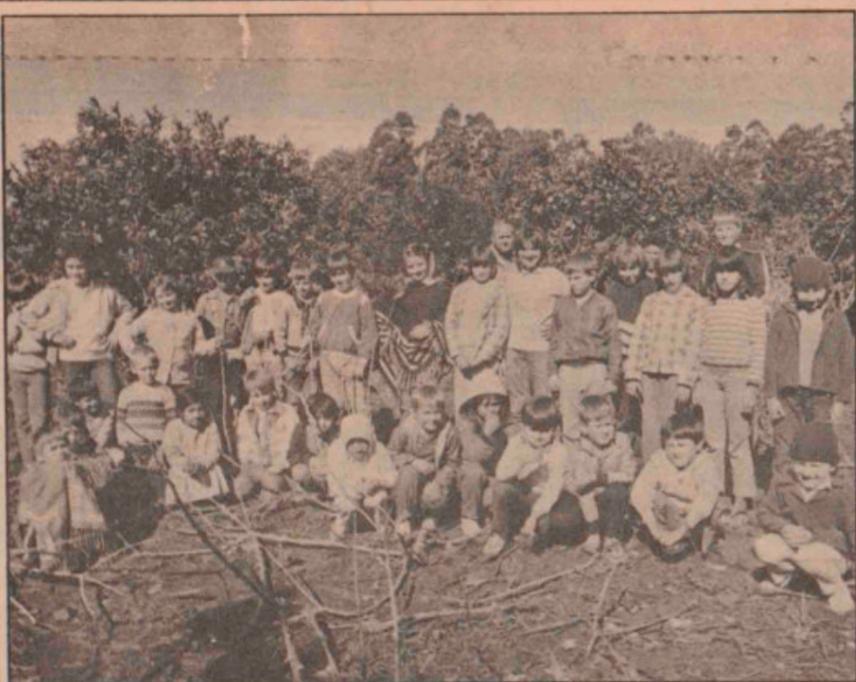
A Comissão da organização do Estado — a primeira a encerrar seus trabalhos dentro do prazo determinado — está propondo modificações no mapa do Brasil e nas relações entre os municípios, os Estados e a União. A grande preocupação dos constituintes integrantes desta Comissão esteve relacionada com a descentralização do Poder. Pela proposta, os municípios ganharão autonomia para criar juizados de pequenas causas, de paz e de menores e para elaborar sua lei orgânica. Todas estas mudanças, se aprovadas, passarão a integrar a nova Constituinte brasileira que começa a ser votada em outubro.

Com relação a criação de novos Estados, a proposta da Comissão é a de que tão logo seja promulgada a nova Constituição, seja formada a Comissão de Redivisão Territorial do país. Essa Comissão terá o prazo de um ano para realizar estudos a respeito da viabilidade de criação de novos Estados. O projeto de criação dos novos Estados também deverá passar pelo Congresso.

Pela proposta da Comissão de Organização do Estado, deverão acontecer desmembramentos em algumas regiões mais ricas do país, como é o caso do sul da Bahia, onde predomina o cultivo do cacau. Esta região passará a chamar-se Estado de Santa Cruz. O oeste de Minas Gerais, região de pecuária leiteira, passará a ser o Estado do Triângulo Mineiro; o sudeste do Maranhão tomado pela floresta das babaquais, se transformará em Maranhão do Sul; o oeste do Pará, rico em minerais, será o Estado de Tapajós; e Tocantins, a região pobre do norte de Goiás. Os territórios de Roraima e Amapá serão transformados em Estados. Quer dizer que com a promulgação da Constituinte o Brasil terá mais sete novos Estados.

Magalhães assume na DFA

O pecuarista Ramão Ney Magalhães, ex-diretor da Federação de Agricultura do Estado e coordenador da Frente Ampla da Agropecuária, assumiu no dia 6 de julho, a Delegacia Federal de Agricultura de Mato Grosso do Sul. Sua indicação para o cargo teve ampla aceitação entre a classe agropecuária do Estado. Ney Magalhães assume propondo realizar intenso trabalho no sentido de melhorar ainda mais o nível da agropecuária de Mato Grosso do Sul, um estado que tem muito a desenvolver nestas áreas básicas para a sua economia. Dentre os aspectos que compõe suas metas de trabalho, uma delas se refere ao combate às enfermidades infecto-contagiosas do rebanho bovino, numa tentativa de conquistar o Mercado Comum Europeu através da melhoria da sanidade do rebanho. Para isso contará com o apoio da Secretaria da Agricultura e Pecuária do Estado, que pretende desenvolver campanhas para a erradicação de focos de aftosa, brucelose e também raiva herbívora, que hoje se constituem nas principais preocupações dos pecuaristas e do próprio governo.



O pomar da Escola Rui Barbosa foi implantado em 1976

A Escola e o pomar

Nessa época do ano, quem passa por perto da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Rui Barbosa, não segue adiante sem antes dar uma paradinha para observar tanta laranjeira, bergamoteira, limoeiro, carregados de frutas. A Escola Rui Barbosa está localizada em São Valentim, interior do município de Santo Augusto. No verão a paisagem não é diferente e a atração fica por conta dos pessegueiros, macieiras, ameixeiras, pereiras, entre outras frutíferas, que se encarregam de "dar água na boca" dos curiosos e passantes. O pomar, constituído por 105 pés de frutíferas, foi implantado por volta de 1977 e faz parte de um projeto de arborização nas Escolas que existia na época e que era levado adiante pelo departamento técnico da Cotrijuf daquele município. Mas

além das mudas frutíferas, a Cooperativa ainda doou 148 mudas de espécies nativas e ornamentais, como cedro, louro, canela, grábia, pinho, angico, ipês, canafistula, pitangueira, aracá, sete-capote, cerejeira, entre outras. A Cotrijuf foi a responsável pela implantação e pela assistência técnica do pomar e os pais, alunos e professores da Escola pela manutenção e limpeza. A produção do pomar, segundo o diretor da Escola, professor Aurélio Göttens, vem sendo destinada, em parte, para a merenda dos 45 alunos. O restante é consumida pelos vizinhos. As crianças, de acordo com a professora Maria Frida Göttens, recebem frutas no horário do recreio ou então sucos. A Escola ainda mantém uma pequena horta, também destinada à merenda dos alunos.

CPI no campo

"Os crimes ocorridos no campo não são atos isolados e sim atos que fazem parte da guerra civil no País, na luta pela posse da terra". A afirmação é do deputado Adão Pretto, do PT, presidente da mais nova Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembléia Legislativa, que tem por temas a violência no campo e a morosidade da reforma agrária. Instalada no dia 1º de julho, a CPI vai averiguar, num prazo máximo de 120 dias, os crimes que vem ocorrendo no interior do Estado e que se encontram impunes até hoje. O primeiro caso a ser desvendado pela Comissão são as três mortes ocorridas no dia 31 de março deste ano, em Sarandi, durante um protesto contra a política agrícola do Governo. Neste dia os agricultores fecharam uma das rodovias daquele município e durante o ato um caminhão investiu contra a

manifestação, causando a morte de Vitalino Mori, de 36 anos, Roseli Salete da Silva, 27 anos, e Lari Grosseli, de 24 anos.

SALDO

A estas três mortes somam-se outras, que somente neste ano são em número de 48, enquanto durante os dois anos da Nova República totalizam 360. Segundo Romeu Schmitz, representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sarandi, "estes crimes não são meras coincidências. Existem pressões sobre os agricultores por parte de pessoas que não querem justiça e a UDR é uma das entidades que mais atua neste sentido". Por isso, o deputado Adão Pretto pretende, através desta CPI, "pôr às claras estes fatos, ver quem está por trás destes atos criminosos, esclarecendo os episódios e ajudando a justiça a fazer justiça social".

Retorno às singulares

O resultado líquido do exercício de 1986 da Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL —, foi de Cz\$ 42.383.996,76. Este resultado foi apresentado na última assembléia ordinária da Central, realizado no dia 26 de junho, em Porto Alegre. 50 por cento deste resultado foi colocado à disposição das singulares, sob a forma de retorno.

Na assembléia houve renovação de dois terços do Conselho Fiscal, ficando assim constituído: Antoninho Boiarski Lopes, da Cotrijuf, Eloi Berres da Cotrijuf e Domingos Mascarenhas, da Cotrijuc. Na suplência ficaram: Holmes Lopes Campos, da Cosulati; Adilson Osório da Cotrifred e Jorge Boffil, da Valuruguai.

CONVÊNIO

CTC e Unijuf

Desenvolver a agricultura regional, através da pesquisa, do ensino de Engenharia Agrônoma, do aperfeiçoamento do pessoal técnico e do treinamento de agricultores. Estes são os termos gerais de mais um convênio entre Unijuf e Cotrijuf, assinado pelo reitor Telmo Rudi Frantz e pelo vice-presidente da Cooperativa, Celso Bolivar Sperotto, no dia 16 de junho. Prevendo a execução conjunta de programas e projetos de pesquisa, através do CTC e do Departamento de Estudos Agrários da Unijuf, o convênio oportunizará o treinamento e o aperfeiçoamento do pessoal técnico da Cotrijuf e dos seus associados e a realização de atividades práticas pelos professores e alunos do curso de Engenharia Agrônoma, a ser implantado pela instituição. Para o gerente do CTC, agrônomo Rivaldo Dhein, a utilização do CTC por parte da Universidade favorece a ampliação do Centro e a efetivação dos projetos, uma vez que a busca de recursos se fará através de um esforço conjunto, propiciando um apoio mais forte junto às instituições financiadoras competentes.

Agrônomos com nova diretoria

O agrônomo Hermínio Guedes dos Santos foi empossado na presidência da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Mato Grosso do Sul, cuja nova diretoria tem como primeiro tesoureiro o gerente Agrotécnico da Regional da Cotrijuf, Márcio Porto Carrero.

A nova diretoria da AESMS tem como principais pontos em sua proposta de trabalho ampliar a organização da classe em todo o estado; trabalhar pela integração da categoria na busca de sua identidade social e valorização profissional, entre outros aspectos. Quanto a política agrícola e agrícola, os agrônomos querem lutar pela adoção de uma tecnologia menos agressiva na agricultura, contemplando técnicas e culturas alternativas e diversificadas; lutar por uma nova política agrícola, mais descentralizada e democrática, entendendo que a ação governamental não pode continuar privilegiando a uma minoria de agricultores, as monoculturas de exportação e o monopólio industrial, além de apoiar a participação da sociedade pela efetiva e imediata implantação da reforma agrária.

"Uma história de colonos"

Um pouco da história dos colonos de Ijuí, dos movimentos comunitários de base, da modernização da agricultura na região, do ensino superior, da Cotrijuf, da repressão e dos conflitos vividos na época. Uma história contada por quem a vivenciou: professor Mario Osório Marques, da Unijuf, ao jornalista Pedro Luiz Osório, do Diário do Sul de Porto Alegre. Com o título: Repressão, conflitos, organização: "uma história de colonos", a entrevista do professor Mario Osório saiu na edição de 9 de julho, nas páginas Relatório.

Os prejuízos dos produtores

A aplicação do deflator nos negócios feitos com as indústrias, a preços prefixados, está causando uma confusão das grandes entre os produtores gaúchos, que alarmados com a situação, pedem que o governo dê um fim na tal "tablita" para soja. A indignação dos produtores, alguns movimentos de protestos e fechamento de armazéns pelo interior do Estado, já chegaram aos ouvidos do governo, que de qualquer forma, continua persistindo na sua idéia de manter a deflação.

Na semana passada, uma comitiva integrada por dirigentes da Fecotri, Fetag, Farsul, Cocecrer, Fearroz e Ocergs, mais ainda o secretário da Agricultura, Jarbas Pires Machado e o presidente da Comissão da Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembleia Legislativa, Erany Müller, tentaram uma conversa com o ministro da Fazenda Bresser Pereira. Em cima da hora, o ministro precisou viajar e suspendeu a audiência. A comitiva não chegou a viajar, mas também não gostou nenhum pouquinho da atitude do ministro. "A deflação, ressaltou Terciso Redin, presidente da Fecotri, é um assunto que tem nos preocupado em muito. Essa atitude do ministro merece o nosso protesto.

Para o presidente da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul, o governo não pode deflacionar um produto que foi vendido por um preço abaixo do preço de mercado. "Com a deflação, diz Redin, a soja vai ficar com um preço abaixo do custo de produção. E isso é ilegal. O Estatuto da Terra deixa bem claro essa questão. O produtor tem que tirar pela venda do seu produto o custo da produção e mais 30 por cento de lucratividade". Com a deflação, segundo Redin, o produto vai perder duas vezes, uma porque vendeu a produção por um preço e mais tarde o mercado reagiu, elevando a cotação. Outra, que a aplicação da tablita reduz ainda mais estes valores que já estão defasados.

Os prejuízos dos produtores do Estado, com a aplicação da tablita chegam a um bilhão e 200 milhões de cruzados. "Vai ser uma crise geral, afirma. A inadimplência nos bancos vai aumentar. O produtor não vai ter dinheiro para pagar a Cooperativa e nem o posto de gasolina".

Embora a comitiva de lideranças tenha sido deixada para trás, ela continua mantendo contatos, tentando uma nova audiência com o ministro da Fazenda. "O nosso objetivo é derrubar a tablita para a soja", ressaltou Redin. Se a comitiva não conseguir alcançar seu objetivo, Redin só vê uma saída: entrar na justiça contra o preço pago pelo produto. "Nós vamos alegar que o produtor está recebendo pela sua soja um preço abaixo do custo de produção. Então, vamos fazer com que a lei seja cumprida".

IMORAL E ILEGAL

Para o assessor da presidência da Fetag, Severino Grechi, o deflator que o governo vem aplicando em cima do preço futuro da soja além de imoral, é totalmente ilegal. "Quando o produtor fez a venda da soja em preço futuro, ele não estava embutindo nesse preço nenhuma taxa de juro e muito menos correção monetária. Não aceitamos esta cobrança".

Grechi diz que o governo precisa entender que não foi o produtor quem fez a oferta. Foi o comprador. O produtor apenas aceitou porque fez



Lideranças do setor se reuniram no dia 17 de julho para discutir a tablita

um raciocínio lógico e entendeu que aquele era um preço razoável. Agora não é por isso que ele precisa ser mais uma vez penalizado". A disposição da Fetag, segundo o assessor da presidência é a de continuar fazendo pressão política junto com as demais lideranças políticas do Estado. "Mas se precisar, vamos organizar um movimento grande e até fechar as grandes indústrias. Nós até já tínhamos começado um movimento que foi enfraquecido pela notícia de que algumas cooperativas não iriam deflacionar o preço da soja", diz ainda.

OS PREJUÍZOS

O produtor que vendeu soja

com preço fixado para o mês de junho perdeu, com a aplicação da deflação, Cz\$ 15,16 por cada saco de produto. Quem vendeu soja futuro para julho, perdeu Cz\$ 51,07. O preço desceu de Cz\$ 270,00 para Cz\$ 218,93. Mas o prejuízo maior vai ficar ainda para aqueles produtores que contrataram soja futuro para o mês de agosto. O preço médio fica em Cz\$ 320,00, mas com a aplicação do deflator, ele desce para Cz\$ 224,57. O produtor está perdendo Cz\$ 95,43 por cada saco vendido. "É um prejuízo muito grande, diz Terciso Redin, e que nós entendemos que o produtor não tem condições de arcar".

Considerando que 41,92 por



Terciso Redin

cento da soja tenha sido vendida a preço futuro para o mês de junho; 47,24 por cento para o mês de julho e 10,84 por cento para o mês de agosto — o levantamento foi realizado pela assessoria da Fecotri — os produtores gaúchos vão perder com a aplicação da deflação, mais de um bilhão de cruzados.

Os custos de produção

O produtor que for plantar soja na próxima safra pode ir preparando o bolso para enfrentar altos custos de produção. Para plantar um hectare de soja, ele vai gastar Cz\$ 22.647,92, um custo 330,96 por cento superior ao levantamento no ano passado, nesta mesma época do ano e para a mesma cultura. O levantamento de custos de produção da soja, milho e feijão, foi feito pela Diretoria Agrotécnica da Cotrijuf, na Regional Pioneira e traz ainda sugestões para os próximos Valores Básicos de Custeio para estas três culturas de verão. O Luís Juliani, assistente agrotécnico e responsável pela realização do levantamento diz que o custo maior fica por conta das despesas financeiras, que no caso da soja, por exemplo, representa mais de 40 por cento do total dos custos.

Um hectare de lavoura de soja vai custar Cz\$ 22.647,92, incluídos juntos custos fixos e variáveis. Os custos variáveis — que representam o desembolso direto do produtor para fazer uma lavoura e envolvem despesas com insumos, conservação e reparos, custos financeiros e Proagro, representam Cz\$ 16.495,51, o que corresponde a 72,83 por cento do total dos custos. Destes 72,83 por cento, 40,41 por cento dizem respeito às despesas financeiras, que depois do fracasso do Plano Cruzado, da volta da correção monetária, voltaram para levar qualquer um a falência. O custo por saco, considerando apenas as despesas variáveis, vai parar em Cz\$ 549,86. Só para mostrar em que pé andam as despesas financeiras, destes Cz\$ 549,86 gastos na produção de um saco de soja e que corres-

pondem apenas aos gastos variáveis, Cz\$ 303,03 têm a ver com os custos financeiros.

O restante do custo total, Cz\$ 6.152,41, são as despesas fixas e que correspondem a Cz\$ 205,08 por cada saco produzido. Juntando os dois custos — variáveis e fixos —, um saco de soja, terá, no final de todas as contas, um custo total de Cz\$ 754,93. O Juliani fez uma projeção de custos de um saco de soja para 31 de maio de 88. Se tudo ficar como anda e a OTN seguir mais ou menos a mesma trilha que vem seguindo, até lá, um saco de soja, terá um custo final de Cz\$ 1.396,62.

O MILHO E O FEIJÃO

Para plantar um hectare de milho, um produtor vai gastar Cz\$ 21.893,03. O custo de produção de cada saco, considerando uma produtividade média de 3.300 quilos por hectare, será de Cz\$ 398,02, deste total, Cz\$ 126,44 correspondem as despesas financeiras. Os custos variáveis participam com Cz\$ 278,24 por saco. A participação do item despesas financeiras na elaboração do custo de produção de um saco de milho chega a 31,78 por cento, 551,21 por cento superior

aos custos projetados no ano passado e que ficaram em 4,78 por cento. O custo por saco, projetado para 31 de maio de 88 é de Cz\$ 736,34.

Para produzir um saco de feijão, um produtor vai gastar Cz\$ 1.327,25. O custo de plantio de um hectare, segundo o levantamento, deverá ficar em Cz\$ 22.563,19. Do total gasto para produzir apenas um saco de feijão, Cz\$ 524,66 correspondem às despesas financeiras. Elas representam 39,34 por cento. O custo estimado para 31 de dezembro de 88 é de Cz\$ 1.964,33, por cada saco produzido.

OS VBCs

Considerando os custos de produção, que tiveram como base o mês de junho, a Diretoria Agrotécnica também calculou os Valores Básicos de Custeio necessários para o plantio da soja, milho e feijão de safra 87/88. Para a soja o VBC necessário, tendo por base a faixa de produtividade média de 1.800 quilos por hectare, será de Cz\$ 7.487,08. O do milho, considerando a faixa de produtividade de 3.300 quilos por hectare, deverá ficar em torno de Cz\$ 8.365,66. O do feijão em Cz\$ 7.468,24. A faixa de produtividade é de 960 quilos por hectare.

Produto	Custo por saco sem desp. fin. (Cz\$)	Custo por saco desp. fin. (Cz\$)	Partic. desp. fin. (%)	Total (Cz\$)	Custo para maio/88 (Cz\$)
Soja	451,90	303,03	40,14	758,93	1.396,93
Milho	271,58	126,44	31,78	398,02	736,34
Feijão	802,54	524,66	39,34	1.327,25	1.964,33 (1)

(1) custo estimado para 30/12/87

VBCs corrigidos pela OTN

Os novos Valores Básicos de Custeio para a próxima safra de verão estão de cara nova. Eles estão sendo fixados em OTN — Obrigações do Tesouro Nacional —, e não mais em cruzados como vinha acontecendo até a última lavoura de trigo. Esta medida faz parte do último pacote econômico lançado pelo governo, em primeiro de julho e que tem por objetivo chegar à produção de 70 milhões de grãos. Com o VBC fixado em OTN, o produtor poderá dar um acompanhamento mais de perto à sua dívida de custeio, já que os valores serão corrigidos mensalmente pela variação da OTN.

Desta forma, um produtor que contratar financiamento para um hectare de soja, por exemplo, e ficar ajustado dentro da faixa de produtividade de 1.751 a 2.000 quilos por hectare, terá direito a 19,65 OTNs de custeio. Transformados em cruzados, considerando o valor da OTN de julho, de Cz\$ 366,49 vai corresponder a Cz\$ 7.200,00. Ele vai receber, por ocasião do plantio da lavoura, ou seja, a partir de agosto, um total de 13,75 OTNs — Cz\$ 5.309,24 —. Em outubro recebe mais 3,93 OTNs e em fevereiro de 88, o restante — 1,97 OTNs (ver tabela).

O governo também alterou um pouco os limites de financiamento para as culturas de algodão, soja e milho. O médio produtor de algodão passará a receber 80 por cento do financiamento e os grandes 60 por cento, em vez dos 40 por cento que vinha recebendo até a última safra. O médio produtor de soja vai receber 70 por cento em vez dos 60 por cento, mas o grande continua recebendo apenas 50 por cento do total do financiamento. Os minis

e pequenos produtores terão direito a 100 por cento do financiamento oficial. No caso da lavoura de milho, também houve alterações. O grande produtor passará a contar com 90 por cento do VBC em vez dos 80 por cento a que tinha direito e os minis, pequenos e médios a 100 por cento. Para a lavoura de feijão, todos os produtores, independentes da faixa de produção, terão direito a custeio integral.



O VBC para a lavoura de soja ficou em Cz\$ 7.200,00

VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC) E CALENDÁRIO DE LIBERAÇÕES SAFRA 1987/88 — POSIÇÃO — JULHO/87 — OTN: Cz\$ 366,49							
Produto	Produtividade (kgs/ha)		VBC		Liberações		
	DE	ATÉ	Cz\$	OTN/ha	1ª Nº de OTN A partir de	2ª Nº de OTN A partir de	3ª Nº de OTN A partir de
FEIJÃO:	—	400	2.710,00	7,39	4,07 — JUL	1,85 — AGO	1,47 — OUT
	401	600	5.700,00	15,55	8,55	3,89	3,11
	601	800	6.660,00	18,17	9,99	4,54	3,64
	(*) 801	1.000	8.350,00	22,78	12,53	5,70	4,55
	acima de	1.000	10.290,00	28,08	15,44	7,02	5,62
	MILHO:	—	900	2.150,00	5,87	2,93 — AGO	1,76 — OUT
901	1.300	2.990,00	8,16	4,08 —	2,45	1,63	
1.301	1.700	3.820,00	10,42	5,21	3,13	2,08	
1.701	2.100	4.590,00	12,52	6,26	3,76	2,50	
2.101	2.500	5.310,00	14,49	7,24	4,35	2,90	
(*) 2.501	3.000	6.380,00	17,41	8,70	5,22	3,49	
3.001	3.500	6.970,00	19,02	9,51	5,71	3,80	
3.501	4.000	7.710,00	21,04	10,52	6,31	4,21	
4.001	5.000	8.780,00	23,96	11,98	7,19	4,79	
acima de	5.000	10.050,00	27,42	13,71	8,23	5,48	
SOJA:	—	1.250	5.240,00	14,30	10,01 — AGO	2,86 — OUT	1,43 — FEV/88
	1.251	1.500	5.590,00	15,25	10,68	3,05	1,52
	1.501	1.750	6.710,00	18,31	12,82	3,66	1,83
	(*) 1.751	2.000	7.200,00	19,65	13,75	3,93	1,97
	2.001	2.400	8.290,00	22,62	15,83	4,52	2,27
	acima de	2.400	8.620,00	23,52	16,46	4,70	2,36
SORGO:	—	2.000	3.750,00	10,23	6,65 — AGO	2,56 — OUT	1,02 — JAN/88
	2.001	2.500	5.020,00	13,70	8,90	3,42	1,38
	(*) 2.501	3.000	5.750,00	15,69	10,20	3,92	1,57
	acima de	3.000	6.640,00	18,12	11,78	4,53	1,81

Falta de preço e doenças preocupam produtores de MS

Os produtores de Mato Grosso do Sul não ficaram muito eufóricos com o anúncio, no final de junho, das novas medidas para a agricultura brasileira, pois além de não trazer o preço do trigo, cuja colheita já iniciou no Estado, eles estão muito preocupados com a evolução de doenças como a bruzone, comum no arroz e que não tem controle no trigo, a helmintossariose e ainda a bacteriose. De um modo geral, as medidas anunciadas pelo ministro Iris Rezende agradaram aos produtores, em especial a que indexa o preço dos produtos agrícolas, à variação das Obrigações do Tesouro Nacional (OTNs).

Os produtores, principalmente aqueles que têm obtido maiores produtividades, também gostaram dos novos valores básicos de custeio (VBC) e da ampliação da faixa de liberação de recursos para os médios e grandes produtores formarem suas lavouras, o que os libera em parte de grandes volumes de créditos complementares, sempre buscados junto às financeiras, a taxas

de mercado. Quanto aos prazos de pagamento dos financiamentos, os produtores ainda têm algumas dúvidas sobre a operacionalização destas medidas, esperando que sejam totalmente esclarecidas pelo Governo até a época de assinatura de contratos de financiamento para a próxima safra.

Bom parte das dúvidas dos produtores podem ser atribuídas às constantes mudanças na política do Governo para o setor agrícola. Lembram os produtores que há um ano atrás o Governo anunciou um plano que deveria vigorar por três anos, alterado substancialmente agora, com menos de um ano de vigência. Alegam eles que enquanto não houver um política agrícola de médio e longo prazo, os produtores não terão a segurança que precisam para continuar na atividade.

NÃO VENDER AINDA

Os produtores de trigo não devem vender ainda sua produção, até que o Governo tenha o preço de compra, que deve acontecer nos primeiros dias de agosto. Quem fez este alerta aos produtores da região de Dourados

foi o presidente da Cooperativa, Oswaldo Meotti, que participou no dia 22 de julho da palestra do professor Argemiro Luis Brum, sobre o mercado internacional da soja.

Naquele dia, Oswaldo Meotti manteve contatos com a direção da Fecotrijo no Rio Grande do Sul, quando foi informado que o Governo prometeu para o dia 5 de agosto a divulgação do preço do trigo e dos demais produtos agrícolas, que passarão a ser corrigidos mensalmente pela variação da OTN.

O presidente da Cotrijul explicou aos associados presentes que as lideranças do setor estão reivindicando ao Governo a inclusão do Índice de Preço Pago, que não foi computado na formação do preço do trigo a partir de abril, que foi de Cz\$ 270,00. A inclusão deste índice elevaria o preço de julho para Cz\$ 455,00, que deverá ser corrigido pela variação da OTN deste mês, formando então o preço com que o trigo será comprado pelo

Governo no mês de agosto.

Oswaldo Meotti também orientou os produtores para que evitem vender o trigo na segunda quinzena dos meses de comercialização, pois estariam deixando de receber a variação da OTN ocorrida nos primeiros dias de cada mês. Vendendo sempre na primeira quinzena do mês, disse ele, o produtor estará em condições de pagar seu financiamento no banco e ter uma pequena sobra, o que deixa de acontecer caso venda a partir do dia 15 de cada mês.

PARA PLANEJAR

A divulgação do preço do trigo e das culturas de verão é aguardada com ansiedade pelos produtores de Mato Grosso do Sul, pois dela depende o planejamento final da próxima safra. Caso o preço do trigo seja satisfatório, permitindo alguma sobra, e os preços das culturas de verão compensem o investimento a ser feito, é provável que a área de plantio se mantenha nos mesmos níveis do ano anterior. Do contrário, pode até haver alguma redução de área.

Melhor remuneração ao produtor

Até 1972 os associados da Cotrijuf vinham comercializando a maioria da sua produção — soja, milho, arroz —, a preço médio. Esta era a modalidade a que os agricultores estavam acostumados a negociar. Quem desejava comercializar em outra modalidade, como a do preço do dia, por exemplo, vinha na Cooperativa e assinava uma Carta de Opção. Mas um embargo feito pelos Estados Unidos a um carregamento de soja para a Rússia, tumultuou o mercado da soja, dobrando os preços de uma hora para outra. Resultado: quem havia optado pela modalidade preço do dia, ganhou muito dinheiro. Quem havia comercializado pelo preço médio, deixou de ganhar um bom dinheiro. Essa reviravolta repentina no mercado da soja levou os produtores a uma mudança de comportamento em relação a comercialização da soja.

Atualmente existem quatro modalidades de comercialização da soja — preço do dia, preço médio, preço futuro e permuta de semente por produto Indústria —. Mas isso não significa que os riscos de comercialização tenham terminado. Hoje a instabilidade de mercado é tão grande, que o produtor precisa melhor racionalizar as formas de comercialização da sua produção, se não quiser perder dinheiro. Um exemplo bem típico da situação que aconteceu em 1973, aconteceu neste ano, embora as causas tenham sido outras. A maioria dos associados ou comercializou a sua produção a preço do dia ou a preço futuro. Pouquíssimos comercializaram a preço médio e estes tiveram bons resultados. É claro que quem vendeu a preço do dia, com a reação inesperada do mercado, ganhou um bom dinheiro. Mas a margem de riscos foi muito grande.

Quem vendeu a produção a preço futuro, esperando ganhar um bom dinheiro e tirar o pé do atoleiro, está dando com os burros na água. Os preços futuros, além de terem ficado para trás, ainda têm pela frente o fantasma da deflação, um assunto ainda não resolvido pelo governo que insiste em aplicar a tal de tabita.

MELHOR REMUNERAÇÃO

Tirando o tumulto de mercado que aconteceu em 1973, o preço médio, ainda é — e a história da comercialização da soja dentro da Cooperativa está aí para comprovar — a modalidade que melhor tem remunerado o produtor. "O preço médio, diz Clóvis Rorato de Jesus, diretor de Operações e Comercializações da Cotrijuf na Regional Pioneira, é o que melhor se enquadra no ato cooperativo". A Cooperativa só adotou as demais modalidades pela necessidade de também se adequar ao mercado. "Mas é esta modalidade, complementa, que permite maior poder de barganha, possibilitando que se alcance melhor remuneração para o produtor. As negociações são mais vantajosas tanto para a Cooperativa como para o produtor".

O recebimento da produção e um pouco da história da comercialização da soja está contida dentro de um trabalho que a diretoria de Operações e Comercializações está levantando. Alguns destes dados, principalmente dos últimos oito anos, podem ser checados na tabela abaixo. No ano passado por exemplo, em pleno auge do Plano Cruzado, a Cotrijuf recebeu um total de 207.506 toneladas de soja. Destes, apenas 837 toneladas foram comer-

cializadas na modalidade preço médio — 0,40 por cento do total —. Mas o preço médio por saco fechou em Cz\$ 128,40, enquanto que a média de liquidação do preço do dia fechava em Cz\$ 126,64. Das 261.470 toneladas entregues na Cooperativa nesta safra, apenas 2.547 foram comercializadas na modalidade preço médio, que fechou em Cz\$ 340,00. A média de liquidação do preço do dia estava fechan-

do, até seis de julho, data de liquidação do preço médio, em Cz\$ 275,00. Quem contratou preço futuro em maio para julho, por exemplo, pode ter conseguido Cz\$ 380,40 por saco, o preço médio conseguido. Quem achava que estava fazendo um bom negócio, já deve andar truncando as

orelhas porque de repente, depois do pacote do governo, esse preço deixou de ser um negócio vantajoso. "O que está ocorrendo agora, diz Clóvis de Jesus, vem demonstrar mais uma vez que o preço médio ainda é o mais seguro. O que nós queremos, insiste

ainda, é que o produtor volte a discutir em suas reuniões de núcleos, de grupos, a questão das modalidades de comercialização dos nossos produtos. Só na discussão conjunta é que poderemos tomar novas atitudes em relação a comercialização dentro da Cotrijuf.

EVOLUÇÃO DO PREÇO MÉDIO A PARTIR DO ANO DE 1980

Ano	Total Receb. (Ton)	Preço Médio (Ton)	Preço por saco		
			% S/Rec.	P. Médio	Média liq. P. do dia
1980	331.347	91.430	27,59	660,00	— o —
1981	334.020	104.820	31,38	1.110,00	— o —
1982	232.198	32.184	13,86	2.150,00	1.995,00
1983	269.609	11.521	4,27	5.200,00	4.489,48
1984	269.974	3.596	1,33	23.800,00	18.457,00
1985	283.506	10.700	3,77	51.050,00	46.673,38
1986	207.506	837	0,40	128,40	126,64
1987	261.470	2.547	0,97	340,00	275,00

Obs: Se o preço médio for corrigido pelas datas de adiantamento, os valores serão superiores a liquidação final.

Está na hora de escolher um sócio para o seu trigo.



Ou você divide a colheita com as doenças,



ou você multiplica os lucros com Tilt.

Plantar trigo é um ótimo negócio. Mas você precisa evitar certos sócios indesejáveis, que estão sempre prontos para levar a maior parte da sua colheita.

Contra o oídio, a ferrugem, a septoriose, a helmintosporiose e a mancha da gluma, o melhor sócio que você pode ter é Tilt. Tilt é o único fungicida que, sozinho, tem ação preventiva, curativa e erradicativa contra as principais doenças do trigo.

Tilt é líquido. Por isso, sua aplicação é simples e rápida, evita entupimento dos bicos de pulverização, e pode ser feita de trator ou avião.

E bastam duas aplicações de 0,5 litros por hectare, para controle total dos fungos. A primeira aos 40 ou 50 dias (variedades precoces) ou 50 a 55 dias (variedades tardias), e a segunda 15 a 30 dias após a primeira aplicação.

Caso chova, não é necessária nova aplicação, porque Tilt apresenta alta absorção pela planta. Tudo isso resumido, significa simplicidade de uso e aplicação, economia de tempo e material, e muito mais produtividade por hectare plantado.

A hora de plantar está aí. Agora, você já pode escolher com toda tranquilidade o melhor sócio para sua plantação. Fique com Tilt, e multiplique seus lucros.

ATENÇÃO

Este produto, como todo defensivo, pode ser perigoso para a saúde e o meio ambiente.

Use-o corretamente, seguindo sempre as recomendações do rótulo. Consulte um Engenheiro Agrônomo.

Produto registrado na DIPROF-SDSV-MA sob n.º 030583



PARA ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS CHAME OS FONES: (011) 241-0691 (011) 543-9607

CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

* Marca Registrada

Para garantir a produtividade

Com reservas alimentares e ração equilibrada o produtor pode manter a atividade rentável

Guardar alimentos no verão para que o gado tenha alimentos no inverno é uma prática simples e antiga (até as formigas fazem isso), e é a que traz melhores resultados para a atividade leiteira, independente até mesmo do preço, que nem sempre é dos melhores. Tanto isto é verdade que, mesmo com uma evolução dos preços este ano, a conhecida queda na produção de leite do mês de maio, na Cotrijuf, Regional Pioneira, não deixou de acontecer. Depois de iniciar 87 com um preço baixo para o leite, (Cz\$ 5,72 em abril, Cz\$ 8,00 em 1º de junho), o produtor está recebendo agora Cz\$ 10,15 pelo litro, que se não é um bom preço, pelo menos está cobrindo os custos de produção. A produtividade, contudo, manteve sua tradição. Depois de chegar aos 2.785.940 litros em janeiro, a produção total da Pioneira caiu para 1.421.984 em maio.

Para reverter este quadro de baixa produtividade, com poucos custos para o produtor, o setor leiteiro da Cotrijuf está desenvolvendo um programa que inclui desde a formação de pastagens no inverno, ensilagem, até o balanceamento da alimentação via computador, cursos e visitas a outras regiões. Tudo isto para que o produtor, com um fornecimento de energia, protefinas, minerais e vitaminas adequadas mantenha o gado nutrido o ano inteiro.

PERDAS

Segundo o João Carlos Schiffer, que é coordenador da pecuária leiteira na Pioneira, a falta de reservas alimentares tem sido a principal causa dessa queda acentuada da produção, pois "quando ocorre uma variação no fornecimento de energia e protefinas, ocorre o emagrecimento dos animais, que passarão a utilizar as suas próprias reservas". Sem uma alimentação balanceada, diz o veterinário, os animais mesmo bem alimentados durante uma



O produtor Krampe: mais leite com custos baixos

certa época do ano, não conseguirão produzir adequadamente nos períodos em que estes alimentos não são oferecidos. Como resultado apenas a queda no saldo do produtor.

Um bom exemplo é o caso de um produtor com uma produção média de 20 litros por dia, que obteve uma renda de Cz\$ 41.567,00, no ano passado, enquanto poderia ter ganho Cz\$ 64.800,00, caso tivesse mantido uma alimentação equilibrada para o gado. Da mesma forma um produtor que chegou a uma produção média de 70 litros por dia, ganhou no ano passado, Cz\$ 76.416,00, ao invés de Cz\$ 113.940,00.

PROGRAMA

Para evitar estas perdas decorrentes exclusivamente da falta de uma alimentação balanceada para os animais, o produtor pode montar um esquema de elaboração de reservas, aproveitando o potencial genético de sua propriedade. Um bom início é pelo plantio das áreas ociosas com a aveia, ervilhaca, azevém, trevos e sincho,

que são gramíneas e leguminosas anuais, sendo que as duas primeiras podem ser semeadas puras ou em consórcio. No caso do produtor optar pelo plantio puro da aveia, que é uma das forrageiras mais indicadas para alimentação, recomenda-se a utilização de 70 quilos de semente por hectare, ou 40 quilos de semente de aveia mais 30 quilos de ervilhaca, se a semeadura for consorciada. Usando esta medida o produtor terá alimento mais do que suficiente para o pasto direto. No entanto, com o excedente produzido tanto no inverno como no verão, poderá ser guardada na forma de feno ou silagem para ser usado nos períodos de maior escassez — maio e junho — garantindo uma melhor alimentação para o gado.

Mas não é somente a aveia que está sendo destacada neste trabalho de reservas alimentares. Também o milho e a soja dão ótimos resultados nutritivos e financeiros. Com um alto grau de açúcar e por isso responsável por uma boa fermentação, o milho é consi-

derado uma das melhores plantas para a ensilagem. Quanto a soja, ainda pouco utilizada na ração animal, pode ser guardada em forma de grãos pelo próprio produtor e evita um gasto extra na compra de farelo de trigo, que já vem acrescido de impostos e taxas. "Hoje 90 por cento dos produtores possuem o quebrador de grãos, mas dificilmente alguém guarda um pouco da sua safra de soja para o gado", diz o João Carlos, preferindo pagar mais caro pela mesma quantidade de protefinas.

SILAGEM

Dispondo de uma boa área de pastagens e uma boa quantidade de outros alimentos, o produtor pode partir para a armazenagem. Aqui ele também pouco gastará, pois para a construção de um silo "torta", por exemplo, o produtor não gastará mais do que Cz\$ 2.000,00 na aquisição da lona plástica que cobre os alimentos. O outro tipo, o "trincheira", também não requer grandes investimentos, pois o seu revestimento, que geralmente é feito de tijolos, pode ser feito também com lona plástica.

O programa de leite, no entanto, não se restringe a formação de pastagens e a construção de solos. Os produtores podem contar ainda com cinco máquinas colhedoras de forragens, recentemente adquiridas pela Cooperativa, que facilitarão a trituração das pastagens a serem armazenadas, como reservas para os períodos de maio e junho. Segundo o João Carlos, a aquisição destas máquinas faz parte de um programa mais amplo, para o qual a Cooperativa necessitaria de um número maior dos equipamentos para prestação de serviços. Por enquanto elas serão usadas através de um esquema rotativo, mas, para os próximos anos, a Cotrijuf pretende facilitar a sua aquisição por grupo de 10 produtores. Através desse plano, o produtor entra no grupo mediante a contribuição do valor equivalente a uma teimeira e, essa forma, garante o serviço nos períodos mais críticos.

MAIS INFORMAÇÃO

Além da prestação de serviços pelos equipamentos, o setor do leite também está realizando algumas visitas a regiões produtoras de leite, onde os produtores, com poucos custos, atingem uma boa média de produtividade. "O objetivo das visitas, fala o João Carlos, é de que o próprio produtor constate a importância de uma alimentação equilibrada para que os animais mantenham uma alta produtividade, mesmo sem grandes investimentos". Uma das regiões visitadas foi a bacia leiteira de Tapera, onde 90 produtores estiveram no mês de junho. "Tapera está sendo uma boa referência para o nosso trabalho, completa o veterinário, uma vez que a nossa região tem mais condições de clima e maior abundância de área para a formação de pastagens.

Para completar o programa, os produtores estão recebendo um curso de alimentação, desenvolvido em três etapas. A primeira se dedica ao estudo do rúmen do animal (quantidade e qualidade) e a terceira, ao estudo de todos os alimentos que fazem parte da dieta dos animais, informando ao produtor os nutrientes que contém cada cultura. O curso iniciou no mês de junho e já foi realizado nas Unidades de Ajuricaba e Santo Augusto.

Com o lucro garantido

"Nós temos que produzir leite barato para a população, mas hoje enfrentamos um problema de custos tão altos e baixa produtividade, que o preço quase sempre é baixo". A declaração é do Elerson Krampe, produtor de leite da Linha 8 Leste, Floresta, que há dez anos está na atividade. Entusiasmado com o programa de leite, Krampe é um produtor que há um bom tempo deixou de correr somente atrás do preço, para colocar em primeiro lugar a produtividade. Para colocar em prática esta determinação ele começou a ocupar as terras ociosas, de inverno, com o plantio de forrageiras, como a aveia preta e ervilhaca, que hoje já ocupam 40 hectares.

Trabalhando com 40 cabeças de gado numa propriedade de 70 hectares que divide com o pai, Valdemar Walter Krampe, Elerson tem hoje, 14 vacas em lactação, que produzem 150 litros por dias, e para os quais "só nos falta condições de manejo de alimentação", explica. Com uma boa quantidade de reservas alimentares, Krampe já conseguiu estruturar sua propriedade para produzir a custos mais baixos, evitando com isso aquele tipo de atitude que ele não quer repetir. "No ano passado, conta ele, fiquei um pouco apertado para manter os animais e a única solução foi baixar o número de cabeças para aumentar a alimentação".

Hoje Elerson não precisa fazer isso, pois além das pastagens de inverno, que estão servindo para o pasto direto, Krampe tem um silo trincheira com capacidade de 150 toneladas que na próxima safra de verão deverá ser totalmente ocupado com milho e soja. "Hoje estou com sobra de silagem e pasta-

gens. O que tenho daria para alimentar 60 cabeças", diz ele, sem deixar de destacar os elementos indispensáveis para conseguir alta produtividade no leite. Segundo o Krampe é preciso melhorar a alimentação e usar a inseminação artificial.

MAIS INTERESSE

Interessado em tudo o que for necessário para conseguir maior produtividade, Krampe já usou o computador para fazer acasalamento dirigido nos animais, no ano passado. E é por isso também que ele está bastante entusiasmado com o programa, uma vez que o produtor terá chance de conhecer um pouco mais sobre a atividade e melhorá-la. Mas é preciso também mais interesse dos próprios produtores em buscar conhecimentos. "Sempre que o produtor estiver procurando, ele estará crescendo. Se ele parar, ele regride", afirma o produtor que quer aumentar o seu plantel para 20 cabeças, com uma produção diária de 20 litros cada uma. Difícil de alcançar esta meta ele não acha, pois o que viu em Tapera "dá bem para mostrar que, mesmo com pouco, pode-se conseguir mais leite". É o caso de um produtor com apenas 25 hectares, que produz até 250 litros por dia. Estes exemplos precisam continuar a serem mostrados, entende Krampe, que espera contar também com alguns incentivos para construção de benfeitorias.

APROVEITANDO TUDO

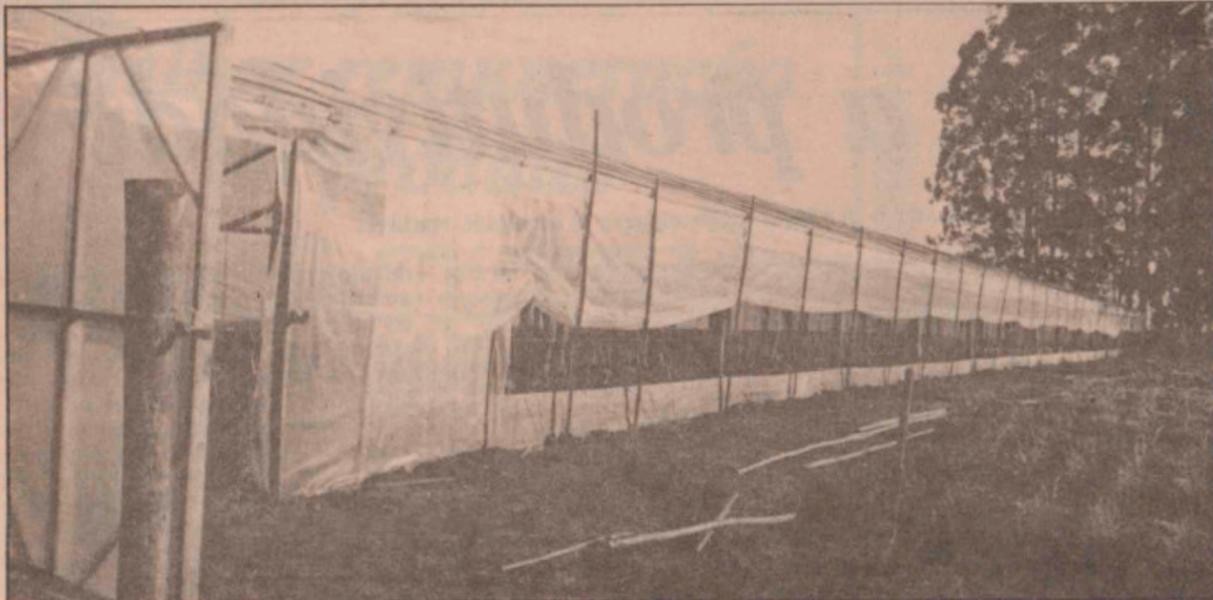
Um outro produtor bastante entusiasmado com a visita a Tapera é o Mogens Nielsen, administrador da entidade assistencial Lar da Criança, que é proprietária de 105 hectares na Linha 9, Floresta. Lidando com

agricultura, "praticamente toda a vida", Mogens morava em Santa Catarina antes de vir para Ijuí, há três anos atrás.

Defensor de uma agricultura eficiente, Mogens cuida hoje de 25 hectares de pastagens na propriedade, ocupados principalmente por aveia preta, azevém, trevos e ervilhaca, destinadas ao trato de 15 vacas, das quais 10 estão em lactação. Para manter a alimentação equilibrada desses animais, Mogens já conta com dois silos. Um deles é do tipo "torta", com capacidade de 25 toneladas, onde está armazenada uma boa quantidade de milho e para o qual Mogens gastou apenas Cz\$ 1.500,00. "Não guardei soja, explica o produtor, porque na época a diferença entre o farelo de trigo e a soja era de apenas 15 por cento. Deveria ter guardado, porque hoje, a diferença já é de 30 por cento". Para esta safra ele poderá contar também com um silo trincheira, com capacidade de 80 toneladas.

CONTINUIDADE

Todo este trabalho de ensilagem é apenas um começo, pois "não sabemos aproveitar tudo o que temos", diz o Mogens comparando a produtividade de Tapera com a da região. Na verdade, no entendimento do produtor, o que realmente acontece em Tapera "é a valorização da pesquisa, vislumbrada pelo planejamento e continuidade do trabalho". Da mesma forma que Krampe, Mogens admirou-se dos resultados obtidos em Tapera. "O que vi lá é onde eu quero chegar", afirma ele, satisfeito com o desenvolvimento do programa de leite. Afinal, "o lucro é o máximo que você pode tirar do pouco que você tem".



A estufa protege o tomate, o pepino e o feijão de vagem das chuvas e ventos



O túnel na produção de alface

O plástico na agricultura

O uso de estufas plásticas na produção de flores é uma técnica que vem sendo adotada já alguns anos com excelentes resultados. Na horticultura esta técnica é mais recente e, na região sul principalmente, ela começa a ter maior credibilidade de dois anos para cá, quando alguns agricultores passaram a investir em tecnologia moderna, visando a produção de hortaliças na entressafra e um produto de melhor qualidade. Produtores da região envolvidos com a horticultura já começam a investir na construção de túneis e estufas de plástico para proteger as plantas contra as chuvas, os ventos frios e as geadas. Os resultados, apesar do investimento relativamente alto, estão sendo considerados muito bons.

Francisco Salla, agrônomo e supervisor da área de cléricultura da Cotrijuf, na Região Pioneira, vê a adoção desta tecnologia pelos agricultores da região com bons olhos. "O uso de túneis e estufas plásticas na agricultura é novidade apenas aqui na região. Os produtores do centro do país, já há muito vêm utilizando esta tecnologia", diz ele. Aqui na região, no entanto, o uso do túnel de plástico tem apresentado retornos mais rápidos na cultura da alface. "Nesta cultura, explica o agrônomo, o agricultor tem a ganhar em tempo, porque acontece uma redução no ciclo da planta e ainda tem a vantagem de continuar produzindo nos períodos chuvosos, obtendo produtos de melhor qualidade". Os túneis de plástico também são utilizados para a proteção de qualquer outra hortaliça folhosa.

CUIDADOS

Mas assim como tem apresentado resultados satisfatórios, um túnel de plástico, por exemplo, também pode apresentar resultados negativos. Para que isso não aconteça, basta que o produtor, na hora de instalação de uma destas unidades, tome certos cuidados. O plástico que cobre o túnel, segundo Salla, precisa ficar muito bem estendido. A questão do manejo é importante: o túnel deve ser aberto ou fechado nos momentos corretos, visando o melhor aproveitamento do calor e manter a ventilação. "O túnel de plástico, avisa, é apenas um componente de uma série de outros procedimentos que o agricultor precisa tomar para alcançar uma boa produção". O canteiro deve ser muito bem preparado, usando para

tanto adubação orgânica, semente de boa qualidade e cultivares corretas.

No caso da estufa, seja ela tipo "capela" ou "Londrina", a recomendação não difere em muito. Começa com a preparação do solo — correção, adubação — seguido do estabelecimento de um bom sistema de drenagem e de água de irrigação. No que trata da construção da estufa, é preciso ficar alerta para alguns problemas que possam surgir, principalmente no que diz respeito às aberturas laterais. Algumas estufas construídas na região estão apresentando problemas de vedação justamente por falhas na construção das aberturas laterais, o que pode comprometer a cultura. Para Salla, o produtor pode evitar estes problemas, utilizando outro tipo de material para suporte das laterais, em substituição a madeira que é pesada e ainda sofre a ação dos ventos e das chuvas. Ele aconselha o uso de canos PVC, de 0,5 de polegada. A abertura deve ser feita de baixo para cima e não ao contrário, como alguns produtores estão fazendo. A parte superior da lateral deverá ficar fixa.

ÉPOCA DE PLANTIO E CONDUÇÃO

Tanto o tomate como o pepino e o feijão de vagem, as culturas escolhidas pelos agricultores da região para serem cultivadas em estufas plásticas, apresentam grande sensibilidade às baixas temperaturas. No caso do tomateiro, o mais comum na região, o pegamento dos frutos depende especificamente da temperatura ambiental e o ideal é que ela fique ao redor dos 15 graus centígrados para facilitar a formação do pólen.

Os três primeiros cachos do tomateiro são os que basicamente determinam a produção tanto para o cultivo em estufas como em plantios tradicionais. O tamanho do fruto está diretamente relacionado com o número de sementes que existem no interior do fruto e que é decorrente da quantidade de pólen fecundado. Por esta razão, o produtor precisa saber que temperaturas abaixo de 10 graus centígrados pode ocasionar insuficiência de pólen e a esterilidade da flor. A consequência desta insuficiência de pólen é que o fruto será miúdo e de pouco valor comercial. Na região, a melhor época de transplante do tomateiro em estufa

é em agosto. No caso do pepino e do feijão de vagem, realizar o plantio diretamente dentro da estufa. O melhor período também é agosto.

PLANEJAMENTO

Todos estes problemas podem ser resolvidos, segundo o agrônomo, com um bom planejamento do plantio do tomate, pepino e feijão de vagem, para que o início da floração ocorra em períodos em que as temperaturas mínimas sejam superiores a 10 graus centígrados. "Sabe-se que durante a noite a temperatura ambiente é mais ou menos igual a temperatura do lado de fora da estufa. Apenas em dias de insolação é que se tem observado temperaturas superiores dentro da estufa.

DESPONTES DA PLANTA

O desponte da planta do tomateiro é uma prática nova e que ainda encontra-se em estudo. Mas já se sabe que ele pode ser feito quando a planta tiver emitido seis ou sete cachos, deixando apenas duas ou três folhas acima do último cacho. A finalidade destas folhas é a de proteger os frutos da "queimadura do sol" e servirem para a fotossíntese de carboidratos. A vantagem do desponte é que ele antecipa a colheita e leva a planta a produzir frutos mais graúdos. A redução da área foliar, por sua vez, tem a responsabilidade de influir na redução das doenças tardias e na aplicação de venenos.

A ventilação dentro da estufa é outro fator muito importante. Além de mexer com as flores e influir de forma decisiva na polinização, ela remove o ar, reduz a umidade relativa e a temperatura em dias quentes e ainda retira a água condensada nas abertu-

Estufas e túneis de plástico para a produção de hortaliças na entressafra

ras. O movimento do ar próximo ao nível do chão é importante para o controle de doenças. A recomendação do Salla é de que seja feito um desbaste nas folhas baixas ou doentes, principalmente quando os frutos do primeiro cacho iniciam o processo de maturação. "Mas como as folhas, segundo a pesquisa, causam a antecipação da maturação dos frutos, este desbaste não deve ser feito em excesso", alerta.

A irrigação dentro da estufa deve ser realizada sempre pela manhã, para que as plantas possam absorver água suficiente para suportar os períodos mais quentes do dia. A irrigação não deve ser feita à tarde ou em dias nublados. Ela pode ser feita por sulcos, cujo investimento inicial é pequeno ou por mangueiras perfuradas. Como fazer a irrigação, fica a gosto do produtor e de suas condições. No controle de pragas e doenças, o produtor deve buscar a orientação técnica.

MELHORES CONDIÇÕES

As informações veiculadas em revistas e jornais do centro do país, alerta o agrônomo, normalmente não servem para o Rio Grande do Sul, "pois devemos respeitar as condições que a natureza nos oferece". As pesquisas levadas adiante pelo Centro Nacional de Pesquisa de Fruteiras Temperadas (CNPFT) da Embrapa, Pelotas e que contam com a participação de outros órgãos de assistência técnica junto aos produtores irão determinar as melhores condições técnicas para a produção de hortaliças no Estado.

A Cotrijuf, através de seu Departamento Agrotécnico, tem buscado orientar seus associados das melhores condições para produção de hortaliças em estufas.



QUEM PLANTA JÁ COMPAROU.

Braskalb

SEMENTES DE MILHO,
SORGO E GIRASSOL
HÍBRIDOS.

Tecnologia Mundial em Sementes

Escritório Central: Rua Visconde de Taunay, 321
Cx. Postal 1741 - Telex 0191334 - BK BC BR
13023 - Campinas - SP - PABX: (0192) 32.4599

Produto de boa qualidade, mesmo na entressafra

O Sadi Berno trabalha com a produção de hortaliças há mais de 16 anos. A propriedade, uma das mais diversificadas da região e onde ele integra a pecuária leiteira, com a suinocultura, a piscicultura e lavoura, está localizada na Linha 4 Oeste, interior de Ijuí. No ano passado, esteve a ponto de abandonar a lida com hortaliças, mas pensou melhor e resolveu dar uma reviravolta nas suas intenções. A primeira providência que tomou e para isso contou com o apoio de um sobrinho que é técnico agrícola e do futuro genro, foi a de investir na construção de uma estufa plástica, tipo capela, de 500 metros quadrados de área para a produção de tomate, feijão de vagem e pepino.

Começou a construir a estufa em novembro e gastou, na época, em torno de 14 mil cruzados em todo o investimento. Em fins de fevereiro fez o transplante das mudas de tomate e de feijão de vagem. As plantas demoraram para desenvolver e ele chegou a achar que não ia colher nada. Deixou a plantação meio de lado, porque achou que a estufa não tinha sido bem feita. "A terra, conta ele, não ficou bem preparada. Foi muito bem adubada, mas ficou muito socada". Hoje ele acredita que se tivesse dado um pouquinho mais de assistência e combatido o ataque de cascudinhos, teria colhido uma produção de tomate superior a que está tirando em 20 por cento

MAIS UMA SAFRA

O seu Sadi pretende, ainda neste ano, fazer mais uma safra de tomate. Dependendo dos resultados, ele vai investir na construção de mais uma estufa plástica para a produção de alfaces. "Se tivesse plantado alface na estufa em lugar do tomate, teria ganho mais".

De todo o jeito, ele já está com a estufa paga e com algum lucro. O tomate me deu um bom retorno, apesar de todos os problemas que aconteceram e das geadas. Seu Sadi está vendendo o quilo de tomate por Cz\$ 20,00 e o de feijão de vagem por Cz\$ 40,00. Ele comercializa toda a sua produção na Feira Livre.

CUSTO ELEVADO

O Rogério Radüns, proprietário de 12 hectares, é um outro vizinho do seu Sadi que está investindo em tecnologia com a finalidade de melhorar a

qualidade do produto. A primeira estufa de plástico já está pronta e os tomates e pepinos em pleno desenvolvimento. O transplante das mudas de tomate foi feito no final de junho. O pepino foi semeado direto na estufa, mais ou menos na época. Conta que teve alguns problemas no preparo do solo, devido ao excesso de chuvas.

O que tem deixado o Rogério um pouco preocupado é o alto custo da construção de uma estufa. Só o plástico deve andar ao redor dos Cz\$ 25.000,00. "Não contando parte da madeira que tínhamos em casa e só pagamos o serviço da serralha, mais os canos e a mão-de-obra, cada uma destas estufas está me saindo por uns Cz\$ 60.000,00". Ele calcula que se tudo correr certinho e a produção for boa, ele paga o investimento em um ano. "É um investimento meio caro para o tempo de duração". Se o plástico aguentar dois invernos, estou mais do que satisfeito".

A maior vantagem da estufa plástica, segundo o Rogério, é que ela permite a produção de tomate, pepino, feijão de vagem fora de época, o que também permite uma receita maior. A produção é alta e a qualidade final do produto também é melhor. O único inconveniente registrado até agora está relacionado com a temperatura. "É muito difícil manter a temperatura com geadas fortes, a não ser que se coloque calefação dentro da estufa". Além das duas estufas de plás-



Sadi Berno: a intenção é fazer mais uma safra de tomate

ticos que mantém, o agricultor Shiro Oba, arrendatário com o pai e mais dois irmãos, de uma propriedade de 11 hectares localizada na Linha 4 Leste, construiu, neste inverno, oito túneis de plástico para o cultivo de alface. "Investir em túneis, diz Shiro, é um excelente negócio. No segundo ano de produção já dá para tirar todo o investimento". Pelas estimativas, ele calcula que vá produzir, neste ano, uns 30 mil pés de alface, divididos em quatro safras. A produção dos túneis de plástico deverá ficar ao redor dos 15 mil pés.

Segundo Shiro, uma das coisas mais importantes na condução de um túnel de plástico cu até mesmo na estufa está no manejo. "Todo o segredo, conta ele, está na administração do plástico. Ele precisa ficar bem esticado". Não pretende construir mais túneis na propriedade porque costuma fazer um escalonamento da produção. "Nem todas as mudas, explica, preci-



Rogério Radüns: duas estufas

sam ser transplantadas no mesmo dia. Sempre é bom deixar algum espaço de tempo".

CORRIGINDO OS ERROS

Mas foi ainda no ano passado, depois de ter lido algumas reportagens em revista a respeito das estufas de plástico, que Shiro resolveu construir a primeira. Dos erros cometidos com a primeira estufa, ele pode aperfeiçoar a segunda. Corrigiu os problemas nas cortinas laterais e inverteu o sentido da abertura, deixando-a de baixo para cima. Também substituiu as guias de madeira que já estavam entortando e permitindo a entrada de ventos frios por guias de cano PVC de meia polegada. Retirou as janelas das duas extremidades porque achou desnecessárias. Bem em baixo, ao pé de chão, ele colocou saia fixa, com 40 centímetros de largura.

Em uma das estufas ele está produzindo tomate, transplantado em junho, e na outra feijão de vagem. Para o ano, ele quer ver se faz duas safras de tomate.



Shiro Oba: 15 mil pés de alface produzidos em túneis plásticos

Você sabe que ervas vão nascer? Não gaste antecipadamente. Espere e aplique Flex e Fusilade.

As ervas daninhas estão prestes a atacar a sua soja. Por isso, aplique os pós-emergentes ICI somente quando e onde as ervas aparecerem. Assim, você fica sabendo quais invasoras combater, tem a certeza da segurança para a sua soja e amplo espectro no controle de ervas. Além dessas vantagens, com Flex e Fusilade você reduz a erosão do solo.



ICI Brasil S.A.
Divisão Agrícola
Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719
Tel. (011) 525-2322 - São Paulo - SP

As carroças e jardineiras fizeram parte da história da região, mas com a era da automação e a mecanização da agricultura, foram substituídas por meios de transportes mais modernos e velozes. Também desapareceram as carpintarias e ferrarias

O desaparecimento das carroças

Longe vai o tempo em que, todos os dias, muito cedo a cidade acordava com o barulho das jardineiras e carroças que vinham da colônia trazendo queijos, natas, leite, schmier, salames, banha, galinhas, ovos, verduras e frutas para serem vendidos na cidade. Não havia chuva, nem frio ou geada que impedisse o colono de vir até a cidade, nem que fosse uma vez por semana, para vender a produção excedente. Hoje os tempos são outros. A agricultura se modernizou, a soja tomou conta da colônia e os carros modernos e sofisticados substituíram as velhas, mas eficientes e econômicas carroças puxadas por parelhas de cavalos. O colono já nem vem tanto a cidade para comercializar a produção que sobra porque o preço do combustível não permite mais um "luxo destes".

As carroças, jardineiras, aranhas e gaiotas, fizeram parte da história de Ijuí e região. "Tudo desapareceu, costume dizer o professor e historiador do Museu Antropológico Diretor Pestana, da Unijuf, Danilo Lazzarotto, com o processo de modernização na agricultura". Os imponentes tratores, as plantadeiras e semeadoras aposentaram os velhos arados e a junta de bois. Até a carroça, muito usada no serviço pesado da propriedade, foi largada num canto, apodrecendo no tempo. Para transportar o pasto da lavoura até o gado, o carroço puxado pelo trator.

MEIO DE TRANSPORTE IMPORTANTE

A carroça, a exemplo do cavalo nas regiões fronteiriças do Estado, foi um meio de transporte dos mais importantes da região. Mas isso não significa que exista alguma coisa que registre tal importância. Não se sabe até hoje o número aproximado de carroças, jardineiras, que circularam pelo município, mas uma idéia pode ser dada através de um trecho do livro "Alto da União e sua história", do professor Danilo Lazzarotto. "Sexta-feira era o dia de buscar carne. Ali o povo se reunia para fazer um joguinho ou outras diversões. Trazia suas mercadorias: manteiga, ovos, queijos e comprava o que precisava. Era uma fila de jardineiras de uma ponta a outra da vila. Era bonito de ver". Contam os mais antigos, que nestes dias chegava a juntar, na vila de Alto da União, mais de 70 jardineiras.

Com o desaparecimento das carroças, também desapareceram as carpintarias e marcenarias, que eram em verdade, as fábricas de carroças. Seguiram o mesmo rumo das carpintarias, as ferrarias. A história da região não registra a existência de uma fábrica específica de carroças, mas o que se sabe é que qualquer carpintaria vivia basicamente da fabricação de carroças. As ferrarias, que se multiplicavam por todos os lados e que hoje desapareceram por completo, se responsabilizavam pelo trabalho de ferragem das carroças.

O Relatório da Prefeitura Muni-

cipal de Ijuí, de 1912, registra a existência de quatro marcenarias e 17 carpintarias. Naquela época o município era formado pelos distritos de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba. O mesmo Relatório registra que em 1915 foram exportados, não se sabe para onde, uma carroça de duas rodas e 10 carroças de quatro rodas. Nesse mesmo ano, uma carroça custava 174 mil réis. Em 1932, momento de grande produção na região e sem problemas de esgotamento do solo, existiam, no município de Ijuí — já desmembrado dos demais distritos — 11 marcenarias na sede e 18 no interior. O número de carpintarias chegava a 23 e o das ferrarias a 35. O ano de 1934 registrou a existência de 19 carpintarias; 25 marcenarias e 37 ferrarias. Daí em diante, nada mais existe que fale de carpintarias, marcenarias

ou ferrarias. O que se sabe de real é que as carpintarias que fabricavam carroças, rodas, arados, grades, tomaram outros rumos ou desapareceram. Das ferrarias, muito pouca coisa ainda resta.

Há até quem diga que hoje não existe mais um ferreiro na cidade que ainda saiba ferrar uma carroça. Deixando um

pouco de lado o exagero, a verdade é que, assim como as carpintarias e ferrarias, que deram importância econômica ao município, também se foram as fábricas de móveis, de manteiga, de salame, cerveja, vinagre, café, cachaça, pente, canivetes, gelo, alambiques, móveis, calçados, entre tantas outras, que faziam de Ijuí, nas décadas de 30/40, uma cidade industrial.



Foto: Museu Diretor Pestana

Muito antes da era da automação, a carroça era quem puxava a produção até o armazém na cidade

Carpintarias: fábricas de aberturas

Bem no centro da cidade de Santo Augusto existe ainda hoje, uma antiga carpintaria. Ela já não funciona há vários anos, mas o seu proprietário, Bortolo Paulo Marasca, hoje aposentado, prefere conservá-la montada. De vez em quando, para não esquecer o antigo ofício, Paulo Marasca faz algum conserto de uma máquina de lavar roupa, ou de alguma roda de carroça para vizinhos ou amigos. "Serviço já não pego desde que me aposentei", conta ele.

Paulo Marasca trabalhou na carpintaria por mais de 20 anos, sempre na cidade de Santo Augusto e foi, durante muito tempo, um dos carpinteiros mais conceluidos e procurados da região. Carroça era com o seu Paulo mesmo. Ele se encarregava da construção da parte de madeira da carroça, mas também fazia cangas para bois e os chamados arados tatus — mais pesados que o arado normal. Nas horas de folga, ele fazia alguns consertos. A parte de ferro, ficava por conta da Ferraria Fucilini, de propriedade de Mário Fucilini. Paulo trabalhava com ajuda de dois empregados e dos filhos, e em épocas de muito serviço, chegava a construir seis carroças por mês, todas elas encomendadas por agricultores da região de Tenente Portela, São Martinho, Três Passos, entre outros municípios vizinhos.

Era uma época de muito serviço para as carpintarias e fatura de madeira. "O que não faltava era madeira. Isso tinha à vontade. Ganhei muita madeira de presente ou troquel por serviço", conta ele.

POUCO SERVIÇO

Alguns anos mais tarde, com a era da automação e do desencanto pelo uso da carroça, um meio de transporte mais lento e sem a sofisticação dos veículos modernos, o serviço de carpintaria começou a desaparecer. Ninguém mais queria saber de carroça. Era o automóvel rodando pela colônia. Essa situação levou Paulo Marasca a mudar um

pouco a atividade da carpintaria. De carroceiro, ele passou a construtor de aberturas. Algum tempo depois ele encerrou de vez as atividades na carpintaria e passou a trabalhar com caminhões de frete. O frete, conta ele, dava mais dinheiro do que trabalhar na carpintaria. Hoje ele já não tem mais a frota de caminhões, mas também não pensa em reabrir a carpintaria por problemas de saúde.

ATÉ PARA O PARÁ

Para quem mora em Ijuí e região, a carpintaria de Ervino Tomm, localizada na Linha 3 Oeste, não é nenhuma novidade. Mas poucos sabem que ele começou fabricando carroças, jardineiras e rodas. Ervino Tomm iniciou a atividade numa pequena carpintaria localizada na Rua Dr. Bozano, onde ele dividia o serviço com mais um sócio. Atualmente a carpintaria trabalha com aberturas sob medidas, carrocerias para caminhões e tratores e escadas. A firma funciona com oito empregados.

Até a década de 60 Ervino Tomm era um dos fabricantes de carroças mais conhecidos. Recebia encomenda de todos os lados, como de Cruz Alta, Santo Ângelo, Tupanciretã, Catuípe, municípios da região da fronteira e de Santa Catarina. Em 1968 pegou uma encomenda de 200 carroças para o Pará. Ele construiu a madeirama e as carroças, que foram encomendadas pelo Inca para serem distribuídas entre agricultores, fazia parte de um projeto de colonização e foram transportadas por peças e ferradas no Pará.

COM ESTOQUE

Parece com esse serviço porque não tinha mais encomenda, conta Ervino Tomm que em determinada época chegou a trabalhar com 200 rodas em estoques, que fornecia para mais de 30 ferrarias da região. "Tenho até hoje peças de carroças que nunca mais consegui vender", diz. Ele acha que em anos



Ervino Tomm



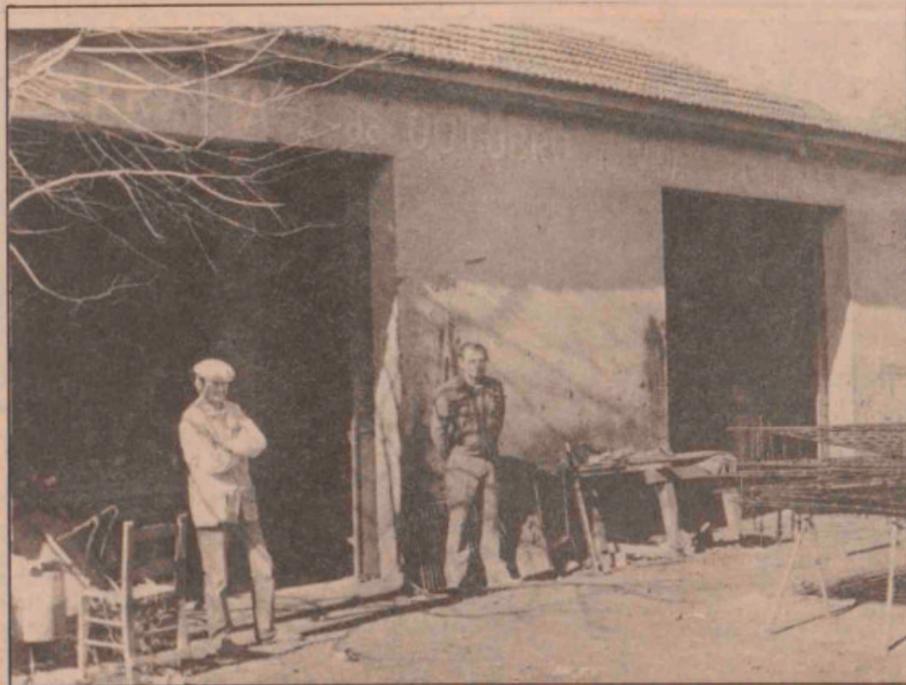
Paulo Marasca

atrás, quando trabalhava apenas com carroças, a vida era mais tranquila porque se trabalhava com estoques. O preço também era mais ou menos garantido. "Se trabalhava quase um ano sem mexer nos preços e se ganhava dinheiro", conta. No ano de 1974 ele calcula que tenha construído as últimas carroças. Cada uma valia, na época, 920 cruzeiros — para 100 arrobas e sem a caixa. Uma carroça com capacidade para transportar até 80 arrobas de peso, custava 830 cruzeiros. Uma carroça completa, para transportar até 60 arrobas, custava perto de um mil cruzeiros.

Ervino Tomm culpa o próprio governo, que incentivou a mecanização na lavoura, pelo desaparecimento das carroças e das ferrarias. O agricultor passou a investir no trator e nas carrocerias. Hoje, lamenta, não existem mais ferrarias. Elas praticamente desapareceram por falta de serviço. Ele não pega mais serviço de carroça nem para conserto. "Ainda tenho um empregado que é do tempo da fábrica de carroças. Acredito que esse ainda seria capaz de construir uma carroça. Mas de resto ninguém mais sabe fazer esse serviço e muito menos existe ferreiro que ainda saiba ferrar uma carroça".

O pouco que restou das ferrarias

A Ferraria Fucilini, localizada na periferia da cidade de Santo Augusto, existe desde 1945, quando foi fundada por Mário Fucilini, um artigo ferreiro que trabalhava na atividade desde os 13 anos de idade. É uma das poucas que ainda sobrevive aos novos tempos. Depois da morte de seu antigo proprietário, a ferraria passou para as mãos de um de seus filhos, o Vidal, o único a se interessar pela atividade. Vidal começou ajudando



Vidal Fucilini (à direita): pouco serviço

Até que agora o serviço está um pouco melhor e só não tenho pego mais por falta de material. Mas tem épocas que passa um mês sem aparecer nada".

NAS HORAS DE FOLGA

Agricultor de profissão e ferreiro nas horas de folga, o seu Romaldo Reinoldo Heiter, de Barro Preto, interior de Ajuricaba, mantém até hoje, instalado num galpão velho, a antiga ferraria que pertenceu ao pai, seu José, falecido já alguns anos. A dona Matilde, de 75 anos e mãe de Romaldo, conta que quando o seu José era vivo, todo o serviço de lavoura era feito por ela e os filhos — um total de sete —, enquanto que o seu José cuidava só da ferraria para poder dar vencimento no serviço. Ele fazia uma carroça por mês e também pegava o serviço de madeira.

O dinheiro que o seu José tirava na ferraria, segundo a dona Matilde, não era muito, mas servia para o rancho da casa. "A gente morava aqui no interior e fazia serviço para os conhecidos da Linha 29, Barro Preto e Monte Alvão. E quando não eram as carroças para ferrar, era um arado ou uma grade para fazer. Serviço sempre tinha e só começou a desaparecer na medida em que o agricultor passou a fazer uma agricultura mecanizada".

DESATIVADA

A ferraria está desativada e o Romaldo só não vendeu ainda o pequeno maquinário, porque tem esperança que um dos seus cinco filhos, ainda pequenos, possa querer se dedicar a profissão. "É claro, admite, que hoje não existe mais serviço para ferreiro e além do mais, está tudo muito moderno. Na época em que o meu pai trabalhava de ferreiro, ele fazia todo o serviço a muque. Até o foles para esquentar o ferro era tocado com as mãos. Hoje existe o compressor que faz este serviço. Tudo dentro de uma ferraria hoje é elétrico. Os equipamentos que temos na ferraria são simples. Ela é mais uma lembrança do pai que ainda conservamos".

De vez em quando, o Romaldo pega algum serviço como conserto de carroça ou de algum arado de um vizinho, "isso para não deixar a ferraria totalmente desativada".

O seu Albino Hermann, de 83 anos, trabalhou muitos anos com ferraria em Chiapetta. Hoje ele está aposentado,

mas ainda gosta de lembrar dos tempos em que, com ajuda dos filhos e de um empregado, chegava a ferrar até três carroças por mês. Diz que não ganhou muito dinheiro com a profissão de ferreiro porque existiam muitas ferrarias que faziam o mesmo trabalho. "Não se cobrava muito porque em todo o lugar, tinha uma outra ferraria, mas serviço sempre tinha. Em 11 dias bem contadinhos, eu aprontava uma carroça e entregava", conta. Anos mais tarde e antes de se aposentar, como o serviço desapareceu, seu Albino também diversificou um pouco a sua atividade e passou a reformar trator e caminhão.

A METADE DE CADA

O seu Eduardo Preissler, 76 anos é, até hoje, apesar de aposentado, um pouco agricultor e um pouco ferreiro, atividade em que trabalhou durante 52 anos. A ferraria do seu Eduardo sempre esteve localizada no meio da colônia, em Linha 4 Leste, interior do município de Ijuí. "Sempre tive muito serviço e trabalhava de acordo com duas carpintarias, uma de Ijuí e a outra localizada no Itaf", conta ele. Além das duas carroças que ferrava por mês, ele ainda fazia outros serviços pequenos, como ferrar cavalo, por exemplo, ou construir arado a tração animal.

De 20 anos para cá, desde que a mecanização tomou conta da lavoura, o serviço diminuiu e o seu Eduardo foi obrigado a dar maior atenção à lavoura, uma área de 17 hectares que cultiva junto com um dos cinco filhos. Diz que não conhece nenhum ferreiro que tenha ficado rico com a atividade, mas também não se queixa. "O dinheiro que ganhei deu para viver e dar estudo para os filhos. Ele ainda mantém a ferraria, mas não pega mais serviços. "Hoje prefiro trabalhar na roça", diz ele. Para lembrar dos bons tempos, ele guarda uma velha, mas bem conservada carroça de quatro rodas que utiliza todos os dias para carregar pastos para o gado de leite. "Meu filho tem trator e carro, mas como não sei dirigir, prefiro a carroça. Ainda é o mais econômico".

A JARDINEIRA E O FREIO

O seu Fioravante Palharini, proprietário de uma pequena ferraria localizada no Bairro Luiz Fogliatto, em Ijuí, tem dois motivos para se orgulhar de sua profissão: ter inventado a jardineira



Fioravante Palharini: inventou a jardineira



Eduardo: guardou a carroça

com pneu e freio e ter construído um arado, uma corrente para canga e quatro braçadeiras de carroça para um agricultor argentino. Ele é ferreiro há 35 anos e começou em Giruá. Foi agricultor por uns tempos, mas se desiluiu com a lavoura e voltou para a antiga profissão.

Admite que o serviço nas ferrarias diminuiu bastante de uns anos para cá, mas que muita coisa tem a ver com o desaparecimento das ferrarias. "Serviço ainda existe. O que não existe mais são as ferrarias e pessoas que gostem da profissão". Também acha que o agricultor está começando a dar novo valor à carroça e ao arado. Conta que de 85 para cá já construiu cinco grades pesadas de tração animal, reformou várias carroças que estavam encostadas e sem uso. "A situação está difícil e o agricultor está reformando as velhas carroças e encostando o trator".



Romaldo Heiter: lembrança do pai

o pai na ferraria quando tinha cinco anos e muito serviço para ser tocado. O pai trabalhava com a ajuda de dois empregados, mas mesmo assim, tinha épocas em que quase não conseguiu dar conta do serviço.

A fabricação de uma carroça, uma jardineira ou uma aranha — espécie de carroça pequena, de duas rodas e que era utilizada para passeios —, era feita em duas etapas. Primeiro a parte de madeira e, na época, quem se encarregava desse serviço era o Paulo Marasca, o dono de uma das mais conceituadas carpintarias das redondezas. A parte de ferro era feita, então, pelo Mário Fucilini. "Lembro muito bem, conta Vidal, que às vezes o serviço era tanto, que a ferraria abria cedinho, bem antes do sol nascer e ia noite adentro". Além das carroças que ferrava para toda a região — Ajuricaba, São Martinho, Tenente Portela e alguns municípios do Paraná — o seu Mário ainda fazia arados, enxadas, capinadeiras.

MAIS DIFÍCIL

Vidal lembra que há 30 anos atrás, tudo era mais difícil e todo o serviço era feito de forma artesanal. Não existia nada elétrico. O ferro para emendar uma ponta na outra era caldeado — um material especial que fazia a liga. A solda não existia por volta de 1945.

Bastante serviço era sinônimo, na época, de bons ganhos. "Meu pai, conta Vidal, não podia se queixar. Ganhou muito dinheiro com a ferraria que lhe permitiu adquirir uma área de terra de 30 hectares e vários terrenos aqui na cidade". Ele ferrava, em média, uma carroça por semana e ganhava por esse serviço, em 1945, 700 mil réis. Mas depois que o automóvel ganhou as estradas do interior e aposentou as carroças e o trator tomou o lugar da velha parrelha de bois e do arado, o serviço também parou de aparecer nas ferrarias, a tal ponto que hoje, pode-se contar nos dedos as que ainda resistem aos novos tempos. "Deve fazer uns 12 anos, lamenta Vidal, que não sei o que é ferrar uma carroça".

Todo o serviço da Ferraria Fucilini se resume, hoje, ao conserto de carroças, alguns arados, "que começaram a sair dos cantos depois que a agricultura entrou em crise". Só na primeira semana de junho, por exemplo, o Vidal consertou quatro arados e uma carroça.

A valorização dos frutos tropicais

Ao contrário de outras regiões do Estado, a do Alto Uruguai é a única que permite o cultivo de frutas tropicais, por apresentar um clima resistente à formação de geadas, que comumente causam sérios prejuízos a estas culturas. Nos locais conhecidos como terras de ladeira e nas encostas do rio Uruguai e seus afluentes, como o rio Guarita, ocorre este microclima, que é caracterizado pela alta umidade relativa do ar (cerração), a qual impede a formação de geadas.

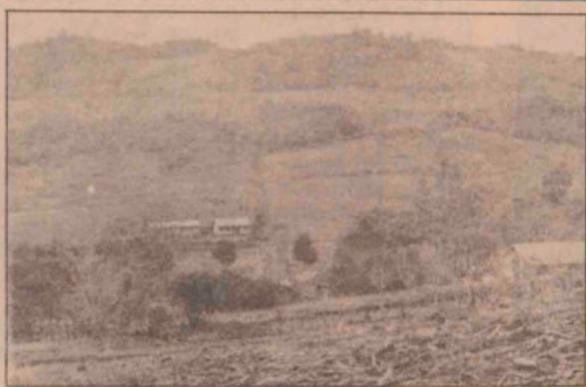
Mesmo favorecida pelo clima, esta região que hoje faz parte da Cotrijuf Regional Pineira, através da Unidade de Tenente Portela, ainda não desenvolve uma produção organizada de fruticultura, continuando dependente de outros mercados do Estado e do País, tanto no ramo dos produtos "in natura" como nos industrializados. Só para ter uma idéia, a Cotrijuf, atualmente, é abastecida por quatro empresas fornecedoras de geléias e dez de compota.

COOPERADO

Para aproveitar as condições favoráveis do microclima existente e, ao mesmo tempo, reduzir os passeios das mercadorias, a Unidade de Tenente Portela, através do seu Departamento Técnico, está lançando o programa cooperado de fruticultura tropical. Iniciando com a distribuição de mudas de banana, abacaxi e mamão, com o objetivo não só de fortalecer o mercado regional como também proporcionar uma outra fonte de renda para o produtor associado da cooperativa.

Segundo o Fernando Frota Dillemburg, engenheiro agrônomo responsável pela fruticultura em Tenente Portela, essas áreas não apresentam mais do que uns poucos pés de bananeira, nascidos ao acaso. Se por um lado o produtor não está aproveitando sua propriedade de maneira racional, por outro, a ausência de uma produção local de frutas encarece o mercado "in natura", pois a maioria destes produtos são fornecidos pela Ceasa de Porto Alegre.

O programa de fruticultura, portanto, evitaria estes passeios, na medida em que colocaria no mercado



O aproveitamento das terras de ladeira com a plantação de bananeiras traz bons rendimentos

local o produto da própria região e daria ao produtor a oportunidade de aumentar a sua renda. Além do produto in natura, o produtor terá a oportunidade de escoar a sua produção, também através da industrialização dessas frutas pela própria Cooperativa, uma vez que o programa ainda faz parte do projeto de agroindustrialização, viabilizado por uma fábrica de geléias e compotas, a ser instalada na Unidade de Tenente Portela ainda este ano.

DESENVOLVIMENTO

Para viabilizar o programa cooperado de fruticultura, o Departamento Técnico de Tenente Portela já contou com a Emater de Torres, a aquisição de seis mil mudas de bananeira e 100 mil mudas de abacaxi, enquanto do Centro Nacional de Fruticultura da Embrapa, na Bahia, foram trazidas sementes de mamão para o cultivo de 35 mil mudas. Tanto as mudas de abacaxi como as do mamão serão cultivadas no CTC, durante o período de três meses, que é o tempo necessário para fazer a transferência definitiva.

VARIEDADES RESISTENTES

Sem planejamento e sem mercado para escoar, o produtor de Tenente Portela ainda não se preocupou em cultivar variedades mais resistentes ou mais aceitáveis pelo mercado consumidor. Por esta razão, o Departamento Técnico está trazendo variedades mais

resistentes ao ataque de pragas e doenças e com melhor produtividade. De acordo com o Frota, a banana do tipo "nanicão" é bem mais produtiva que a "petiça", variedade cultivada atualmente e que perde em peso e apresentação para a primeira. Quanto ao abacaxi, a Unidade está trazendo a variedade "smooth cayene", que possui um fruto mais uniforme. Mais ácido e mais fibroso, o "smooth cayene" é mais indicado para a indústria do que o "pérola", variedade cultivada atualmente e que é mais apropriada para o consumo "in natura", por apresentar mais líquido e mais açúcar. Quanto ao mamão, será oferecido ao produtor o "sunrise solo", uma variedade do tipo papaia, hoje totalmente importado da Bahia. Segundo o Frota, o papaia tem a preferência do consumidor por apresentar um fruto mais cheio e mais polpudo.

GANHOS

Além das suas qualidades naturais e de seu potencial frente ao

mercado, estas variedades frutíferas, assim como outras culturas perenes, proporcionam ainda a conservação do solo nas terras de ladeira. "Se o produtor intercalar um pomar entre as culturas de soja e milho, estará conservando o solo e tirando também uma produção extra", afirma o Frota. Com um hectare de banana, o produtor consegue 20 toneladas do produto. Recebendo Cz\$ 1,00 pelo quilo, o produtor terá em um ano o rendimento de Cz\$ 20.000,00 enquanto com a soja, ele tem hoje, em um hectare, 40 sacos, que lhe rendem Cz\$ 15.600,00 ao ano (preço de julho). Mais do que a banana, o abacaxi rende em um hectare 40 toneladas, que equivalem a Cz\$ 72.000,00 em um ano e meio, que é o seu ciclo de maturação. Com um metra de plantio de 20 hectares de banana, 10 hectares de mamão e 5 hectares de abacaxi, o programa de fruticultura tropical já tem vários produtores inscritos.

Um bom negócio

Embora lançado há pouco tempo, o programa de fruticultura já despertou o interesse de produtores, como o seu Aldino Gandini, proprietário de 38 hectares em Lajeado Loreno. Com parte de suas terras na região caracterizada pelo microclima favorável a fruticultura tropical, seu Gandini deixou de plantar boa parte desta terra. Segundo ele, está muito difícil aproveitar estes lotes para a lavoura, até por causa da chuva "que leva tudo embora". Como a maioria dos produtores de sua região, seu Gandini tem um pomar para o consumo doméstico, do qual ele já pensou em vender o excedente na cidade, mas "sem estrutura não deu. A distância não pagava nem o frete".

A segurança do escoamento da produção de frutas tropicais, no entanto, agradou bastante o seu Gandino, principalmente porque "fica mais fácil para vender". Com segurança, fala o produtor, planto até três hectares de

banana, porque hoje eu sei, se completasse toda a carreira que já tenho de bananeira eu faria um bom dinheiro". Além dos rendimentos, seu Gandini também não esquece os benefícios que o pomar pode trazer para a conservação do solo. "O pomar sempre é bom porque junto com as árvores também nascem os verdejões que seguram a terra".

Outro produtor interessado no programa de fruticultura é o seu Valdir Gervasoni, também de Lajeado Loreno. Proprietário de 12 hectares, seu Valdir afirma que está inscrito no programa há muito tempo, especialmente por causa da banana. "Mas tenho interesse em todo o tipo de fruta, até na laranja", diz ele, contando que "por aqui só aconteceu de matar os pés de banana, abacaxi, quando caiu uma geada há 12 anos atrás".

O ano da geada na região foi o primeiro ano do seu Valdir e dona Lurdes em Lajeado Loreno, depois da



Aldino e Zita pensam em ampliar a área de bananeiras

sua passagem pela Amazônia em 1972, quando muitos pequenos agricultores, incentivados pelo Governo, deixaram o Sul em busca de trabalho e melhores dias. Frustrado, no entanto, e sem condições de produzir e sobreviver no Norte, seu Valdir voltou para cá, onde após três anos, conseguiu comprar a terra em Lajeado Loreno.

Bastante viajado, seu Valdir

parece saber onde apostar. Para ele, o programa de fruticultura é uma forma de diversificação da propriedade. "Do jeito que tá, diz, o pequeno é obrigado a diversificar, principalmente por aqui, onde não são poucas as frustrações com as monoculturas. A maioria ainda acha que o negócio é soja, mas se alguém entrar em outras coisas, todo mundo entra".

O empréstimo rotativo

O quadro social da Cotrijuf começa a discutir outras saídas para a questão do endividamento

Uma provocação ao debate. Desta forma o diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Meotti resumiu as razões que levaram a diretoria eleita da Cooperativa a convocar os representantes da Regional Pioneira para discutir um assunto ainda pendente: a questão do empréstimo rotativo. O assunto foi levantado pela primeira vez no ano passado, por ocasião da discussão em cima da unificação das taxas de capitalização, rediscutido na reunião que antecedeu a assembléia geral ordinária no dia 27 de março e deixado, em banho-maria, à espera de uma melhor oportunidade para ser levada adiante. Nas regionais de Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito, o debate já corre solto entre os associados e qualquer decisão a respeito do assunto deverá ser tomada em reunião conjunta dos representantes das três regionais e que deverá ser realizado em Mato Grosso do Sul, nos primeiros dias de agosto.

O capital ou empréstimo rotativo é a segunda etapa de um assunto que entrou em discussão durante o ano passado e que encerrou com a unificação das taxas de capitalização. "O que estamos fazendo agora, justificou Oswaldo Meotti, é dando continuidade a assunto pendente". Deixou bem claro que a intenção era de apenas reascender o debate em torno do assunto. Disse ainda que sabia que o momento não era apropriado para a discussão, já que o associado enfrenta, também, uma situação de endividamento muito grande. Mas ressaltou que, de qualquer forma, o debate é importante na medida em que poderá provocar até novas sugestões.

PREOCUPAÇÃO

O presidente da Cotrijuf colocou a preocupação de não se ter mais dinheiro barato à disposição. "Nenhuma empresa hoje tem condições de se manter se estiver endividada junto aos bancos. O ideal era conseguir trabalhar sem os bancos", enfatizou. Através do capital rotativo, o dinheiro seria pego emprestado entre os associados, para ser aplicado na própria Cooperativa, já que pegar dinheiro de fora só "come" o capital e, portanto, não pode ser encarada como uma solução viável. "Desta forma, disse ainda Oswaldo Meotti, estaríamos apenas trocando de credores. Em vez de pegarmos o dinheiro do banco, iríamos pegar junto ao produtor".

Ressaltou que o endividamento da Cotrijuf, a curto prazo pode não causar tantas preocupações, mas a médio e longo prazos ele se torna angustiante. Os encargos, embora venham sempre sendo negociados a taxas de juros mais baixas de mercado, ainda assim, são sempre superiores aos ajustes das receitas da Cooperativa. Esta situação, caso não seja tomada nenhuma providência, provocará, certamente, desgaste no patrimônio líquido da Cooperativa (ver gráficos 1 e 2).

O patrimônio líquido da Cooperativa chega a 1,8 bilhões de cruzados — número relativo a 31 de março de 1987 —. Deste total, apenas 8,5 por cento pertencem, de direito, aos associados. 23,7 por cento pertencem a terceiros e correspondem a financiamentos pegos em bancos. A parcela maior, 67,8 por cento a que corresponde ao patrimônio líquido da Cooperativa, são os fundos de reservas sujeitas



Os representantes da Regional Pioneira discutiram o assunto em reunião realizada no dia 19 de junho

a serem corroídas, caso o endividamento continue crescendo.

MUDANÇA NO PERFIL

Mas de que forma poderia acontecer essa mudança no perfil dos credores da Cooperativa? As fórmulas, explicou Oswaldo Meotti, deverão surgir a partir da aceitação da idéia pelo quadro social e da mobilização em torno do assunto". As sugestões apresentadas pela direção já andam correndo pelo interior, fazendo parte das conversas entre amigos e vizinhos. É do debate que novas fórmulas e sugestões poderão surgir. As sugestões que já correm de boca em boca entre os associados das três regionais são as seguintes:

- O empréstimo seria "optativo", sem nenhuma obrigatoriedade e se caracterizaria como um atrativo negócio para o associado investidor;

- O associado investidor teria como garantia de seu investimento o próprio patrimônio da Cotrijuf, que, uma vez não existindo débitos junto a terceiros, poderia ser designado como "inalienável";

- Cada Regional procuraria captar empréstimos rotativos junto aos associados locais. Os recursos levantados serviriam para saldar dívidas da própria Regional. Caso houvessem sobras, estas seriam destinadas a investimentos na Regional que gerou os recursos;

- Os recursos assim arrecadados comporiam o "fundo especial" em cada uma das regionais e seria vedada sua aplicação para qualquer outra finalidade que não fossem as propostas: pagamento das dívidas com terceiros e ou investimentos aprovados;

- O empréstimo poderia ser representado por qualquer produto comercializado pela Cooperativa, como suínos, soja, milho, entre outros. Ele seria escriturado em conta especial ao preço do dia da operação;

- Sobre o saldo credor do empréstimo seriam bonificados valores na conta capital do associado, por transferência dos diversos fundos, de maneira a proporcionar, com o tempo, a que o atual patrimônio líquido da Cooperativa, atualmente indivisível, se tomasse capital direto do produtor;

- Para devolução do empréstimo

seria estabelecido um período de carência, a partir do qual o associado iria liquidando o produto ao preço do dia;

- O empréstimo seria documentado através de um certificado especial contendo todos os requisitos necessários — produto, valor, datas de liquidação, etc. — em nome de cada associado;

- Poderia se estabelecer, inclusive, liberdade ao associado em receber a restituição de seu empréstimo em produto ou produtos diferentes daqueles que emprestou. Por exemplo: se emprestou suínos e quer receber milho;

- O empréstimo rotativo teria uma administração própria, desvinculada do dia-a-dia da Cooperativa e também escrituração e relatórios especiais, semelhante ao que acontece com as sociedades de capital aberto.

- O Conselho de Administração e o Conselho de Representantes designariam uma equipe especial para pesquisar, estudar e regulamentar a matéria. Essa equipe poderia contar com representantes dos três conselhos e mais técnicos das auditorias externas e internas, da própria Cooperativa, e de outras instituições.

Esse empréstimo rotativo, ressaltou o diretor presidente da Cotrijuf, seria apenas mais uma opção no senti-

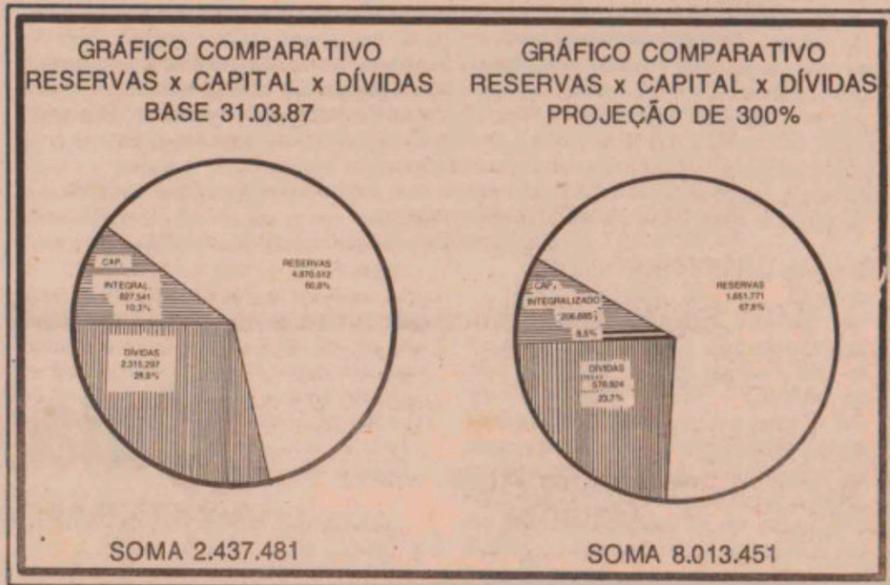
do de se buscar recursos próprios para a redução do endividamento. Também deixou claro que a desmobilização, por exemplo, é um assunto que continua em estudo como alternativa válida. A proposta apresentada pela diretoria não pode ser caracterizada como uma "chamada de capital", porque não seria a solução. "Nós temos que partir para a negociação". Garantiu que esse empréstimo rotativo vai servir, também, para levar o associado a participar mais do dia-a-dia de sua Cooperativa e desviar menos a sua produção, "até porque ele terá de proteger melhor o que é seu".

INTEGRAÇÃO DO ASSOCIADO

Cláudio de Jesus, conselheiro

administrativo, lamentou a desorganização do quadro social. Disse que é hora de se buscar uma força maior, "uma integração dos associados" em benefício da Cooperativa. Delmar Barriuello achou válidas as sugestões apresentadas pela diretoria, mas disse que elas precisam ser melhor estudadas. "O certo é que a solução para a situação de endividamento da Cooperativa precisa sair de dentro de casa". Levantou algumas dúvidas com relação a possível participação de instituições de fora na administração do fundo.

Para Leonides Dallabrida, representante por Ajuricaba, essa é a oportunidade do quadro social atuar e fazer alguma coisa de concreto pela Cooperativa. "É um desafio que temos de enfrentar e levar adiante". Valdir Zardim também concordou com as sugestões. "Acredito que nenhum associado vá se recusar a ajudar a sua Cooperativa". Sugeriu, no entanto, que a Comissão para administrar os fundos seja formada por pessoas da casa. Para Israel Rocha, representante eleito por Ijuí, essa proposta vem para fortalecer o cooperativismo porque torna a participação do associado mais ativa. Euclides Gabbi sugeriu que a discussão seja levada a todo o quadro social. "A sugestão tem seu valor, mas precisamos buscar o consenso".



COOPERATIVISMO & GUIA RURAL ABRIL.

As melhores armas para o produtor defender o seu negócio e o seu lucro.

Guia Rural ABRIL
PINGA NO CAPRICHÓ É BOM NEGÓCIO

Guia Rural ABRIL
PENCA NA ENTRESSAFRA

Guia Rural ABRIL
VALE DOS FALIDOS

Guia Rural ABRIL
SEU NEGÓCIO

CAFÉ DÁ LUCRO, SIM SENHOR

QUE FAZER COM SUA SAFRA

SERVIÇO DE ASSINATURAS

São Paulo	: (011) 823.9222	Florianópolis	: (0482) 22.7982
Belo Horizonte	: (031) 226.3735	Porto Alegre	: (0512) 33.9034
Brasília	: (061) 226.6963	Recife	: (081) 224.6175
Curitiba	: (041) 263.3013	Rio de Janeiro	: (021) 295.5544
		Salvador	: (071) 235.5037

Com o cooperativismo surge a união de interesses e a força de representação do produtor rural. Com a revista Guia Rural Abril ele tem a indispensável informação para tocar o seu negócio com segurança: a informação útil, prática e confiável da mais completa publicação brasileira do setor. Todo o final de mês a revista Guia Rural Abril apresenta as tendências do mercado agropecuário, inclusive do exterior. As decisões governamentais que influenciam a política agrícola. A cotação dos principais produtos. As técnicas e as práticas alternativas de preparo do solo, do plantio e da colheita.

A utilização correta e a manutenção de máquinas e equipamentos. O mercado de leilões. Os cuidados com a criação e a saúde dos animais. São reportagens e matérias que cobrem o território nacional pois a revista Guia Rural Abril é a única publicação especializada que mantém repórteres e colaboradores permanentes em todos os centros agropecuários importantes. Cooperativismo e Guia Rural Abril: duas poderosas armas para o produtor rural enfrentar o tiroteio da política, da economia e das adversidades naturais do campo.

Saque rápido! Você encontra a revista Guia Rural Abril todo o fim de mês nas bancas de todo o Brasil.



A Editora Abril
Garante

Guia Rural
ABRIL

A INFORMAÇÃO QUE ORIENTA

JÁ NAS BANCAS!

Na nova fronteira

A chegada da Cotrijuf a Sidrolândia se deu via incorporação da Copemara (Cooperativa Agrícola de Maracaju), aprovada em assembléia geral conjunta no dia 21 de dezembro de 1977, com a Cooperativa assumindo as instalações existentes no município.

Urgente era a necessidade de investimentos, para atender a crescente demanda por armazéns. A final, estava-se iniciando a expansão da agricultura na região e era preciso se adequar a esta realidade. E foi em Sidrolândia que a Cotrijuf construiu o primeiro armazém graneleiro em sua nova área de ação. Outros investimentos também foram realizados, como a construção do Posto de Recebimento de Anhanduíf, no município de Campo Grande. Este Posto de Recebimento está subordinado administrativa e financeiramente à Unidade de Sidrolândia, distante 63 quilômetros.

PEQUENA ESTRUTURA

Quando da incorporação da Copemara, a Unidade de Sidrolândia tinha uma pequena estrutura de recebimento, que já se mostrava incapaz de atender a expansão da agricultura na região. Um prédio para o escritório, um armazém convencional para 12 mil toneladas de produtos ensacados, quatro moegas de recebimento e uma capacidade de secagem de grãos de 36 toneladas/hora era o que havia na Unidade.

O atual gerente, Luiz Mariotti, explica que a Copemara praticamente só operava com arroz, produto recebido ensacado. A soja ainda era um produto secundário, recebido em média no volume de 4.800 toneladas por safra, ou seja, pouco mais que um terço da capacidade do armazém existente.

A necessidade de investimentos era premente. E foi em Sidrolândia que a Cotrijuf construiu seu primeiro armazém graneleiro no então recém criado Estado de Mato Grosso do Sul. Com capacidade estática para 40 mil tonela-

das — hoje dotado dos recursos da aeração e termometria — o graneleiro foi inaugurado em 1979 com a presença do ex-ministro da Agricultura, Ângelo Amaury Stábile, e do governador Marcelo Miranda Soares, então em seu primeiro mandato, além da direção da Cooperativa e lideranças rurais da região. Junto ao novo armazém foram construídas outras quatro moegas, ampliada a capacidade de secagem em mais 40 toneladas/hora e um desvio ferroviário, com terminal de carregamento de vagões.

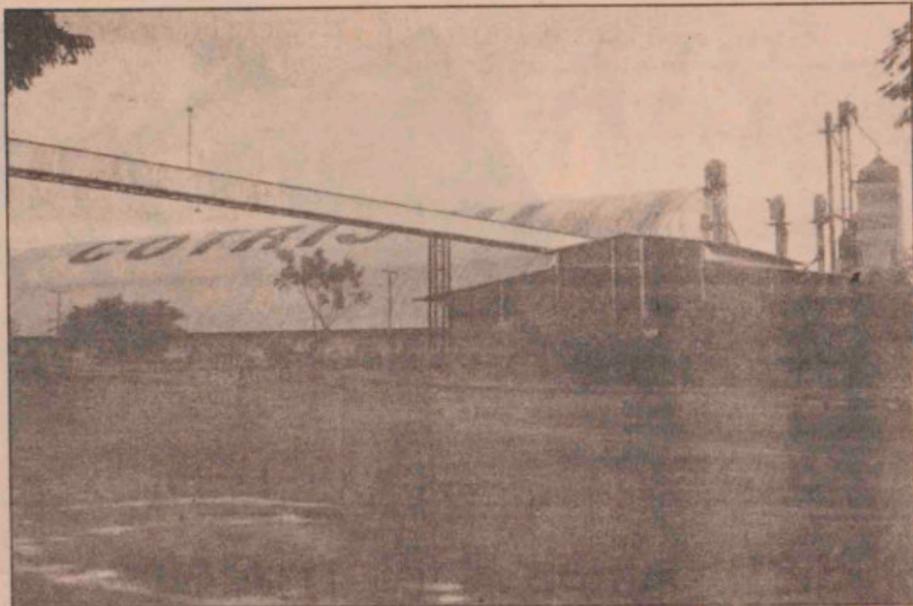
Praticamente à mesma época foi construído outro armazém pela Cooperativa, com capacidade para 15.700 toneladas e mais silos para 1.300 toneladas. Esta nova estrutura está localizada no distrito de Anhanduíf, no município de Campo Grande. Este Posto de Recebimento está subordinado administrativa e financeiramente à Unidade de Sidrolândia, distante 63 quilômetros.

Este ano, a Cooperativa concluiu a construção em Sidrolândia de um armazém para insumos, com capacidade para 2.500 toneladas de produtos, que vão desde adubos e sementes, até herbicidas, inseticidas e outros.

CAPACIDADE SUPERADA

Apesar dos investimentos feitos pela Cotrijuf nos últimos 10 anos, a capacidade estática hoje existente em Sidrolândia foi insuficiente para receber toda a produção dos associados. Tanto na Unidade quanto no Posto de Anhanduíf se pode ver pilhas de arroz, armazenadas a céu aberto, num volume estimado em 40 mil sacos.

A média de recebimento da produção agrícola tem-se mantido estável de ano para ano, variando apenas em função do maior ou menor estímulo do



Em Sidrolândia, o primeiro graneleiro da Cotrijuf no MS

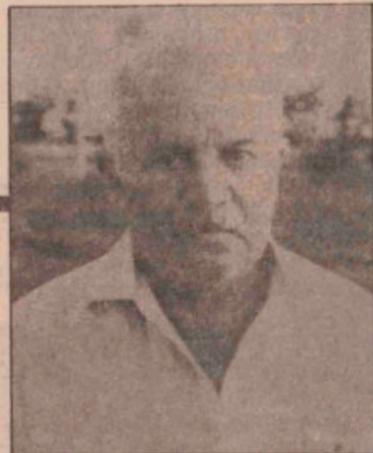
Governo a determinadas culturas ou então a fatores climáticos.

QUADRO ESTÁVEL

O quadro social da cooperativa em Sidrolândia tem sido dos mais estáveis ao longo dos últimos 10 anos. Quando da incorporação da Copemara, o número de associados girava em torno de 170, estando hoje em 276 associados ativos.

Por serem em sua maioria médios e grandes produtores, os associados de Sidrolândia são muito exigentes para com a cooperativa, pois dela de-

pendem em boa parte para a armazenagem e comercialização de suas safras. Isto, em contrapartida, gera um maior compromisso, tanto é que a diferença entre o número de associados ativos e os inscritos é muito pequena. Em sua maioria eles operam regularmente com a Cooperativa.



Paulino Straliootto

Uma opção acertada

Associado da Cotrijuf desde os primeiros anos da Cooperativa, Paulino Straliootto entende ter sido "uma opção acertada" a vinda da Cooperativa para Mato Grosso do Sul, em especial para Sidrolândia, município onde tem suas terras. Lembra que na época, há quase 10 anos atrás, poucas eram as opções dos agricultores de Sidrolândia para entregar a crescente produção agrícola, entre as quais a Copemara, uma cooperativa que enfrentava sérias dificuldades.

"A vinda da Cotrijuf, a adoção de novas técnicas e o consequente desenvolvimento agrícola do Estado", são alguns dos fatores apontados pelo associado para justificar as mudanças havidas nestes quase 10 anos. Se alguma coisa não deu certo, prossegue o seu Paulino, isto não foi por culpa da Cooperativa, e sim da situação econômica do País. Segundo ele, "desde que começou, o cooperativismo andou tranqüilo, até iniciar o desmando do Governo", acrescentando que se hoje a Cooperativa não desempenha o papel esperado pelos associados é porque não tem condições de saber como será o dia de amanhã, porque nem o Governo sabe como será".

Usando a antiga frase segundo a qual "se o agricultor está mal todos também estarão", entre eles a Cotrijuf, Paulino Straliootto diz que muitas vezes os produtores têm deixado de operar com a Cooperativa porque julgam que ela não atende seus interesses, quando, na verdade, o problema maior está na situação econômica do País.

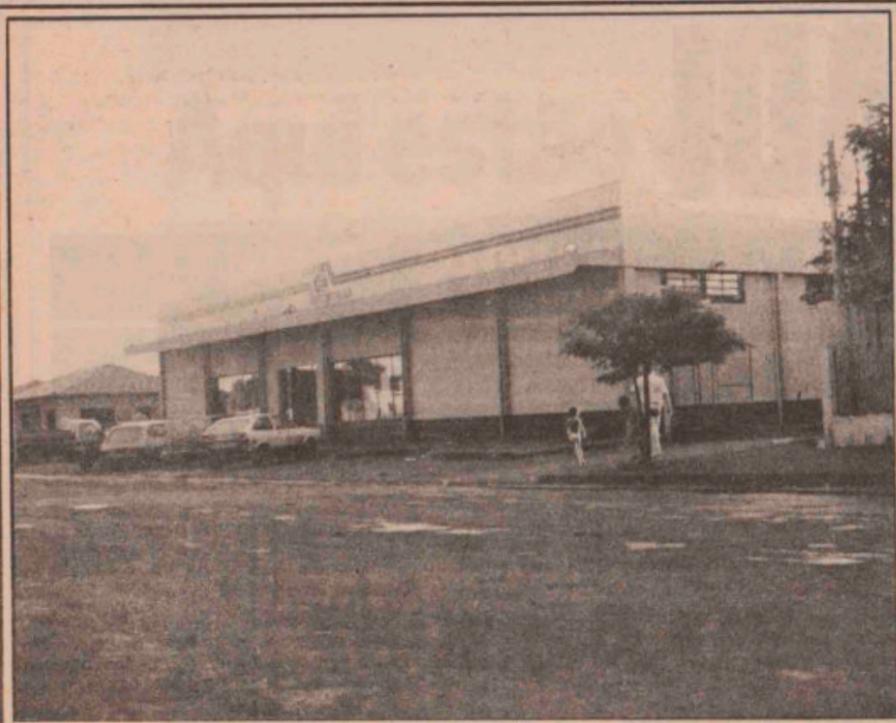
ESPÍRITO EMPRESARIAL

Hoje, Paulino Straliootto é membro do Conselho de Administra-

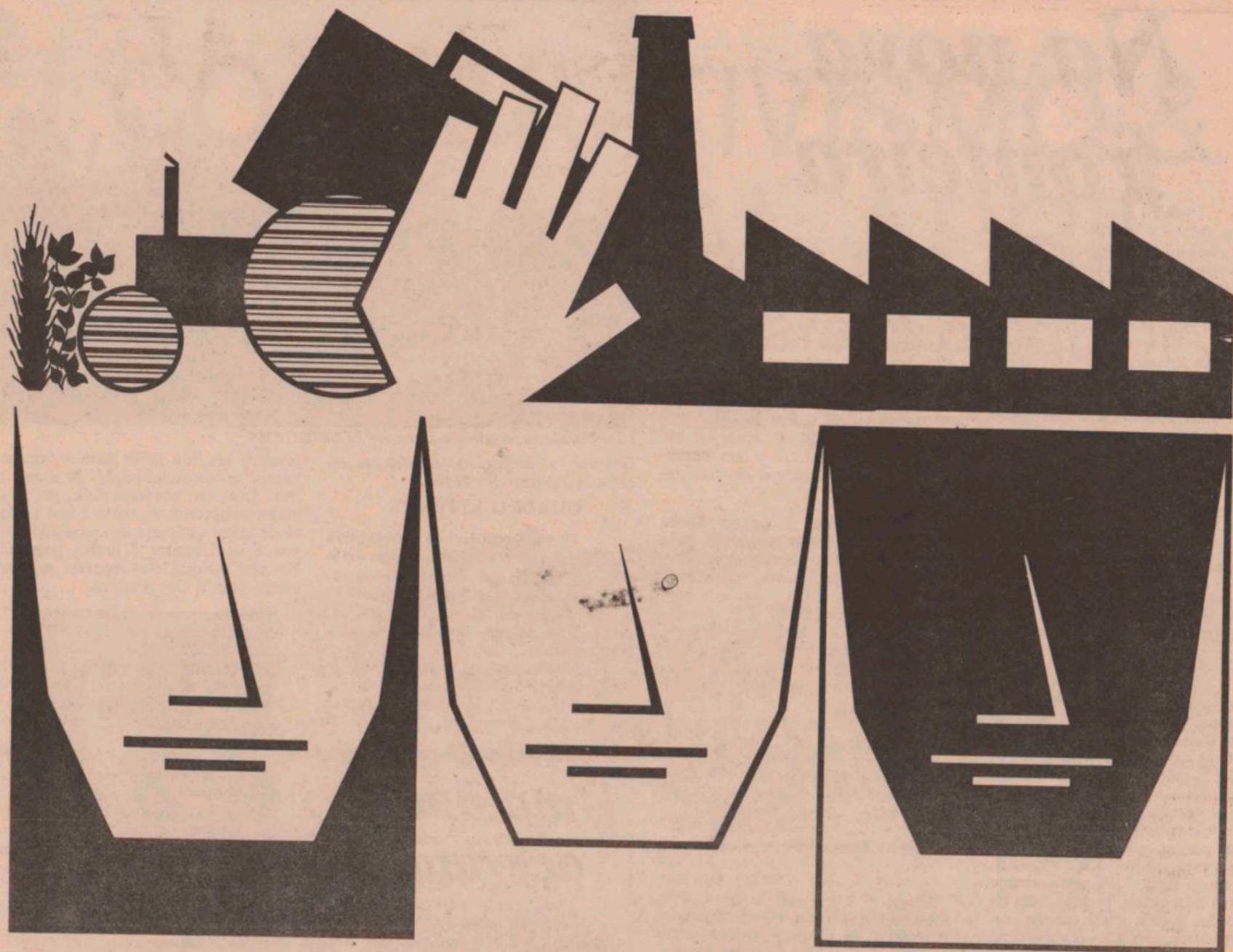
ção da Cooperativa e também preside o Sindicato Rural de Sidrolândia. Essa liderança o habilita a falar dos associados, que em sua opinião são bem diferentes dos associados da Cooperativa em outras regiões de Mato Grosso do Sul e, principalmente, da Região Pioneira. Esta diferença, segundo ele, está em serem em sua grande maioria médios e grandes produtores, tendo por isso mesmo uma visão mais empresarial de suas atividades. Outro fator que acentua esta diferença é a grande concorrência no mercado dos produtos agrícolas, em especial da soja, o que leva os produtores sempre a procurarem o melhor negócio no momento e a deixar um pouco de lado a preocupação com o futuro.

Entregar 20 mil sacos de qualquer produto é bem diferente que entregar 200, diz o seu Paulino para justificar as exigências que muitas vezes são feitas à Cooperativa pelos associados, ou então a dificuldade dos associados aceitarem algumas normas apresentadas pela direção da cooperativa.

Nestes quase 11 anos que está em Mato Grosso do Sul, Paulino Straliootto testemunhou também outro momento na vida dos associados da Cooperativa. Foi quando eles se reuniram para ajudar a Cotrijuf na construção de um prédio para o supermercado. Na oportunidade foram emprestados de 2 a 3 mil sacos de soja para a Cooperativa fazer a obra, na primeira iniciativa do gênero no Estado, volume este já devolvido integralmente.



Os associados participaram da construção do supermercado



III EXPO-IJUÍ I FENADI

DIVERSAS VERTENTES FAZEM O RIO DAS GRANDES ÁGUAS

EXPOSIÇÃO-FEIRA e FESTA CULTURAL

Agropecuária • Indústria • Comércio
Artesanato • Culturas Diversificadas

10 A 19 DE OUTUBRO DE 1987

PARQUE REGIONAL DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES ASSIS BRASIL
PREFEITURA MUNICIPAL DE IJUÍ
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE IJUÍ

IJUÍ-RS

O Noroeste avalia as AIS

O desempenho das Ações Integradas de Saúde, as dificuldades encontradas e as soluções para sua viabilização foi um dos encaminhamentos do Seminário Regional das AIS, realizado no dia 19 de junho, no auditório do Inamps de Ijuí. Com a participação de 190 representantes de instituições de 20 municípios que fazem parte do Noroeste do Estado, os debates foram desenvolvidos por coordenadores de Cims, prefeitos, vereadores, secretários municipais de saúde, enfermeiros, nutricionistas, médicos, usuários e cooperativas. Como painelistas estiveram presentes, representantes do Inamps, Iapas e Secretaria da Saúde e Meio Ambiente.

Segundo os participantes do seminário, as AIS se constituem na melhor forma de mobilizar e democratizar as questões da saúde, abrindo a discussão para um contexto mais amplo, onde a própria comunidade encaminhe as soluções para os seus problemas, através também de uma mudança de mentalidade sobre a saúde. No aspecto funcional, no entanto, as conclusões dos participantes não foram tão otimistas. Ainda que se conte, hoje, com uma grande adesão dos municípios, com a implantação de novos serviços e unificação de outros, ou que as verbas destinadas às AIS pelo Inamps, estejam sendo repassadas, muitos são os problemas encontrados para sua viabilização no Noroeste do Estado.

DIFICULDADES

Não só os aspectos relativos a estrutura funcional, como a centralização a nível de município, para gerir os recursos e o sistema de referência e contra referência precários, preocupam as entidades envolvidas no trabalho de ações integradas. Existem ainda alguns equívocos, como a idéia de que as AIS são de baixo custo e destinadas apenas a uma parcela da população, o que contraria o seu caráter universal de prestação de serviços, assim como as



Distribuição dos recursos, um grande problema

distorções provocadas por pagamentos de serviços feitos por procedimentos, que ocasiona uma busca mais por quantidade do que por qualidade.

Os maiores problemas apontados pelo Seminário, contudo, continuam sendo aqueles ligados a falta de recursos, a baixa remuneração e a sua má distribuição ou impontualidade dos repasses. Questionou-se onde está esbarrando a falta de uma maior clareza e definição da aplicação dos recursos retidos pelas Cooperativas em decorrência do convênio cooperativa-Iapas. Mas, a estes problemas, junta-se a não valorização do trabalho de alguns profissionais de saúde, através dos salários baixos e da ausência de critérios para contratação nos órgãos de todos os níveis.

O papel das prefeituras, entidades e usuários também não ficou de fora. Segundo o relatório do Seminário, a maioria das prefeituras está envolvida num trabalho assistencialista,

enquanto muitas entidades não possuem ainda uma postura política em relação a saúde. Por parte dos usuários, além da falta de participação, sofrem ainda a discriminação do rural em relação ao urbano.

A todos esses problemas, juntam-se ainda os de ordem estrutural, como a indefinição constitucional de saúde por parte do governo e o controle da produção de medicamentos por parte de multinacionais, travando os objetivos das AIS na realização de um sistema unificado, onde a prevenção seja priorizada.

APERFEIÇOAMENTO

Entre as várias propostas de aperfeiçoamento retiradas no Seminário, destaca-se a descentralização político administrativa das AIS e a unificação do sistema de saúde, evitando com isso a diferenciação entre os serviços urbanos e rurais. Paralelamente a estas propostas, a implantação dos

distritos sanitários, que de acordo com a 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em janeiro de 85, prevê um trabalho conjunto de vários municípios através de suas afinidades e não simplesmente por aglutinação geográfica. Desta forma, todas as Cims deveriam estar ligadas a uma Comissão Regional Interinstitucional, que faria o trabalho consultivo, enquanto as Cims, hoje sem um efetivo poder de decisão, ficariam com o trabalho deliberativo.

Em relação a distribuição dos recursos financeiros, o Seminário reivindicou a reforma tributária, com a unificação das fontes de recursos destinadas às AIS, e um aumento do percentual do Funrural às cooperativas (incluindo o recolhimento de todos os produtos) e a extensão desse percentual para o comércio. Outra proposta diz respeito aos recursos a serem orçados pelos municípios, devendo estes serem de 10 por cento, enquanto Estado e União dividem os outros 10 por cento, ainda que parte das contribuições ao Iapas pelos funcionários do município deva ser aplicada nas AIS. Quanto aos recursos humanos, foi exigido uma equiparação salarial de todos os técnicos científicos, independente da instituição que esteja vinculada e a contratação de médicos com dedicação exclusiva.

CONSTITUINTE

Afora as questões operacionais que devem ser encaminhadas nos municípios ou junto aos órgãos estaduais ou federais, as propostas mais abrangentes serão encaminhadas à Assembleia Nacional Constituinte. Seguindo as decisões da plenária, uma comissão formada por coordenadores e integrantes das Cims está elaborando um texto a ser enviado como proposta de emenda na Nova Carta, onde fique assegurado que a saúde é um direito de todos e um dever do Estado, e a criação de uma indústria química farmacêutica estatal.

Lubrificação de Máquinas Agrícolas

Aqui estão os óleos do seu dia-a-dia.



Shell Rimula CT

É o mais recomendado para motores diesel turbinado ou de aspiração normal que operam em condições extremamente severas. Modernos aditivos detergentes-dispersantes reduzem ao mínimo a formação de lacas e vernizes nos êmbolos, cilindros, válvulas e a colagem dos anéis. Por sua vez, os poderosos aditivos antioxidantes do Rimula CT praticamente eliminam ou reduzem ao mínimo a formação e o depósito de lacas e borras resultantes da oxidação do lubrificante e do combustível.

Shell Spirax

Óleo lubrificante para engrenagens tipo hipóide. É recomendado para caixas diferenciais, caixas de redução, de câmbio, caixas de direção e juntas universais.

Proteção contra a corrosão e umidade.

Spirax HD oferece proteção adequada contra a corrosão das engrenagens e outros componentes de eixos sujeitos à ação prejudicial da umidade. Apresentam também excepcional resistência à deterioração por uso prolongado.

Shell Tellus 68

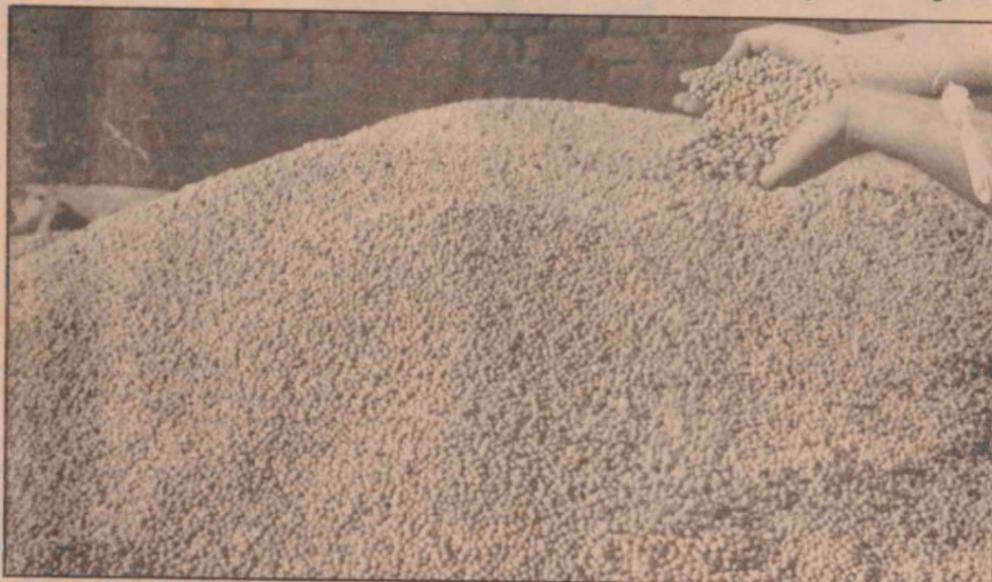
Óleo lubrificante para sistemas hidráulicos. É fabricado com básicos parafínicos altamente refinados e contém aditivos antioxidantes, antiferrugem, antidesgaste e antiespuma.



Você pode confiar

A surpreendente alta nos preços

A elevação no preço da soja alcançou quase US\$ 1,00 por bushel



Soja: a reação nos preços pegou muita gente de surpresa

Prof. Argemiro Lufs Brum - Montpellier - França

1 - Análise Técnica

O mercado internacional da soja recuperou-se surpreendentemente no mês de maio passado. As baixas cotações que vinham se verificando há mais de um ano foram substituídas por uma elevação que alcançou quase US\$ 1,00/Bushel (1 Bushel = 2,21 Kg) de grãos na Bolsa de Chicago se considerarmos o período entre setembro/86 e junho/87. É verdade que ainda estamos longe, neste meados de junho, momento em que escrevemos este artigo, das cotações dos primeiros três anos desta década de 80. Naquela época o grão de soja chegou a ser cotado, em média, entre US\$ 7,00 e US\$ 8,00 por Bushel na referida Bolsa. Hoje as cotações alcançam US\$ 5,58/Bushel (cotação de 09/06/87). No entanto, se verificarmos o quadro abaixo notamos que a recuperação existe, tanto para o grão como para o farelo e o óleo.

O que podemos verificar é que, com relação ao grão, após uma queda entre dezembro/84 até dezembro/85 (um ano de queda livre no qual o grão perdeu exatamente US\$ 1,00/Bushel), houve uma fraca recuperação nas cotações entre janeiro/86 e junho/86. Após, as cotações despencaram novamente (o nível mais baixo foi atingido durante o mês de setembro/86), para, a partir do início de 1987, acontecer uma nova recuperação, desta vez, mais forte que a anterior se compararmos junho/87 a setembro/86. Mas as cotações atuais ainda estão longe daquelas alcançadas no final do ano de 1984.

Ao mesmo tempo o quadro nos mostra que o farelo neste início de junho/87 rompeu espetacularmente a barreira dos US\$ 160,00/TM que vinha sendo sua média desde junho/86, para alcançar US\$ 192,00/TM no dia 09/06/87. Paralelamente, o óleo de soja, após uma queda espetacular entre junho/85 a março/86, observa uma leve recuperação entre março e junho/86 para cair novamente aos níveis mais baixos do período considerado (US\$ 0,1307/libra em setembro/86). Sua recuperação após, é uma retomada do terreno perdido nesta última queda. Entretanto, como para o grão, suas cotações estão longe dos níveis alcançados durante o ano de 1985.

Mas o fato interessante observado com os dois derivados da soja

é que existe uma inter-relação entre os mesmos. Assim, quando as cotações do farelo caem, as do óleo se elevam e vice-versa. Esse fenômeno, que pode ser classificado como de compensação, no período por nós estudado, aconteceu entre dezembro/84 até praticamente setembro/86. A partir de dezembro/86, os dois derivados passam a ter juntos uma tendência altista que veio se confirmar no mês de maio/87.

Duas perguntas nos vêm ao espírito neste momento:

1) Por que as cotações tiveram esta surpreendente elevação nestes dois últimos meses?

2) Esta elevação é uma resposta a fatores conjunturais ou poderá durar mais tempo, digamos até a nossa próxima safra de soja?

2 - Os motivos da alta

Em cruzados os preços também se elevaram a partir do mês de maio, segundo informações recebidas aqui na França. De um lado, é preciso considerar que ao ritmo inflacionário vivido pelo Brasil nestes cinco primeiros meses do ano de 1987 (oficialmente 23 por cento em maio, 27 por cento segundo a Fundação Getúlio Vargas) e as constantes "medidas" econômicas adotadas pelo governo brasileiro (no momento em que escrevemos este artigo tomamos conhecimento que o Brasil lançou um "novo" plano Cruzado) os preços das matérias-primas deveriam se elevar, mais dia menos dia, acompanhando a ciranda geral.

No entanto, também no exterior houve novidades que se traduziram pela elevação nas cotações em Chicago como já vimos. Infelizmente algumas delas dificilmente previsíveis.

Inicialmente três notícias fizeram o mercado reagir: a) as fortes chuvas na América do Sul no momento da colheita; b) tensão nos EUA com o anúncio de uma baixa de 8 por cento no plantio da safra de soja daquele país; e c) uma pequena seca no início do plantio da soja norte-americana.

Pouco tempo após estas notícias, outras três informações, estas de maior impacto sobre o mercado, vieram surpreender as previsões até então feitas.

Em primeiro lugar, o anúncio de uma recuperação no consumo do óleo de soja. Segundo a revista especializada Oil World, esta recuperação

na demanda dos óleos poderá permitir uma continuação na alta dos preços da soja.

Em segundo lugar, a aplicação de dinheiro nas bolsas de valores e nas principais moedas do mundo (especialmente o dólar) se desvia para certas matérias-primas cotadas em bolsa. Entre maio de 1986 e maio de 1987 a prata ganhou 40 por cento no mercado mundial enquanto o ouro progrediu de 29 por cento em valor. Estas fortes elevações nas cotações do ouro e da prata confirmariam esta nova reação do capital mundial. A total insegurança econômica do mundo é o grande motivo. Dentro deste quadro, a soja estaria sendo procurada pelos investidores e especuladores em bolsa.

Em terceiro lugar, as compras soviéticas voltaram a crescer no que tange a soja. Os corretores europeus especulam que as conseqüências a médio e longo prazo de Tchernobyl comecem a se fazer sentir na URSS.

A coincidência temporal deste conjunto de notícias fez com que o mercado reagisse. No nosso entender, as três últimas notícias são o centro do fenômeno. Sem, entretanto, jamais esquecermos o fator clima durante o desenvolvimento da safra nos EUA.

3 - Até quando durará este movimento de alta?

Impossível de sabermos de forma precisa! O que sabemos é que o aumento nos preços da soja não tem nada a ver com um possível aquecimento estrutural da demanda de farelo no mundo e particularmente na CEE (Comunidade Econômica Européia). Especula-se que as compras soviéticas sejam em função de Tchernobyl, porém, segundo os especialistas europeus que consultamos, jamais se saberá exatamente o que realmente as motivaram.

Frente as informações conhecidas podemos levantar duas tendências a curto prazo. A primeira, positiva para o mercado, leva em conta o fato de que o mercado da soja caiu muito

nos últimos três anos (as cotações na tabela confirmam isto). Isto significa dizer que, dentro de uma análise técnica (grafista), o mercado tem espaço para subir ainda mais. Impossível de dizer até quanto! Por outro lado, sabemos igualmente que navios soviéticos, em função dos portos europeus estarem sobrecarregados, estão buscando soja diretamente nos portos norte-americanos fazendo com que o mercado se agite em especulações. Além disso, confirma-se pouco a pouco que a safra de grãos da URSS será menor do que a do ano passado, sem falar no fato que seu aproveitamento estaria seriamente comprometido pela radioatividade ocasionada pela explosão da usina atômica de Tchernobyl em abril de 1986. Quanto a tendência do óleo de soja, parece que seu consumo será sustentado para os próximos meses. Enfim, não se pode esquecer que 1988 é ano de eleições presidenciais nos EUA e que os produtores de grãos votam. Isto permite especular no fato de que o atual governo norte-americano esteja adotando medidas pontuais em favor de uma melhor remuneração, por intermédio dos preços, a estes produtores.

A segunda tendência, esta negativa para o mercado, leva em conta o fato de que a partir de setembro de 1987, não ocorrendo problemas climáticos nos EUA, a colheita norte-americana de soja, associada a colheita de oleoproteaginosas na Europa, estagnará a demanda ocasionando uma queda nos preços novamente. Junto a isto, o fato de que a demanda de óleo forçará uma maior trituração de grãos e por conseqüência uma maior oferta de farelo. Este farelo deverá forçar os preços para baixo caso as compras soviéticas não se prosseguirem, o que pode ser provável. Paralelamente, a abundância de substitutos ao farelo de soja, como é o caso da ervilha proteaginosas na CEE, deverá concorrer fortemente com a soja. Na França, por exemplo, as rações para suínos praticamente estão dispensando o farelo de soja.

A grande incógnita é quanto aos investimentos dos especuladores. Até quando eles continuarão buscando as matérias-primas como zona de refúgio?

QUADRO Nº 1 - EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DA SOJA E SEUS DERIVADOS NA BOLSA DE CHICAGO (1)

DATA	GRÃO (US\$/Bushel)	FARELO (US\$/TM)	ÓLEO (US\$/Libra)
11/12/84	5,92	161	0,2710
05/03/85	5,71	142	0,2768
04/06/85	5,62	131	0,3007
10/09/85	5,07	139	0,2151
03/12/85	4,98	157	0,1913
04/03/86	5,32	178	0,1699
03/06/86	5,27	163	0,1727
02/09/86	4,70	167	0,1307
30/12/86	4,89	156	0,1518
03/02/87	5,00	161	0,1646
09/06/87	5,58	192	0,1660

(1) Cotações na primeira quinzena de cada mês em questão, com exceção de dezembro 1986.

1 Bushel = 27,21 kg ; 1TM = 1000 kg ; 1 Libra = 0,45359 kg
Fonte: Dados recolhidos no semanário "La Dépeche Commerciale et Agricole", Paris, 1984 a 1987.

Recomendações

ALHO: CONTROLE DE INVASORAS E ADUBAÇÃO DE COBERTURA

A lavoura de alho já está em pleno andamento, porém, existem algumas providências que precisam ser tomadas ainda neste mês e que são sugeridas pelo agrônomo e responsável pela área de Olericultura da Cotrijuf, o Francisco Salla. É justamente nesta época, que a presença de inços causam maiores perdas de produção na lavoura de alho, por esta razão a orientação técnica é de que o produtor faça uma capinada para eliminar totalmente os inços. Também sugere a escarificação do solo, ou amontoa da terra junto a planta e a adubação de cobertura.

As capinas e amontoas devem ser realizadas conforme a necessidade da lavoura, procurando evitar a ocorrência das invasoras e a compactação do solo. Com relação a adubação de cobertura, o agrônomo lembra aos produtores que o alho é extremamente sensível ao menor excesso no uso de Nitrogênio, especialmente em cultivares precoces e de película branca. Segundo os resultados de pesquisa, o Nitrogênio em cobertura deve ser utilizado até 80 dias após a emergência do alho, sendo aplicado em uma ou duas parcelas, mas sempre dentro deste período. A dosagem máxima recomendada é de 75 quilos de uréia por hectare. Não recomenda adubação de cobertura mais no tarde, quando a cultura está próxima da fase de bulbificação ou em períodos secos ou posterior a estes períodos.

BATATA, TOMATE E MILHO PIPOCA, AS SEMENTES JÁ ESTÃO PRONTAS

Todas as Unidades da Cotrijuf na Regional Pioneira vão colocar, nesta safra de verão à disposição dos associados, sementes certificadas de batata das cultivares Baronesa de película rosa e Santo Amor de película branca.

Com relação ao milho pipoca, Francisco Salla informa que a Cotrijuf vai fornecer aos associados sementes produzidas a partir de materiais americanos "pop corn". Estes materiais caracterizam-se por apresentar sementes redondas, miúdas e de coloração alaranjada. É de excelente valor comercial. A Cotrijuf, neste verão, também estará comercializando sementes básicas de tomate cultivar Flora-Dade, produzidas no Centro Nacional de Pesquisa de Fruteiras de Clima Temperado - CNPFT -, da Embrapa, Pelotas. A cultivar Flora-Dade apresenta crescimento determinado com fruto tipo salada. No período da colheita o produtor poderá selecionar os frutos que apresentarem as melhores características para extração das sementes, visando o plantio nos próximos anos.

CALENDÁRIO

CTC lança nova variedade de sincho

O Centro de Treinamento da Cotrijuf está lançando um novo material de sincho, a *Lathyrus sativus L.*, que já começa a ser distribuído entre os agricultores interessados pela cultura. Apenas neste inverno estão sendo plantadas quatro toneladas de semente de sincho na região. Esta cultura, desenvolvida no CTC, é o resultado da coleta e seleção de populações cultivadas há dezenas de anos por pequenos agricultores da região Noroeste do Estado. Eles plantavam

o sincho e utilizavam como forragem para o gado ou então para o consumo de grãos cozidos na alimentação humana em determinadas épocas do ano.

Esta nova cultivar vem sendo recomendada para ser empregada na formação de áreas para forragem, pura ou em consórcio com a aveia, nas regiões mais frias do sul do Brasil - Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina -. Também pode ser incorporada ao sistema de rotação de

culturas, precedendo gramíneas e sendo utilizada como adubação verde. A semeadura desta leguminosa no sul do país, deve ser realizada no período compreendido entre os meses de março a junho.

Da semeadura até a germinação, isso no noroeste do Estado, ela gasta um período de oito dias. Da germinação à colheita dos grãos, o intervalo é de 155 dias. O período de florescimento estende-se de início de setembro a fins de outubro. A matéria seca acumulada até o início da formação de frutos é de 4.000 quilos por hectare, com um teor médio de proteína bruta de 19 por cento. O rendimento dos grãos oscila entre 500 a 800 quilos por hectare. A densidade de semeadura recomendada é de 30 plantas por metro quadrado quando o plantio for destinado à produção de grãos, e de 50 plantas por metro quadrado quando destinado à produção de forragem ou para adubação verde.

Feijão: cuidados necessários

Adão Acosta

Departamento Técnico orientações quanto as dosagens e nomes comerciais, bem como os níveis de infestação antes de se decidir pelo uso de controle químico.

A DEMANDA

Dentro da perspectiva de aumento na área e da manutenção da boa qualidade dos materiais distribuídos aos agricultores, a Cotrijuf tem procurado fornecer todos os anos variedades adaptadas e produtivas, visando atender a demanda de toda a região. Existem normalmente variações nas quantidades, mas variedades como Rio Tibagi, Guateian, Turialba e Rio Negro, todas do grupo preto, estarão disponíveis para a formação de lavouras.

A par dessa preocupação, a Cotrijuf conduz há alguns anos no Centro de Treinamento, o ensaio estadual de cultivares de feijão, no qual são avaliadas e observadas as cultivares recomendadas para a nossa região. Este e outros trabalhos permitem que a Cooperativa faça parte, com direito a voz e voto, na recém criada Comissão Estadual de Pesquisa e de Recomendação de Tecnologia para a Cultura de Feijão. Esta Comissão tem a função de coordenar, analisar e planejar os trabalhos de pesquisa, bem como difundir e estabelecer normas referentes a cultura no Rio Grande do Sul.

É intenção da Cotrijuf manter o ensaio estadual, zonedar melhor a produção de sementes, intensificar a coleta de materiais dos agricultores, trabalhar com linhagens em fase final de experimentação, multiplicar sementes básicas, verificar respostas em relação a inoculação do feijoeiro. Para isso, a relação com as demais Instituições é fundamental para que as recomendações repassadas aos nossos associados sejam cada vez mais produto de trabalhos conduzidos e de informações geradas na região, com resultados possíveis de serem prontamente utilizados nos benefícios dos que cultivam o feijão. Adão Acosta é agrônomo e supervisor da área de Produção de Sementes da Cotrijuf na Regional Pioneira.

A mais importante leguminosa de grãos alimentícios e atividade típica da pequena produção familiar, a cultura do feijoeiro ocupa espaços crescentes na Cotrijuf. No último ano agrícola, considerando tanto a safra como a safrinha, o feijão chegou a atingir 4.350 hectares de lavoura, pulverizados em áreas diminutas para o consumo familiar e uma pequena parcela destinada a produção de sementes e grãos para a cooperativa.

O feijão é uma planta de ciclo curto, bastante exigente em condições de solo e clima, por isso sua limitação de cultivo em alguns locais da região, principalmente pela acidez e pela textura pesada da maioria dos nossos solos. Problemas de frio no início do ciclo do feijão da safra, seca no início da safrinha; excesso de umidade na colheita ou danos por geadas - abril - são fatores que têm contribuído para as baixas produtividades da cultura.

ALGUNS CUIDADOS NECESSÁRIOS

Para que as possibilidades de boas colheitas ocorram, se torna necessário observar alguns cuidados, que, em boas condições de clima, podem contribuir para que a cultura expresse seu potencial de produção.

Correção da acidez do solo - tem o objetivo de elevar o pH do solo para 6,0; reduzir os efeitos tóxicos do manganês e do alumínio; mineralizar a matéria orgânica; liberar mais Nitrogênio e aumentar a disponibilidade de fósforo
Adubação - dentro dos novos critérios para esse item, adubação corretiva e a de manutenção estão reunidas numa só recomendação. Pode e deve ser usada a adubação orgânica, normalmente disponível na propriedade do agricultor. A inoculação com *Rhizobium* deve ser encarada como complementar à adubação nitrogenada, que deverá ser de 10 quilos de nitrogênio por hectare na semeadura. O restante deverá ser aplicado na terceira semana após a emergência das plantas. As quantidades serão determinadas pela análise de solo e pela consulta ao Departamento Técnico.

Densidade de plantas - para as nossas cultivares, que têm hábito de crescimento indeterminado, o ideal são 20 a 25 plantas por metro quadrado. Segundo a recomendação técnica, não se deve deixar espaços abertos, sendo que os espaçamentos de 40 a 50 centímetros são os mais convenientes. Filas pareadas de 0,20 x 0,40 metros ou 0,20 x 0,50 metros podem ser usadas. No caso de semeaduras em covas, usar 4 a 5 covas por metro linear de fileira e 50 centímetros entre fileiras. O desbaste deve ser efetuado 15 dias após a emergência. A profundidade deve ser de 3 a 5 centímetros.

Época de semeadura - segundo o zoneamento agroclimático para a cultura, os melhores períodos para a semeadura, na nossa região, se situam entre 25 de agosto a primeiro de outubro, isto para a safra. A safrinha deve ser semeada entre 20 de janeiro a 10 de fevereiro.

Controle de invasoras - sempre deve ser dada preferência para terrenos sem inços, mas, se necessário, o controle mecânico deve ser realizado em duas capinas. A primeira delas deve acontecer aos 25 dias e a segunda aos 40 dias após a emergência das plantas. Se houver necessidade de uso de herbicidas, consultar o Departamento Técnico de sua Unidade.

Controle de doenças - a umidade elevada do ar e as temperaturas moderadas a quentes favorecem o aparecimento de antracnose, ferrugem e mancha angular - causadas por fungos -. Pode ocorrer ainda crestamento comum causado por bactérias. O melhor controle é o preventivo, que envolve medidas como: usar boas sementes - fiscalizadas -, semear em épocas recomendadas, retirar da lavoura plantas atípicas, realizar rotação de culturas. O controle químico não é recomendado.

Controle de pragas - lagartas, pulgões, cigarrinhas e diabrotícas - mais conhecida como vaquinha -, são as principais pragas do feijoeiro. Elas devem ser controladas por produtos seletivos, evitando-se ainda o uso de inseticidas após florescimento para evitar resíduos nos grãos. Convém solicitar ao

A ociosidade da terra

A ociosidade da terra nos meses de inverno, por causa da redução na lavoura de trigo é, sem dúvida alguma, um dos mais sérios problemas que o Rio Grande do Sul tem enfrentado. O assunto não é novo e o próprio agricultor anda cansado de saber em que pode dar tanta terra sem planta durante o inverno. A situação, é bem verdade, já andou bem mais ruim, quando a ociosidade da terra (terra sem planta) chegou a 85 por cento em todo o Estado. Nesse inverno, a situação voltou a preocupar, já que o agricultor gaúcho, cheio de tantos desencantos com a política agrícola brasileira, decidiu plantar menos trigo. Meio sem rumo e sem qualquer perspectiva pela frente em relação a uma política segura para o setor, o agricultor, que tem ainda pela frente uma recessão econômica que traz o dedo do FMI, também começou a ficar na retranca, mesmo sabendo dos prejuízos da decisão de não plantar.

Mas pior que as indefinições na área agrícola, são os altos juros cobrados pelos financiamentos; os preços dos insumos reajustados acima dos preços dos produtos agrícolas e o pavor da correção monetária que voltou sem dó e nem piedade e que está levando muitos agricultores a falência total. Junta-se a estes fatores um outro, o de que ainda não existem resultados econômicos satisfatórios em relação a outras culturas que possam ser plantadas no inverno.

Por volta de 1981, as terras descobertas nos meses de inverno representavam 85,07 por cento das terras agricultáveis do Estado e tudo em função da grande redução na área de trigo que caiu para 879 mil hectares contra um milhão e 296 hectares plantados em 1980. Dois anos mais tarde, em 1984, o Rio Grande do Sul plantou a sua menor lavoura de trigo dos últimos anos, de pouco mais de 634.100 hectares. Neste ano, de acordo com as estimativas do IBGE, o trigo deverá ocupar, em todo o Estado, em torno de 930 mil hectares. Isto significa que mais ou menos 70 por cento das terras agricultáveis estão sem qualquer planta nesse inverno.

A OCIOSIDADE VOLTA CRESCER

Na região, área de atuação da Cotrijuf, a questão da ociosidade da terra é mais ou menos parecida com o que acontece em todo o Estado. O Luís Juliani, assistente agrotécnico da Cotrijuf na Regional Pioneira andou fazendo um levantamento da situação e descobriu que neste inverno o problema de ociosidade da terra voltou a crescer. Os gráficos e a tabela mostram direitinho como anda a situação destes últimos sete anos.

O ano de 1983 bateu o recorde na região em termos de terras descobertas. A área não plantada foi maior que a área coberta com culturas de inverno. De um total de 368.538 hectares de terras na região com culturas anuais, 244.384 hectares ficaram sem cobertura. A ociosidade da terra chegou a 66,33 por cento. A lavoura de trigo ocupou, sozinha, 22,11 por cento do total de terras cultivadas. Culturas como a colza, o linho, o centeio, o alho, entre outras, ocuparam 8,62 por



A colza é uma das alternativas de Inverno que vem se firmando na região

cento da área. As pastagens ocuparam 2,94 por cento.

No ano seguinte a situação melhorou um pouquinho, mas mesmo assim continuou alarmante, registrando 63,32 por cento de terra sem planta. A área com plantio foi um pouco maior, mas nada teve a ver com a lavoura de trigo que, neste inverno, teve sua área reduzida, ocupando 19,04 por cento do total da área cultivada. As pastagens ocuparam uma área bem significativa, passando dos 10.897 hectares cultivados no ano anterior para 21.208 hectares. Demais culturas de inverno e tradicionalmente cultivadas na região, ocuparam 43.836 hectares — 11,89 por cento do total da área plantada.

Em 1985 a situação ainda estava feia, embora a ociosidade da terra no inverno já tivesse caído para os 54,61 por cento. Os anos de menor terra ociosa, segundo os dados levantados pelo Luís Juliani, foram os de 1982 e 1986. Em 1982 a lavoura de trigo ocupou, sozinha, 45,21 por cento das terras agricultáveis da região. As pastagens ocuparam 3,87 por cento da área e as demais culturas 12,26 por cento. Ficaram descobertas neste inverno de 1982, um total de 142.484 hectares, o que representava 38,66 por cento das terras cultivadas.

MENOS DA METADE

Mas foi justamente no ano pas-

sado que o agricultor deixou a menor área de terra sem planta, em torno de 33 por cento do total da área plantada. A lavoura de trigo foi a que mais cresceu, ocupando 131.300 hectares — representando 35,63 por cento do total. As pastagens tiveram sua área aumentada em 50 por cento, representando no total 13,65 por cento. Outras culturas como a colza, o alho, o centeio e a cevada tiveram suas áreas aumentadas em menor escala, mas de qualquer forma ainda representaram 17,10 por cento da área plantada.

Neste inverno houve uma recaída e a situação voltou a ficar braba. De acordo com o Departamento Agrotécnico da Cotrijuf na Região, a área sem planta deverá fechar por volta dos 40 por cento. A lavoura de trigo voltou a diminuir, podendo representar, até o final do plantio, pouco mais de 28 por cento do total da área cultivada. Também tiveram suas lavouras reduzidas as culturas da cevada, linho e aveia. As pastagens, de um modo ge-

ral, estão ocupando uma área maior, passando dos 50.295 hectares para 66.791 hectares.

OS PREJUÍZOS

O trabalho mostra ainda outros dados comparativos da lavoura de inverno com a de verão, período em que não fica um cantinho sequer da propriedade sem planta. Na safra de 1983, por exemplo, quando as terras descobertas durante o inverno chegaram a representar 66,33 por cento do total da área agricultável da região, foram plantados, durante o verão, 293.500 hectares de soja e 74 mil hectares de milho. A produção de grãos destas duas culturas chegou a 724.411 toneladas, contra as 99.176 toneladas produzidas no inverno.

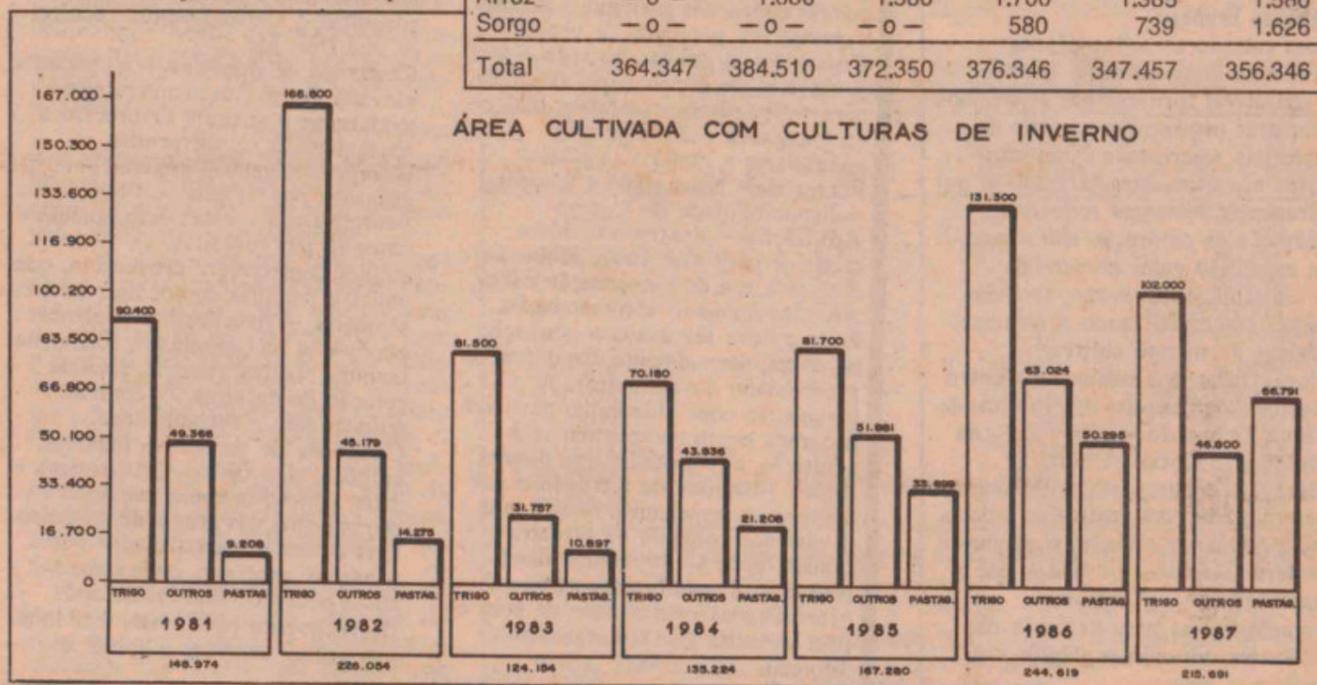
Em outra comparação interessante: em 1981 foram plantados 306.500 hectares de soja e apenas 90.400 hectares de trigo. Em 1986 o agricultor da região plantou 131.300 hectares de trigo e 296 mil hectares de soja. Neste inverno a lavoura de trigo mal vai ultrapassar os 102.100 hectares. Isto significa que tanto a soja como o milho, tirando algumas oscilações de área, continuam se mantendo como opção viável para o verão. Para a cultura do trigo, no entanto, a situação já é um pouco mais grave e carrega como causa uma série de problemas que vão desde os riscos na lavoura à política agrícola do Governo. Já vai longe o tempo em que ele ocupava quase a totalidade da área cultivada durante o inverno, como aconteceu em 1979, por exemplo, quando dos 241.170 hectares de planta, 238.560 eram de trigo. Mas também tem o lado bom de toda a questão: outras culturas, como as pastagens, a colza, o linho, o alho, começam a conquistar seu espaço na região.

Os prejuízos de deixar tanta terra sem planta no inverno não são do desconhecimento do agricultor. Ele sabe que está deixando de ter mais um ganho e que a terra corre sérios riscos ficando exposta às chuvas erosivas e ao vento.

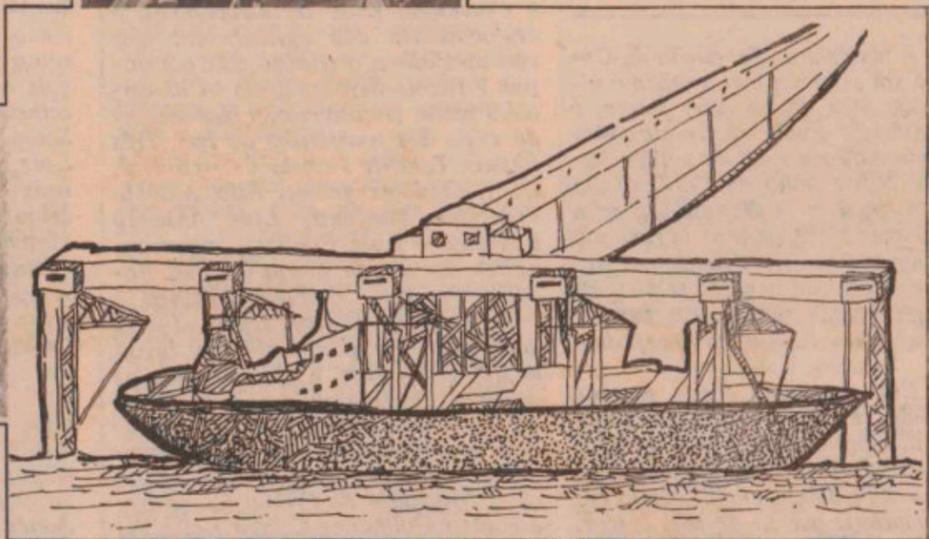
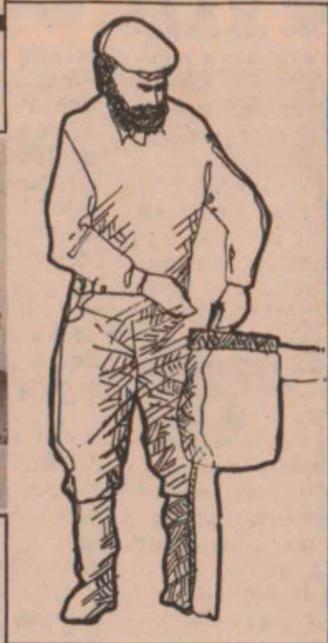
ÁREA COM CULTURAS DE VERÃO — REGIÃO PIONEIRA

Cultura	80/81	81/82	82/83	83/84	84/85	85/86
Soja	303.747	306.500	293.500	287.510	288.170	296.000
Milho	60.600	73.640	74.000	84.000	54.600	63.710
Feijão	— 0 —	2.690	3.270	2.556	2.568	3.430
Arroz	— 0 —	1.680	1.580	1.700	1.385	1.580
Sorgo	— 0 —	— 0 —	— 0 —	580	739	1.626
Total	364.347	384.510	372.350	376.346	347.457	356.346

ÁREA CULTIVADA COM CULTURAS DE INVERNO



Cotrijuí/30 anos



Caderno Especial

Junho/Julho 87



Três décadas de Cotrijuí

Oswaldo Olimiro Meotti

Há 30 anos passados, numa tarde chuvosa de 20 de julho de 1957, 23 ijuenses armados com a fé inabalável da união e inspirados no impulso da solidariedade, se reuniram com o objetivo de fundar uma cooperativa.

Dizem os mais antigos que era um dia de tempestade. A chuva caía e encharcava as ruas da cidade. As estradas do interior do município estavam intransitáveis. Mas nem a força da intempérie conseguiu interromper o encontro daqueles homens que tinham um objetivo comum: um grande destino.

Na hora combinada, começaram a surgir dos lados do Alto da União, do Chorão, de Coronel Barros, de Doutor Bozano e outros pontos do município, aqueles agricultores motivados pela mensagem do cooperativismo.

Como se vê, eles não eram numerosos, mas estavam imbuídos da força motivadora e ágil que transpõe obstáculos e vence barreiras aparente-

mente inatingíveis. Sem que soubessem, ao aprovarem o estatuto e regulamentos da nova diretoria, haviam lançado no solo fértil e dadivoso da Colmeia do Trabalho uma semente verdadeiramente germinadora.

Tinha nascido a Cotrijuí.

A semente vingou. Frágil em seus momentos iniciais de vida, mas trazendo no colmo germinado a presença de uma fertilidade e viço futuros, como antes ainda não havia acontecido.

Predestinada à vitória, não recuou nunca ante às dificuldades e obstáculos interpostos em seu caminho. Foi avançando, tímida, mas ininterruptamente. Ultrapassou barreiras, contornou obstáculos, venceu incertezas e indecisões interpostas em sua trajetória ao longo de todos esses anos.

Seu solidarismo e senso de responsabilidade sociais, não se limitou ao rol familiar de seus associados e tampouco aos limites geográficos da comunidade de sua origem. A ânsia de crescer e promover o desenvolvimento como prêmio a um maior número de pessoas, motivou o seu expansionismo a outras regiões do estado e do país.

suas iniciativas e empreendimentos têm, por vezes, extrapolado as áreas de interesses privados para alcançar setores de responsabilidade pública. Tal aconteceu ainda no ano de 1969, ao erguer, na Quarta Seção da Barra, em Rio Grande, aquele que seria, em seu tempo (início da década de 70), o maior terminal portuário para grãos sólidos da América Latina. Esse porto, que entrou em operação em duas etapas (1972-1974), já exportou mais de 22 milhões de toneladas de grãos, em 15 anos de funcionamento.

Inspirando-se no impulso progressista de seu quadro social, manifestado através das assembléias gerais, a cooperativa tem norteado a ação administrativa no sentido de abrir novos caminhos na senda do desenvolvimento.

Pioneira em vários empreendimentos, tem pago o preço de alguns insucessos, que parecem ser inevitáveis a todos quantos ousam sair do trivial e cotidiano, para inovar na conquista de algo ainda desconhecido. A Cotrijuí tem ousado, na medida em que recebe a luz verde da aprovação de seus associados.

Fez-se grande e próspera, e

sem dúvida vai continuar crescendo e prosperando enquanto tiver o apoio e prestígio de seus donos, os associados. Estes, da mesma forma que os fundadores do ano de 1957, que enfrentaram a inclemência de forte tempestade para reunirem-se em assembléia, continuam inovando com pioneirismo ao prestigiarem os empreendimentos da cooperativa, em busca de um futuro ainda maior.

Distinguido com a honrosa missão de presidir a Cotrijuí no período em que transcorre seu 30º aniversário, sou grato ao destino que me reservou esta oportunidade. Sou grato também à colaboração inestimável dos demais companheiros de diretoria e aos funcionários de todos os níveis, pelo trabalho que desempenham no cumprimento de suas tarefas.

Que Deus nos dê a todos, saúde, inspiração e forças, para cumprirmos as nossas tarefas bem e convenientemente, para que a Cotrijuí seja cada vez maior, mais sólida e mais próspera, em benefício do cooperativismo em particular e da comunidade como um todo.

20 de julho de 1987

Oswaldo Meotti é economista e diretor presidente do Grupo Cotrijuí

HISTÓRIA

Muita chuva no dia da fundação

A fundação da Cotrijuí aconteceu num dia de muita chuva, nas dependências do Clube Ijuí. A assembléia contou com agricultores de Ijuí, Três Passos, Tenente Portela e Crissiumal.

A história da fundação da Cotrijuí já foi contada e recontada muitas vezes. Mas de qualquer forma, é uma história que vale repetir outra vez. Tudo começou num dia de muita chuva. Era 20 de julho de 1957. O dia marcado para a realização de uma grande assembléia, onde seria fundada uma cooperativa, objetivando congregar plantadores de trigo da região. Os interesses destes produtores; superar as dificuldades de comercialização do trigo.

Essa era uma época em que ainda não se falava muito em trigo, apesar dos grandes problemas sentidos pelos agricultores. O assunto das rodas de conversa e debates na imprensa era a suinocultura que ia de mal a pior. Era na verdade, um ano de muitas queixas. E não só a suinocultura ia mal. Também a linhaça, a soja e o feijão preto estavam valendo menos do que valiam um ano antes. O presidente da época era Juscelino Kubitschek. A importância da suinocultura na região podia ser medida pelos espaços destinados ao assunto pelo Correio Serrano da época, um dos jornais mais influentes do interior do Estado. Nesse ano,

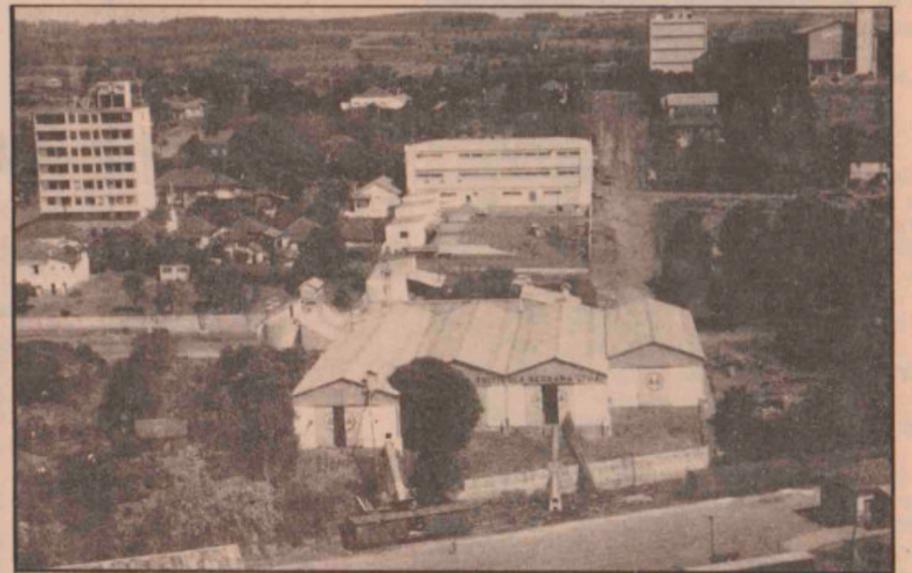
ele abriu muitos espaços para a suinocultura e muito poucos espaços para falar de trigo, por exemplo.

NEM A CHUVA ATRAPALHOU

A assembléia foi bastante prejudicada pela chuvarada. Muitos agricultores não tiveram condições de sair de suas propriedades para participar da fundação da Cooperativa que aconteceu em uma das salas do Clube Ijuí, em frente a Praça da República. Mas a chuvarada pode ter atrapalhado o deslocamento dos agricultores, mas não atrapalhou a criação da Cooperativa Tríticola Serrana Ltda. A assembléia assim mesmo reuniu plantadores de trigo dos municípios de Ijuí, Três Passos, Tenente Portela e Crissiumal. Os fundadores foram: Nilo Antônio Francisco Bonfanti, Luiz Anselmo Bonfanti e Luiz Fogliatto, representantes da Granja Santa Cecília; Rodolfo François, Ludwig Mrozinski e João Itagiba Silveira, representantes da Granja Amoreira; Francisco Brasil da Câmara Rufino, e Paulo Guimarães da Silva, representando a Granja Regina; Solon Gonçalves da Silva, Edwino Schröer e Waldemar Padilha, representando a Granja Nossa Senhora Aparecida; Ariovaldo de Freitas Casanovas e Hilnon Guilherme Correa Leite, representantes da Empresa Tupi; Alceu Krugg Ferreira, representando a Fazenda Olga; Artêmio Corso, pela Cooperativa Mista dos Agropecuaristas; a Cooperativa Mista Mauá estava representada pelo seu presidente, Reinholdo Luiz Kommers e ainda David José Martins.

A PRIMEIRA DIRETORIA

A primeira diretoria eleita, ficou assim constituída: Nilo Bonfanti



Em 1962 a Cooperativa foi transferida para um prédio próprio, onde hoje funciona a Cotridata como diretor presidente; Léo Miron como diretor-gerente e Rodolfo François como diretor-secretário. Os conselheiros eram Hilnon Correa Leite, Solon Gonçalves da Silva, Reinholdo Luiz Kommers, Alceu Krugg Ferreira, Luiz Fogliatto e Alberto Sabo. No Conselho Fiscal foram escolhidos como efetivos Benno Orlando Bumann, Francisco Brasil da Câmara Rufino e Leopoldo Löw. Na suplência do Conselho Fiscal ficaram Ariovaldo de Freitas Casanovas, Genésio Costa Beber e Artêmio Corso.

Os fundadores eram conscientes dos problemas que tinham pela frente e o desafio em conseguir a participação efetiva dos triticultores na entrega da produção. A preocupação principal destes agricultores era com a comercialização da produção de trigo, embora a melhoria das condições técnicas da produção e principalmente a necessidade de fortalecimento da classe foram questões que ficaram registradas na ata de fundação.

Nos primeiros meses, a Cooperativa ficou instalada, de forma provisória, no segundo piso do prédio de número 427, da rua do Comércio, em salas cedidas pelo triticultor Helmuth

Elmers. No ano seguinte se transferia para o prédio onde hoje funciona o Laboratório de Análises Clínicas Malman, à rua Tiradentes. Em 1962 mudou-se para sede própria, onde hoje funciona a Cotridata.

A proposta da Cotrijuí, na área de produção, era a de colocar à disposição do associado os insumos necessários, tais como adubos, inseticidas, máquinas e implementos. Ainda prometia assistência técnica direta aos produtos. Com relação a comercialização, ela falava em transporte, recebimento, limpeza, secagem, armazenagem e venda da produção dos agricultores associados.

O Telmo Frantz, atual reitor da Unijuí, em seu livro Cooperativismo Empresarial e Desenvolvimento Agrícola, onde conta a vida da Cotrijuí, mostra, em sua análise, que a Cotrijuí foi criada graças a certas condições globais favoráveis. Se não fossem estas condições, a Cotrijuí não teria sido criada naquele momento. "Estas pessoas, diz ele, embora poucas, representavam na verdade as aspirações ou o projeto mais geral do grupo social maior ao qual pertenciam: o dos granjeiros, empresários do trigo.



O aumento da produção de trigo e soja, em 1967, levou a Cotrijui a uma nova fase: a da armazenagem.

O ano de 1967 trouxe um novo problema para a Cotrijui: a falta de armazéns para guardar a produção de trigo e de soja que começava deslanchar na região. O recebimento de trigo pela Cotrijui, este ano, chegou a 21.189 sacos, a segunda maior produção deste cereal desde a fundação da Cooperativa. A produção de soja foi a maior e o produto entregue na Cotrijui foi de 34.312 sacos. A produção de milho alcançou 2.029 sacos. Até por essa época, só se conhecia a comercialização de produtos ensacados, que até o momento vinha dando resultado.

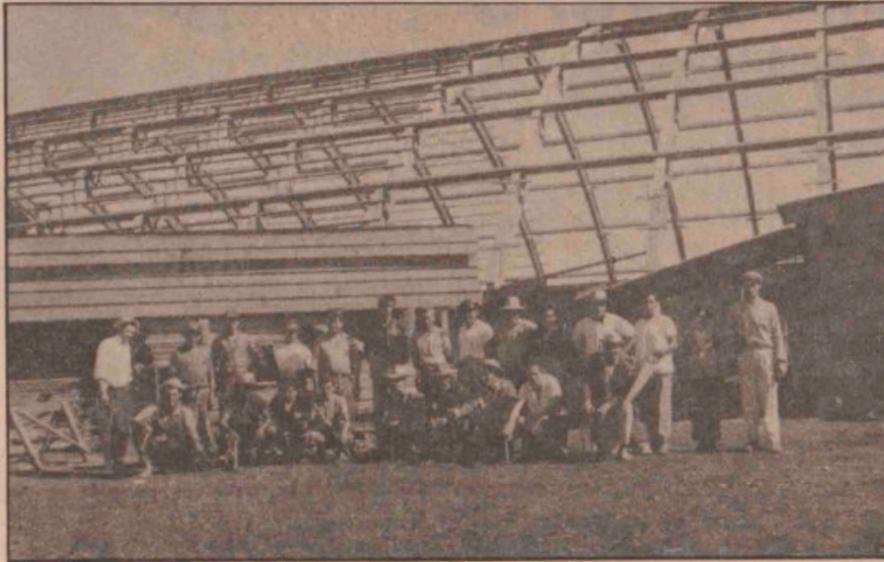
Mas bastou que o trigo e a soja tomassem conta dos campos e derrubassem as matas da região, para que a sacaria se transformasse num sério problema e não desse mais conta do recado. A produção era grande, a sacaria trabalhosa e os prejuízos assustadores. Ela tinha um custo muito elevado e a desvantagem de estragar facilmente. Na pressa do descarregamento da produção, muito saco era destruído e isso representava prejuízos. O balanço da Cotrijui de 1972 registra um prejuízo, referente apenas a sacaria, de 150 mil cruzeiros, o que era bastante, para uma época em que a Cooperativa também sofria uma crise financeira.

OS DOIS PRIMEIROS

Nessa época já existiam pela região os silos de recebimento de produto a granel, mas eram instalações verticais, sofisticados demais e também muito caros. O então presidente da Cotrijui, Luiz Fogliatto, teve uma idéia baseada em um pequeno armazém que a Anderson Clayton havia construído na vizinha cidade de Cruz Alta. Fez algumas adaptações no seu projeto e colocou mãos à obra. Contou com a ajuda do engenheiro Fernando Craidy, com a aprovação do Conselho de Administração e um financiamento, junto ao Banco do Brasil, de 700 milhões de cruzeiros, para serem pagos num prazo de cinco anos. O armazém era, em síntese, uma carapaça de zinco ou de alumínio sobre uma pirâmide natural de produtos. O custo de apenas um armazém estava orçado em 350 milhões de cruzeiros, mas o Conselho Administrativo, reunido no dia 12 de junho de 1967, levando em conta as necessidades e os problemas de armazenagem pela qual a Cooperativa passava, aprovou a construção de duas unidades, uma em Ijuí e a outra em Santo Augusto.

FUNDO EM "V"

Com o passar dos tempos o Fernando Craidy aperfeiçoou o projeto, transformando-o em armazéns graneleiros herméticos e com fundo em "V". Foi uma verdadeira revolução na tecnologia de armazenagem. Ele descobriu que fazendo um buraco no solo, além de dobrar a capacidade de arma-



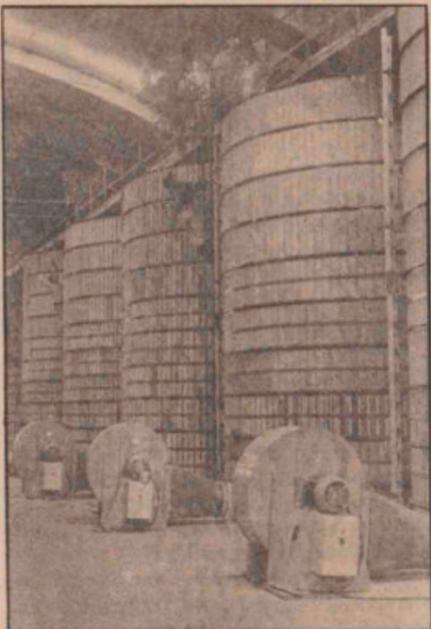
A construção do primeiro graneleiro

zenagem, estava garantindo a qualidade do produto por um espaço maior de tempo. O descarregamento do grão era feito através de correias transportadoras de produto. É claro que esses armazéns foram excelentes enquanto só se produzia trigo e soja. Mas na medida em que outros produtos como milho, feijão, forrageiras, alho, aveia, entre tantos outros que hoje integram o programa de diversificação, começaram a ser entregues na Cooperativa, a capacidade de armazenagem ficou limitada.

ATENDER A PRODUÇÃO DIVERSIFICADA

Esta é uma área, diz Clóvis Rorato de Jesus, diretor de Operações e Comercialização da Cotrijui na Região, que necessita de novos investimentos para atender a produção diversificada que começa a deslanchar. Além de reparos de manutenção, preventivos e corretivos, das máquinas e equipamentos dos silos graneleiros, poucos foram os investimentos feitos na área de armazenagem nos últimos anos. Vale registrar a construção de dois silos sementeiros, um em Ijuí e outro em Santo Augusto, de 20 unidades cada. São silos verticais, mais versáteis, com capacidade, cada um, para 30 mil sacos de produto semente.

Com a transferência da fábrica de ração de Júlio de Castilhos para Ijuí, que aconteceu a partir da reestruturação da Central de Carnes, também



Os silos sementeiros: uma nova era

ARMAZÉM

Novos investimentos

zenas quantidades. "Esse é o nosso ponto de estrangulamento. Os armazéns são grandes, mas as selas permitem a armazenagem de um único produto de uma só vez. Existe necessidade de se construir novos silos verticais, em todas as Unidades, mas depende de condições e momento adequado, diz ainda.

A capacidade total e atual de armazenagem da Cotrijui chega a 1.371.200 toneladas. A unidade de Ijuí tem capacidade para 164 mil toneladas; a de Ajuricaba para 33.000 mil; a de Augusto Pestana para 33.000 mil toneladas; a de Chiapetta para 60 mil toneladas; a de Coronel Bicaco para 40 mil toneladas; a de Santo Augusto, sede, para 77 mil toneladas; a de Santo Augusto, Esquina Umbu, para 50 mil toneladas; a de Tenente Portela para 60 mil e 800 toneladas; a de Jôia para 67 mil toneladas. Em Rio Grande a capacidade de armazenagem chega a 220 mil toneladas. A Regional de Dom Pedrito tem capacidade para 91 mil toneladas. Em Mato Grosso do Sul, a unidade de Maracaju, sede, tem capacidade para 69.800 toneladas; Maracaju, Vista Alegre, 19.500 toneladas; Sidrolândia para 52 mil toneladas; Rio Brilhante para 29 mil toneladas; Dourados, sede, 82 mil toneladas; Dourados, Itaum, 25 mil toneladas; Dourados, Indápolis, 17 mil toneladas; Douradina, 17 mil toneladas; Caarapó para 17 mil toneladas; Ponta Porã, Posto Gualba, 42 mil e 500 toneladas; Ponta Porã, 29 mil toneladas; Itaporã, Montese, 17 mil toneladas; Campo Grande, Anhanduá, 17 mil toneladas, Aral Moreira, Tagi, 17 mil toneladas e Bonito, 21.800 toneladas.

foram trazidos os silos. Eles estão sendo montados em Augusto Pestana e Ajuricaba. Também são silos verticais, metálicos. A capacidade do silo de Ajuricaba é para 900 toneladas e a de Augusto Pestana é para 1.300 toneladas. Diz o Clóvis de Jesus:

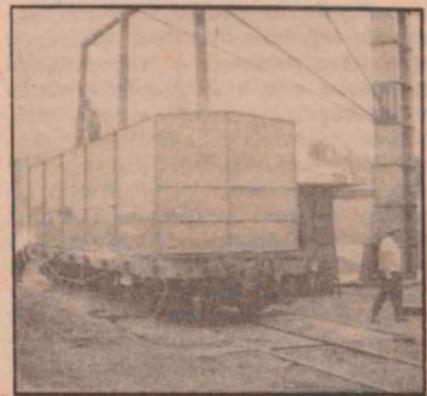
— São silos menores e que têm a função de servir de apoio para o recebimento da produção. Também vêm auxiliar no processo de limpeza e secagem dos produtos entregues.

Os armazéns da Cotrijui, segundo o diretor de Operações e Comercialização estão, hoje, estruturados para receber vários produtos, embora não descarte a dificuldade em se realizar operações simultâneas de recebimento de produtos diferentes e em pe-

Os vagões containers

Toda a produção daquela época era transportada ensacada. O escoamento se dava praticamente através de vagões da rede Ferroviária Federal. Com o aumento da produção de trigo e soja, começaram a faltar vagões para levar a produção até Rio Grande. Então, quando se começou a trabalhar com produto a granel, dispensando a sacaria, foram usados vagões boiadeiros ou até mesmo aqueles que carregavam pedra britada, com algumas adaptações. Os vagões abertos eram cobertos com lonas amarradas com cordas. Foram soluções tipo "quebragalhos", que logo provaram ser ineficientes diante de tantos riscos. Ora era o perigo de uma fagulha de máquina do trem cair em cima da lona, ora era o perigo de se fazer carregamento em dias de chuva.

Foi então que a criatividade entrou em funcionamento e nasceram os "containers", vagões em aço, sobre uma plataforma comum da Rede Ferroviária. O trabalho de construção, adaptação e ajustes dos "containers", ficou a cargo do diretor industrial da época, Werner Wagner. A Cotrijui conseguiu, junto ao BNCC, um financiamento para a construção de 72 unidades de caixas graneleiras sobre plataformas. As caixas eram pintadas com dois pinheiros da Cotrijui, correndo o Esta-



Os vagões adaptados ao transporte de produto a granel

do. Mas os problemas não terminaram por aí. Os vagões, sempre que retornavam de Rio Grande, precisavam de conserto, até porque o pessoal de lá não estava acostumado a lidar com produto a granel. Foram feitas algumas adaptações no sistema com o uso de parafusos.

Assim que a Cotrijui terminou de pagar o financiamento, esses vagões, os que restavam, foram repassados para a Rede Ferroviária. Mas a idéia gerou frutos: a Rede Federal também passou a usar os vagões graneleiros que até hoje fazem o transporte da produção.



INDÚSTRIA De óleo comestível e de ração

A Cotrijuí começou a pensar em indústria em 1961. Em 1964 ela já esmagava grãos. Hoje a capacidade de esmagamento é de 6.000 mil toneladas

Vários fatores, entre eles a necessidade de melhor remunerar o produtor, levaram a Cotrijuí a se decidir pela construção de uma fábrica de óleo. O projeto foi aprovado pela Assembléia do dia 13 de janeiro de 1961. A fábrica deveria ser construída junto ao armazém da Cotrin, num terreno de 10 mil metros quadrados — perto da atual sede da Cooperativa. Para a construção desta fábrica, a Cotrijuí teve de fazer um financiamento de 80 milhões de cruzeiros, junto ao Banco do Brasil, embora o custo estimado fosse de 125 milhões de cruzeiros. A idéia inicial era de fazer um projeto em conjunto com a Cotrisa de Santo Angelo. Em Ijuí seria montada uma refinaria de óleos comestíveis e em Santo Angelo uma refinaria de óleos industriais. Mas tudo não passou de projetos, e cada uma seguiu seu rumo.

A fábrica só entrou em funcionamento, ainda em condições precárias, em 1964. Mas novos problemas, desta vez técnicos, retardaram ainda mais o funcionamento efetivo da indústria, que só começou a operar de fato em outubro. Começou produzindo óleo bruto, com capacidade de esmagamento de 60 toneladas diárias. Em 1965 é que começou a refinação de óleo.

Além do óleo Mucama, também eram fabricados óleos de amendoim e de linhaça. O óleo de amendoim era vendido a granel, com boa aceitação no mercado consumidor. Com a expansão da soja e o incentivo oficial, os produtores perderam o interesse pelo amendoim e a indústria interrompeu a fabricação do óleo. A mesma coisa ocorreu com a de óleo de linhaça, destinado ao uso industrial. A entrada de materiais sintéticos em substituição ao óleo de linhaça, também levou os produtores a abandonarem a cultura, que também já vinha apresentando sérios problemas de doenças.

Em 1969 a fábrica de óleo teve sua capacidade de esmagamento ampliada para 120 sacos por dia. Dois anos depois já esmagava 300 toneladas diárias. Em 1982 a fábrica foi paralisada, devido aos prejuízos operacionais que vinha apresentando. Voltou a esmagar soja em abril de 1983.

UMA FÁBRICA EM RIO GRANDE

Quando o governo estabeleceu as cotas fixas para exportação da soja, visando garantir o abastecimento interno e proteger as indústrias brasileiras, a Cotrijuí achou que era hora de instalar uma indústria junto ao Terminal de Rio Grande. Experiência era o que não faltava, bastava colocar a idéia em prática. O projeto foi aprovado no final de dezembro de 1976 e sete meses depois a indústria já estava pronta.

Ela começou a operar um dia depois da Cotrijuí completar 20 anos, mas a inauguração oficial só aconte-

ceu no dia 25 de novembro de 1977, com a presença do ministro da Agricultura Alysson Paulinelli. Sua capacidade de esmagamento era de 1.000 toneladas por dia. Assim com as de duas indústrias operando, uma em Rio Grande e a outra em Ijuí. A produção de óleo da Cotrijuí passou de 5.965 toneladas produzidas em 75176, para 25.570 toneladas em 76177. A fábrica de Rio Grande foi vendida para Ceval em 1984.

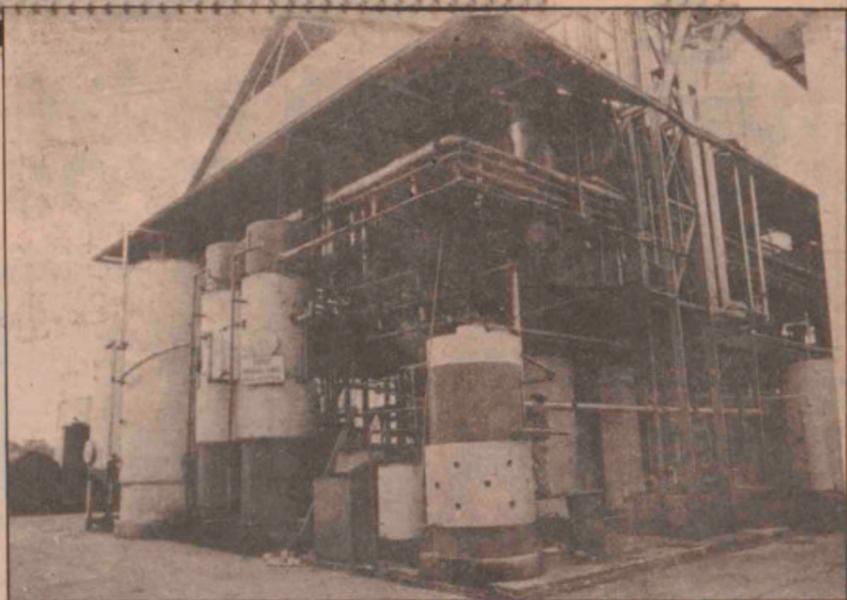
Depois da venda da fábrica de Rio Grande, a Cotrijuí voltou a operar com a indústria de Ijuí. Com a paralisação de quase um ano, a fábrica que chegou a produzir até um milhão de latas de óleo — Mucama e Refeição —, passou a produzir em torno de 200 mil latas. "Essa redução na produção, segundo Oscar Vogt, gerente industrial da Cotrijuí na Região, é consequência de um mercado que se desfez nesse meio tempo em que a indústria esteve paralisada. Mas recomeçamos com o objetivo de atender apenas as necessidades de nossos mercados, embora exista um projeto para a produção do óleo Refeição destinado a terceiros".

Também houve uma época, logo depois que a indústria voltou a operar, em que se esmagou a colza. O Oscar é quem conta:

— Em 1983 esmagamos 250 toneladas de colza e em 1984, 180 toneladas. O óleo refinado era vendido para uma firma de São Paulo para ser usado na indústria mecânica. A colza é um produto que depois de refinada, apresentava até 37 por cento de rendimento. Só paramos de esmagar a colza, porque a produção na região também diminuiu.

RAÇÕES BALANCEADAS

Ao mesmo tempo em que a Cotrijuí passou a operar sua primeira indústria de óleo vegetal, também iniciou a produção de rações balanceadas

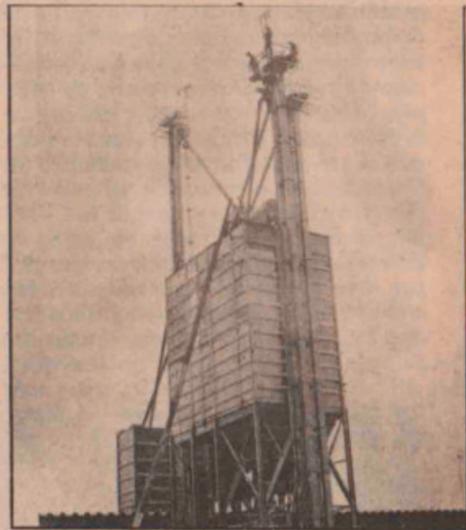


A fábrica de óleo foi construída em 1964

para uso animal. Mas a fábrica, no entanto, só foi construída em 1967. Até então, a produção de rações era feita através de um moinho-martelo e um misturador de adubos, tudo na base do improvisado. A produção de rações na Cotrijuí tem uma história que merece ser repetida. Ela é fruto de um amplo projeto de desenvolvimento animal, promovido pela tal de Aliança para o Progresso. Sobrava sorgo nos Estados Unidos e ele não sabia o que fazer com o produto. Decidiu, então, dar ao Brasil, pagando transporte e tudo o mais, para ser aqui industrializado e transformado em ração. Esta ração era vendida aos produtores e com o dinheiro se construiu a fábrica de rações. Qual o interesse americano em tudo isso? Levar o produtor a modernizar seu sistema de produção. Só anos mais tarde é que se descobriu a real intenção dos americanos, mas para a Cotrijuí e outras cooperativas da região que participaram do projeto, a intenção era a de possibilitar mais prestação de serviço aos associados.

CAPACIDADE

A capacidade atual da fábrica de esmagamento da Cotrijuí chega até seis mil toneladas mês. Deste total esmagado, 18,5 por cento é destinado a produção de óleo refinado e 76 por cento à produção de farelo. A transferência da fábrica de ração de Júlio de Castilhos, adquirida pela Cotrijuí em 1981 na época em que foi criada a Cooperativa Central Gaúcha de Car-



A nova fábrica de ração

nes vem reforçar a produção de ração da Cooperativa. Com a reestruturação da CCGC, a Cotrijuí está transferindo a indústria para Ijuí, já em fase de montagem final. Depois de pronta, a capacidade nominal de produção de ração vai para quatro mil toneladas mês. Dentro das novas propostas, o lançamento de uma nova marca de ração, ainda sem nome definido, mas objetivando, segundo o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuí, Clóvis Rorato de Jesus, "atingir um novo mercado — outras cooperativas e representantes comerciais."

CORRETORA

Resguardando o patrimônio

Tão importante quanto o patrimônio de uma organização empresarial, é a segurança em que se colocam os bens formadores da estrutura patrimonial da empresa. No caso da Cotrijuí, cujo patrimônio se aproxima dos seis bilhões de cruzados em valores atualizados, a segurança dos bens também é fator de preocupação.

Tanto isso é real, que a Cotrijuí mantém a Cotriexport — Corretora de Seguros Ltda., com a missão principal de intermediar os contratos de risco nas áreas de incêndio, transportes e vida em grupo, para qualquer parte do território nacional. A Corretora é sediada em Porto Alegre, no mesmo endereço da Cotrijuí, à Avenida Júlio de Castilhos, 342, 5º andar, e mantém uma representação em Ijuí, também em instalações da cooperativa, à rua das Chácaras, 1513.

O gerente-administrativo é Léo Holzmann. Ele costuma dizer que a Corretora representa tranquilidade contra as incertezas de dia-a-dia. E ainda adverte que "se uma



A corretora dá cobertura aos bens da Cotrijuí

firma contrata seguro com pessoa não habilitada, ela não está fazendo seguro, está comprando preocupação".

Segundo ele, a Cotriexport Corretora cuida da cobertura dos bens da Cotrijuí e de terceiros, isso como primeira e principal atividade. Num segundo plano administra as apólices de seguro de vida em grupo dos associados e funcionários da Cotrijuí e Cotriexport Internacional, cujos seguros alcançam hoje 3.300 vidas. Todas as empresas subsidiárias ou coligadas da Cotrijuí têm se-

guro patrimonial administrativo pela Cotriexport Corretora. Segundo Léo Holzmann, a Cotrijuí não poderia prescindir de ter sua própria empresa corretora, em vista da grandeza de seu patrimônio, que está espalhado por várias regiões, inclusive em outros Estados da Federação, além da variedade de atividades em que está envolvida empresarialmente.

É importante ressaltar a tranquilidade que a Corretora dá à cooperativa, com a manutenção de coberturas, sempre atualizadas, do patrimônio das empresas do Grupo.



A proposta de diversificação encontrou muitas barreiras pelo caminho, mas hoje é uma idéia consolidada entre os associados da Cotrijuí

DIVERSIFICAÇÃO

Uma idéia consolidada



Em lugar da soja e do trigo, também a colza, as forrageiras, os hortigranjeiros

COM O CTC, A CONSOLIDAÇÃO

Quando a Cotrijuí, lá pela década de 70, começou a falar em diversificação da produção, mais parecia que estava falando para as paredes. Afinal, quem iria acreditar numa proposta que sugeria plantar colza, mais aveia, centeio, cevada, mais milho, feijão, hortigranjeiros, forrageiras, criar galinhas, peixes e suínos, numa época em que a soja e o trigo ainda eram os donos das lavouras na região? Mas a teimosia e a vontade de levar adiante uma proposta séria, resultaram na mudança de uma postura não só dos próprios agricultores da época, mas também de quem não levava fé na idéia. Hoje a diversificação da propriedade é uma idéia consolidada e sem volta. Uma nova realidade está aí, para mostrar que a Cotrijuí, já há mais de 15 anos atrás, quando teve a coragem de envolver seus técnicos e produtores na discussão da proposta, estava coberta de razão.

A idéia da diversificação, segundo o Léo Goi, agrônomo e diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na Regional Pioneira, nasceu depois que os agricultores amargaram uma grande frustração da lavoura de trigo, isso em 1972, quando a produção média ficou em 310 quilos por hectare. "Aquele grande frustração, conta, foi decisiva para que se repensasse a produção da região e se comesse a buscar alternativas. A frustração da lavoura de trigo estava provando que uma agricultura de apenas duas culturas, não poderia dar sustento para a região por muito mais tempo".

O agrônomo e mais tarde diretor do Departamento agrotécnico da Cotrijuí até 1985, Renato Borges de Medeiros, veio para a Cooperativa com o objetivo de discutir a proposta de diversificação e encontrar alternativas viáveis técnica e economicamente para a região. Ele acompanhou todo o processo de implantação da diversificação, desde quando se começou a falar em forrageiras e junto com elas a integração lavoura-pecuária. O que mais se falava, na época, era em trazer terneiros da região da Campanha para terminação na Região Pioneira. A Cotrijuí dá, então, início a um programa de produção de sementes de forrageiras aqui mesmo na região, utilizando, para tanto, uma área cedida pela Escola Fazenda Assis Brasil, mantida pela Prefeitura Municipal de Ijuí.

A integração lavoura-pecuária ganha impulso a partir da realização das Feiras de Terneiros, que acontecem a partir de 1973. A primeira Feira foi realizada em Carazinho, onde a Cotrijuí adquiriu 25 animais e os passou aos associados. A proposta de ocupação de áreas com pastagens para a terminação de gado de corte, começava a evoluir. Também por essa época, começou a ser discutida a produção de leite e de hortigranjeiros.

Em 1976 a Cotrijuí assume, em regime de comodato, o Posto Agropecuário, do Ministério da Agricultura e o transforma em Centro de Treinamento. "Foi através do CTC, lembra o Léo Goi, que a idéia da diversificação realmente começou a se materializar. Ele tem sido um verdadeiro laboratório de análises, de pesquisas e de estudos para a definição das melhores alternativas para a região. Todos os programas que hoje encontram-se em andamento são resultados dos trabalhos realizados no CTC".

Em 1976 a pecuária de leite da região ganha força a partir do surgimento da Cooperativa Central Gaúcha de Leite. Por sinal, conta a história da região e os associados mais antigos, que a idéia da CCGL nasceu aqui na Região Pioneira e foi criada logo depois de uma visita à Cooperativa Central de Leite de Minas Gerais.

EM FASE DE EXPANSÃO

Para o diretor agrotécnico da Cotrijuí, a diversificação é um processo que ainda encontra-se em fase de expansão, "mas consolida-se na região até pela própria necessidade". O agricultor, diz ainda, está consciente de que precisa buscar outras alternativas para a sua propriedade. Ele já se deu conta de que o cultivo de apenas duas culturas, com a estrutura fundiária existente na região, inviabiliza qualquer pequena propriedade.

Mas toda essa mudança no sistema de produção da região, também vem alterando a estrutura de recebimento, beneficiamento e comercialização dos produtos entregues na Cotrijuí. "Alguns destes produtos são ainda comercializados "in natura" e outros são, primeiro, industrializados, para depois serem comercializados. "Então, conta, entramos no processo da agroindústria.

Ele também concorda que essa mudança não vem acontecendo apenas a nível de Cooperativa e de estrutura de recebimento. "O próprio agricultor precisa se adequar a essa nova realidade, a um novo sistema de trabalho e de organização da propriedade. Até agora ele vinha se estrutu-

rando apenas para o trigo e a soja. Mas tudo depende, segundo Léo, de uma conscientização do próprio produtor e de uma adequação gradativa da nova realidade. "A intenção da diversificação não é a de fazer o agricultor rico de uma hora para outra, mas a de mantê-lo na sua terra, produzindo.

O Léo reconhece que obstáculos, impedindo o avanço da proposta é que não faltaram, mas muitos deles, como aspectos técnicos, por exemplo, já não assustam mais ninguém. Outros, no entanto, como a existência de um mercado instável para os produtos alternativos, aliados a uma política oficial que não remunera os preços de acordo com os custos de produção, continuam atrapalhando maiores avanços da proposta.

OS PROGRAMAS

A Cotrijuí tem em andamento, atualmente, 12 programas de diversificação, "alguns avançando mais que outros, mas cada um atendendo a um tipo de realidade e de necessidade", explica o diretor agrotécnico. Na área animal, são seis programas.

O programa de leite é um dos mais antigos e engloba, atualmente, na Regional Pioneira, um total de 4.000 associados. O recebimento do ano passado chegou a 24 milhões de litros. A Cotrijuí é a terceira cooperativa singular, na entrega de leite para a CCGL. Procurando evitar quedas na produção de leite em alguns meses do ano, vem sendo montado um programa de alimentação através da implantação de forrageiras de inverno — alfafa e silagem. Para tanto, a Cooperativa adquiriu cinco ensiladeiras, que prestarão serviços aos associados. Também está em andamento um programa de alimentação do rebanho leiteiro via computador.

Ainda na área animal, o Léo dá destaque para o programa de suínos, que teve avanços bastante significativos em menos de um ano. Ele visa a organização e o recebimento da produção, viabilizando o produtor, a Cooperativa e a indústria, no caso a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes. "Em menos de um ano, conta,

o recebimento passou de 800 animais por mês para seis mil, envolvendo um total de 500 cooperados participantes do programa. O produtor recebe os insumos a juros subsidiados, tem assistência técnica e se compromete de entregar a produção para a Cooperativa.

Um outro programa é o cooperado de peixes. Ele segue mais ou menos o cooperado de suínos. O produtor recebe o alevino, os insumos, assistência técnica e se compromete de entregar o peixe na Cooperativa. A previsão de recebimento de peixes, para este ano, é de 40 toneladas, quando, na verdade, a Cotrijuí vinha recebendo uma média de oito a 10 toneladas, volume este concentrado todo na Semana Santa. Um outro trabalho, de implantação de espécies de alto rendimento começa a andar na região. Começam a ser distribuídas, entre os associados espécies de carpa espelho, carpa prateada, carpa capim, carpa cabeça grande e a nilótica. O CTC deverá distribuir este ano, aos associados, cerca de 500 mil alevinos.

Mais um cooperado, o de aves, começa a ser implantado. O objetivo, segundo Léo Goi, é de atingir 200 produtores, sempre trabalhando com módulos de 150, 300 e 400 aves, "para atingir o maior número possível de produtores. "Isso nos dará uma produção média, no final do ano, de 60 mil dúzias de ovos por mês.

O programa de ovinos está mais direcionado para as áreas de maior extensão. É na unidade de Jôia, que ele tem maior aceitação, até pela aptidão da região. A pecuária de corte também está mais direcionada para as regiões de grandes propriedades, principalmente em Jôia, Santo Augusto e Cronel Bicaco.

OS PROGRAMAS DA ÁREA VEGETAL

Mas é justamente na área vegetal que se encontram os programas de maior expressão. O programa de semente tem um papel fundamental nesse processo de implantação de novas alternativas, tanto no inverno quanto no verão. A Cotrijuí recebe, hoje, mais de 20 espécies de sementes, e de um número expressivo de cultivares. Esse é um dos programas mais fortes e que envolve o maior número de associados e o maior volume financeiro. Além de sementes para a região, a Cotrijuí comercializa sementes com terceiros, atingindo produtores do Estado do Paraná e de Mato Grosso. Para atender ao mercado de Mato Grosso e Paraná, a Cotrijuí está trabalhando com um programa de produção de sementes de soja, da variedade Bossier.

Num trabalho de aproximação com a Fecotriço, estão sendo introduzidas na região, novas variedades de trigo, como a CEP-17, por exemplo e multiplicada a linhagem de número 8251. Da Embrapa de Passo Fundo, estão sendo multiplicadas as variedades BR-15.

Desde a safra passada, produtores da região estão produzindo sementes de milho e de sorgo. O objetivo deste trabalho é o de substituir, de forma gradativa, parte da semente de milho híbrido adquirido de multinacionais, por variedades de populações abertas, cujas sementes podem ser multiplicadas e produzidas pelos pró-



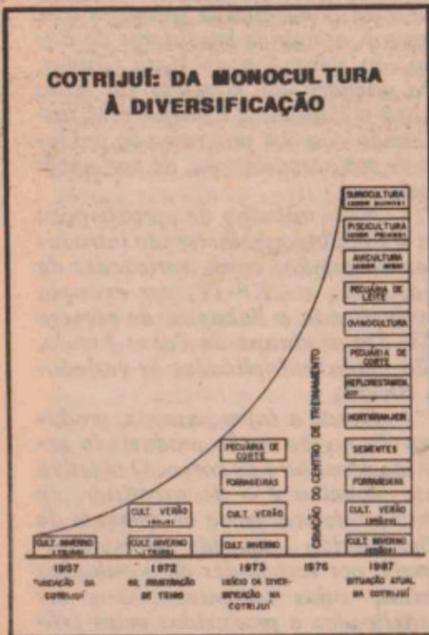
prios produtores e também pelos milhos crioulos. A produção de semente de milho recebida pela Cotrijui neste ano, chegou a 40 toneladas e a de sorgo a 10 toneladas.

Dentro das culturas alternativas — colza, sincho, ervilhaca, aveia preta, fava e tremoço doce, a Cotrijui vem mantendo o mesmo esquema de produção de sementes, visando a distribuição entre seus associados. Estas culturas também vêm sendo utilizadas em sistema de rotação de culturas, coberturas de solo e com forrageiras. Também está em estudo a utilização destes grãos para a alimentação animal — suínos e gado de leite.

Na área de produção de sementes de forrageiras, a Cotrijui volta a ocupar um dos primeiros lugares no Estado, tanto pelo número de espécies como pelo volume de produção. Estão sendo produzidas sementes de quase 20 espécies de forrageiras com uma estimativa de recebimento de duas mil toneladas para esta safra. As culturas que mais têm se destacado são aveia preta, aveia, ervilhaca, sincho, trevos, milheto, pensacola, teosinto, pânico, setária e alfafa.

O programa de hortifrutigranjeiros é antigo e está se encaminhando para uma definição maior em termos de produtor e produção. O número de espécies recebidas chega a 40 produtos, entre alho, pipoca, alface, lentilha, pepino, repolho, beterraba, cenoura, laranjas, entre outros. Na região de Tenente Portela está sendo implantado um programa de produção de frutas tropicais: banana, abacaxi e mamão.

Ainda merecem destaque os programas de reflorestamento — cooperado de eucalipto — e o de conservação de solos. O cooperado de eucalipto é semelhante aos demais. A Cooperativa participa com as mudas e a assistência técnica, enquanto que o associado fica com o compromisso de comercializar 50 por cento do potencial de produção com a Cotrijui no sexto ano após o plantio. Tem por objetivo atender a demanda de lenha da própria Cooperativa, que hoje chega a 25 mil metros cúbicos por ano.



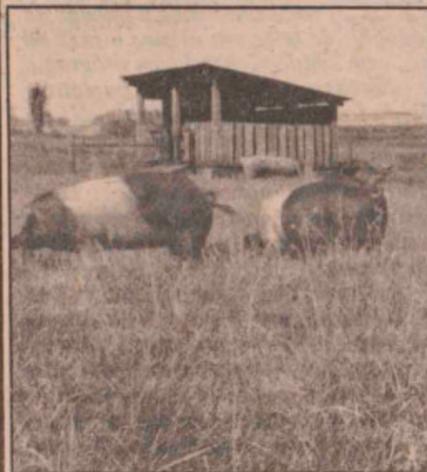
A Cotrijui assumiu o CTC em 1976. São 236 hectares de área ocupados com trabalhos de pesquisa, experimentação e lavouras demonstrativas.

O Centro de Treinamento da Cotrijui foi criado em fevereiro de 1976, depois que a Cooperativa assumiu, em regime de comodato, o antigo Posto Agropecuário, ligado, até então, ao Ministério da Agricultura. Localizado no município de Augusto Pestana, às margens do rio Conceição e distante a 15 quilômetros da sede de Ijuí, o CTC ocupa uma área total de 236,56 hectares. Deste total, 170 hectares são utilizados em trabalhos de pesquisa, experimentação e lavouras demonstrativas. O restante da área permanece ocupado com matas nativas, como reserva ecológica.

A criação do CTC tem tudo a ver com a discussão em cima do processo de monocultura e suas consequências na região. Já desde 1973 a Cotrijui alertava para o perigo de se continuar produzindo apenas o trigo no inverno e a soja no verão e trazia à tona uma discussão nova, mas que não agradava em muito aos ouvidos dos mais ferrenhos defensores da monocultura: a da diversificação. A proposta ganhou consolidação a tal ponto que a diversificação das atividades na propriedade rural é, hoje, um processo irreversível. O CTC foi decisivo para que essa proposta fosse levada adiante e se consolidasse na região. Foi através do CTC que nasceram os sistemas de produção integrados, onde a lavoura passou a conviver em perfeita harmonia com a pecuária de leite, a suinocultura, a avicultura, a piscicultura, entre outros tantos programas que são mantidos e vêm se expandindo na região.

DE FORMA MODESTA

O trabalho no CTC começou de uma maneira muito modesta, costuma dizer o agrônomo e também gerente do Centro, Rivaldo Dhein, "mas que hoje já tem reconhecimento não só dos produtores da região, como também de outras instituições de pesquisa, experimentação e extensão de todo o país. Para o gerente da área de Produção Vegetal da Cotrijui na Regional Pioneira, o agrônomo João Miguel de Souza, o CTC representa uma ponte entre a pesquisa e os agricultores. "Ele é o suporte para os nossos programas de diversificação introduzidos na região. É o lugar onde são introduzidos, desenvolvidos e selecionados novos materiais para, mais adiante, serem distribuídos entre os associados e dar continuidade ao sistema



Suínos: apenas um dos tantos programas



O CTC foi decisivo para a consolidação da diversificação na região

CTC

A ponte entre a pesquisa e os agricultores

de produção diversificada da região".

De uma condição modesta, o CTC tornou-se ponto de referência para a região e de divulgação da Cotrijui, tanto a nível nacional como internacional. Atualmente instituições como a Embrapa; Fecotrijo; Ipagro; IPZFO e IPRNR, da Secretaria da Agricultura; as faculdades de Agronomia das Universidades Federais de Santa Maria e do Rio Grande do Sul; a Faculdade de Agronomia da Universidade de Pelotas; a da Universidade de Passo Fundo; o Ministério da Agricultura; o Instituto de Melhoramentos de Plantas da Universidade de Göttingen, na Alemanha; a Cia Coker de Melhoramentos, Estados Unidos; Universidade do Texas, também Estados Unidos; a CIAT, na Colômbia; o Cimmyt, no México e a Unijui, entre tantas outras, participam de trabalhos no CTC, seja através de convênios de co-participação ou na condição de simples colaboradores.

MATERIAIS NOVOS

Em pouco mais de 11 anos de pesquisa e experimentação foram lançados, pelo CTC, nove novos materiais que já estão sendo produzidos pelos agricultores da região. É o caso da colza. A variedade que até agora tem apresentado os melhores rendimentos em todos os experimentos realizados no Estado ainda é a CTC-4, lançada pelo Centro de Treinamento há alguns anos. Também foram lançados materiais de aveia, sincho e forrageiras. O sincho está sendo lançado neste inverno. É uma leguminosa anual, de inverno, que serve para o pastejo dos animais e adubação verde. Mais dois materiais, um de aveia e outro de tremoço deverão ser lançados até o próximo inverno.

Os resultados econômicos de todo esse trabalho que vem sendo levado adiante pelo CTC estão expressos pela produção de sementes que a Cotrijui tem recebido nestes últimos anos. Apenas na Regional Pioneira, a Cooperativa tem recebido

semente de mais de 40 espécies de culturas. O milho é um dos exemplos mais característicos. Até alguns anos atrás, salvo algumas pequenas lavouras plantadas com variedades crioulas, os agricultores estavam sempre na dependência dos milhos híbridos. Já este ano, depois que o CTC passou a desenvolver um trabalho com populações de milho de polinização aberta, a Cotrijui já recebeu mais de 40 toneladas de semente de milho, das variedades Empasc-152 e 152.

OS PROGRAMAS DO CTC

Os trabalhos do CTC, nas áreas de pesquisa, experimentação e treinamento de produtores estão divididos em programas. São eles: programa de solos; de forrageiras; de aveia; de milho; de colza; de introdução de culturas alternativas — linho, girassol, lentilha, grão de bico e tremoço; de hortifrutigranjeiros; de suinocultura; de avicultura; de apicultura, de piscicultura; de plantas medicinais; de controle biológico e de educação e treinamento.

A PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO

A participação do associado, o reconhecimento pelo trabalho que vem sendo desenvolvido pelo CTC, tem sido fundamental para a consolidação da pesquisa e da experimentação na região. Esse interesse do associado pelos trabalhos do CTC tem se dado através da participação de cursos — fruticultura, piscicultura, entre outros —, reuniões, dias-de-campo e treinamentos. O CTC, lembra o João Miguel, vem mantendo um esquema sistemático de treinamentos para agricultores e filhos de agricultores. O treinamento tem a duração de duas semanas e é custeado com recursos da Senacoop. Os jovens agricultores recebem aulas teóricas e dão todo um acompanhamento aos trabalhos realizados pelo CTC. Esses trabalhos de educação e treinamento têm como finalidade possibilitar a discussão das pesquisas em andamento e, também, divulgar os resultados alcançados.



Controle de estoque de insumos, de lã, lojas ou cereais é responsabilidade da Cotridata

Dinamismo e rapidez nos serviços de controle administrativo é uma necessidade fundamental dentro de qualquer empresa ou instituição. A Cotrijui entendeu isto, desde 1972, quando pela primeira vez, a computação de dados foi empregada para a escrituração da safra de trigo. Para a realização deste serviço, a Cooperativa contratou os serviços da Prodasa, uma empresa de Porto Alegre, que no ano seguinte contabilizou não só a safra como também a conta corrente e a conta capital dos associados. Mas isto foi apenas um começo. Em 1975, já se processava a folha de pagamento dos funcionários e a conta de crédito do produtor.

Com o passar do tempo, no entanto, a realização dos serviços em Porto Alegre tornou-se inviável. Uma das razões foi a distância de Ijuí à Capital gaúcha e outra, o volume dos serviços que aumentava cada vez mais, exigindo, desta forma, uma centralização do processamento de dados no interior. Para cumprir esta exigência, surge então, a Cotridata Processamento de Dados Ltda., instalada em Ijuí, no antigo prédio da Cooperativa, na rua José Hickembick.

PRIMEIRO PASSO

"Antes de 72, uma liquidação de trigo levava quase um mês para ser contabilizada", lembra o gerente administrativo da Cotridata, Carlos Roberto Walter. Hoje, diz ele, em questão de horas todo o material está distribuído nas unidades. Para chegar até aqui foi preciso um pouco de trabalho e alguns investimentos, que em poucos anos ampliaria os serviços da empresa.

A primeira aquisição da empresa, na época ainda como CPD, Centro de Processamento de Dados, foi feita em 1976, quando da compra de um computador IBM 370/115, visando não só o atendimento dos serviços da Cooperativa, como também de terceiros. Neste ano, a empresa chegou a trabalhar com 32 bancos e prestou serviços a prefeituras de vários municípios da região, tomando-se por isso, uma das maiores empresas do gênero no interior do Estado.

A diversificação das atividades, no entanto, e a própria expansão da Cooperativa, através da criação das Regionais de Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul levaram a empresa, agora como Cotridata, a ampliar ainda mais os seus serviços. Hoje a empresa conta com modernos equipamentos como um computador IBM/4341, com quatro mb (mega-bits) de memória, seis unidades de discos magnéticos, com 570 mb cada um. Além disso possui quatro unidades de fita magnética e duas impressoras com capacidade de imprimir 1.200 linhas por minuto cada uma delas. Um dos maiores passos, no entanto, veio com o serviço de teleprocessamento de dados, que permite a ligação simultânea entre Ijuí

e as duas Regionais. Segundo o gerente administrativo, este serviço é feito graças a unidade de comunicação com capacidade de gerenciar 16 locais remotos, atendendo um grande número de usuários ao mesmo tempo.

Um outro tipo de serviço prestado pela Cotridata é o sistema on-line. Um trabalho em que os processamentos são realizados à distância, mas ligados ao Centro Cotridata através do telefone e que mantém a ligação 24 horas no ar. Por meio deste sistema são servidos a Prefeitura de Ijuí, a Central de Abastecimento e brevemente a Regional de Dom Pedrito, através de uma linha privada. Fora o trabalho realizado para a Cotrijui, a Cotridata mantém ainda um serviço a aproximadamente 100 clientes, utilizando o sistema convencional.

ESTRUTURA

Contando atualmente com quatro setores - Sede, Sub-Centro de Dom Pedrito, Sub-Centro de Mato Grosso do Sul e setor de Desenvolvimento em Porto Alegre, a Cotridata possui em seu quadro funcional 97 funcionários, os quais são treinados na própria empresa. O último dos setores criados pela empresa foi o de Desenvolvimento, instalado em janeiro deste ano. Este setor é o responsável pelo desenvolvimento de novos sistemas de computação.

Operando com 26 sistemas de processamento, a empresa possui hoje 20 sistemas totalmente voltados à prestação de serviços para cooperativas, como por exemplo, o controle de estoques de insumos, controle de estoque de cereais, controle de estoque de lojas e sistema de lã. Para completar o trabalho direto e indireto da produção agrícola, a Cotridata possibilita ainda programas de planejamento alimentar da pecuária leiteira

COTRIDATA

Pioneirismo na computação

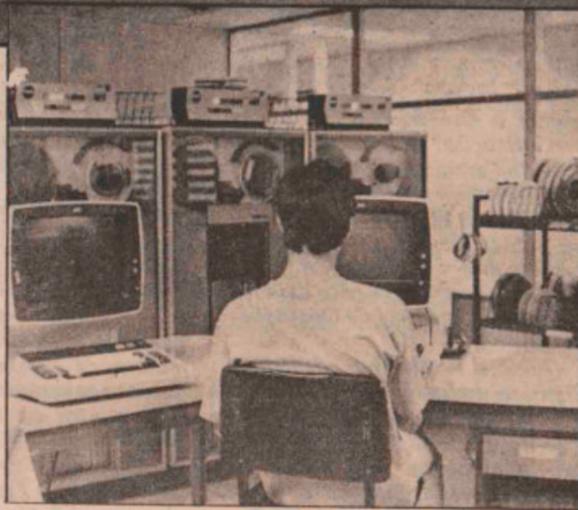


Seis anos de prestação de serviços

na Cotrijui, Regional Pioneira e a realização de pesquisas agropecuárias através do Centro de Treinamento Cotrijui, o CTC.

AO PRODUTOR

O que iniciou com apenas um controle de Conta Corrente do associado, transformou-se em 15 anos num vasto número de serviços prestados não só ao produtor como também a terceiros. O trabalho inicial, no entanto, tem sido cada vez mais aperfeiçoado. Para os próximos anos, o associado poderá contar com um novo ACC, mais integrado e mais simplificado, como afir-



Instalações internas da sede, em Ijuí

ma o diretor financeiro Ari Zimpel. Além de dinamizar o atendimento, o produtor terá em mãos um relatório da sua safra, onde constará o histórico de cada produto, permitindo-lhe analisar o rendimento da sua produção.

COTRIEXPORT

Garantindo a comercialização

Árvore que despontou frondosa graças a participação consciente de seus associados, a Cotrijui projetou-se nos sentidos vertical e horizontal, alastrando a presença em setores de atividades diversas. A Cotriexport - Cia. de Comércio Internacional, é uma das raízes dessa árvore, que direciona os galhos para outros países.

Criada em 1975, a Cotriexport atua na comercialização interna e externa da produção da Cooperativa, que abrange atualmente mais de duas dezenas de produtos de origem agropecuária. O complexo empresarial da Cotriexport está centralizado em Porto Alegre, e mantém-se em permanente contato com os centros de decisão do país e do exterior, principalmente visando o mercado internacional de grãos.

É uma empresa "trading" na

linguagem jargão do comércio internacional, com a principal atividade dirigida para o comércio da soja. Outros produtos que também merecem sua atenção direta são o farelo e o óleo de soja, arroz beneficiado, milho, carnes, sementes forrageiras e lã.

O presidente da Cotrijui, economista Oswaldo Olmiro Meotti, divide-se dirigindo também a Cotriexport, tendo como assessor mais direto o vice-presidente Homero Bellini, um advogado. Eles dirigem uma equipe de especialistas de mercado.

A empresa está permanentemente em contato direto, via telex, com as bolsas de cereais mais operativas do mundo, em especial a de Chicago, nos Estados Unidos. Ela participa de concorrências públicas para cereais, faz afretamento de navios, pratica mecanismos de "hed-

ge" nas bolsas internacionais e presta serviços para terceiros.

Nos doze anos de operações completados a 14 de janeiro do corrente ano, a Cotriexport tem exportado produtos para todos os países componentes do Mercado Comum Europeu, diversos países da África e da Ásia. A pauta exportada tem o volume e pesos com expressões quase que absolutas na soja em grão, farelo e óleo de soja.

No ano passado a empresa não operou na exportação, pois o mercado interno foi mais atrativo em virtude do Plano Cruzado. Com a taxa cambial do dólar mantida em estabilidade forçada, não foi fechado câmbio com essa finalidade. Mas neste ano a empresa já retornou ao mercado externo de remessa, tendo exportado 27 mil toneladas de soja in natura.



CEREALISTA

A caminho da agroindústria

A aquisição da Cerealista representou o primeiro passo em direção a agroindústria. Ela recebe produção de mais de 3.500 associados

A Cerealista Cotrijuí existe desde 1983, quando foi adquirida do Grupo Cometa. A Cotrijuí adquiriu todo o maquinário, o registro e o espaço comercial. Nos primeiros anos de Cotrijuí, a Cerealista continuou funcionando nas antigas instalações, em prédio alugado, localizado às margens da BR-285, ligada a subsidiária Transcooper. Tão logo a atual diretoria da Cotrijuí tomou posse, a Cerealista foi desligada da Transcooper e incorporada ao setor de hortifrutigranjeiros em atacado, ficando, portanto, ligada diretamente à diretoria de Operações e Comercialização. O setor de comercialização da Cerealista funciona junto ao antigo Entrepósito de Hortifrutigranjeiros, localizado na rua do Comércio, bem na subida depois dos trilhos de quem vai em direção a Unijuí. A parte de produção e beneficiamento está localizada junto ao parque de Operações da Cooperativa.

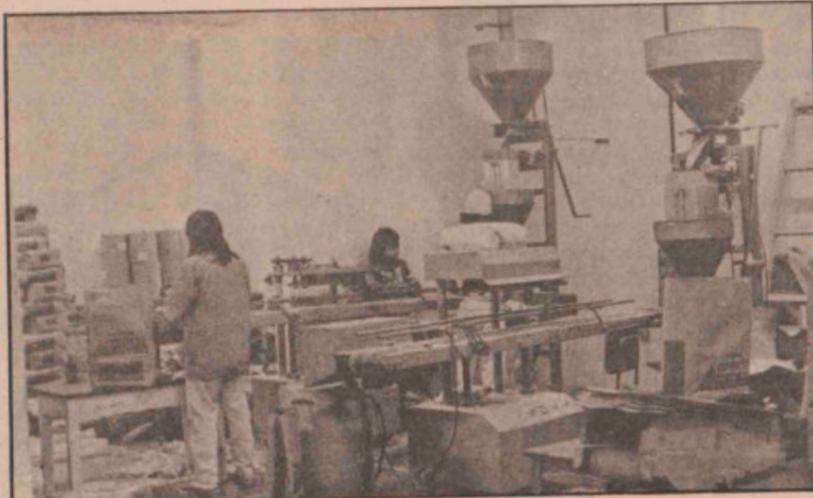
Quando a Cotrijuí adquiriu a Cerealista, a idéia da agroindústria já era vista como uma saída para a produção diversificada da região e que envolve, atualmente, em torno de 3.500 produtores apenas na área de atuação na Regional Pioneira. "A Cerealista, diz Clóvis Rorato de Jesus, diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuí, representa o ingresso da Cooperativa na área da agroindústria. Ela também significa, complementa mais adiante o Nelci Baroni, gerente da Cerealista, uma forma da Cooperativa proporcionar uma certa estabilidade aos produtores da área de diversificação".

Os primeiros passos em direção a agroindústria já estão sendo dados. "É um trabalho, segundo o Clóvis, que vem avançando aos poucos e que tem o sentido de viabilizar a produção da região. Os tradicionais passeios à procura de beneficiamento para depois retornar ao consumidor vão diminuir. O consumidor vai adquirir produtos produzidos e beneficiados na região.

PRODUTOS DOS ASSOCIADOS

A Cerealista funciona através de representantes comerciais, autônomos, que cobrem a região de Soledade a Uruguaiana, procurando colocação para os produtos. Ela não opera essencialmente com produtos produzidos pelo quadro social, "pois a linha ainda é bastante limitada, explica Baroni. Mas temos a certeza de que este é o caminho pelo qual, aos poucos, estaremos conquistando uma fatia maior do mercado e colocando à disposição do consumidor os produtos da região". Atualmente mais de 200 produtos, entre beneficiados e recebidos dos associados pela Cerealista, são colocados nos mercados da Cotrijuí.

Entre os produtos comercializados e beneficiados pela Cerealista e que são produzidos pelo quadro social, o Baroni relaciona o alpiste, o



Mais de 40 produtos produzidos na região são beneficiados da Cerealista

amendoim, o arroz, a canjica, o milho, a farinha de milho, a lentilha, o feijão, o girassol, o melado, a rapadura, o mel, o milho pipoca, o óleo de soja, o painço, o pepino em conservas, a linhaça e a ração. São ao todo, quase 30 produtos. De terceiros, ela adquire, beneficia e comercializa, em torno de 40 produtos. Também recebe e comercializa ovos, laranja, alho e toda a linha de hortifrutigranjeiros — alface, repolho, cenoura, beterraba, couve, rúcula, cebolinha, entre tantos outros produzidos na região. O recebimento de laranjas deste ano destinado a indústria, deverá passar de mil toneladas.

O alho é outro produto que tem bastante expressão na região. A estimativa de recebimento deverá ultrapassar, seguramente, as 250 toneladas, contra as 65 que entraram no ano passado. O recebimento de abóboras produzidas principalmente pelos associados de Tenente Portela, poderá chegar a 50 toneladas.

CONSERVAS DE PEPINO

O número de produtos beneficiados pela Cerealista ainda é limitado e vem atingindo apenas aqueles mais perecíveis e que são produzidos em determinada época do ano. O excesso de produto, numa mesma época, satura o mercado e os riscos de prejuízos, por parte dos produtores sempre são grandes. Esse é o caso do pepino, por exemplo. Toda a produção entregue na Cooperativa pelo quadro social vem sendo destinada a fabricação de conservas. No ano passado, por exemplo, foram feitos 50 mil vidros de conservas. Para este ano a estimativa é de que a Cerealista chegue a 250 mil unidades — entre vidros e latas —, o equivalente a 200 toneladas de produto "in natura" e que leva o nome "Cotrijuí". Com as conservas, explica o Baroni, estamos atendendo o maior número possível de associados num mesmo período do ano e conquistando um espaço no mercado. Também já existem estudos para conservas de



Uma previsão de 250 mil vidros de conservas de pepinos

frutas como o figo, geléias e schmier. Para não se perder o melado, que é um produto bastante perecível e do qual a Cotrijuí recebe em torno de 10 toneladas de seus associados, a Cerealista vem fazendo rapaduras com amendoim. A Cooperativa só não tem recebido mais melado do quadro social por falta de capacidade comercial. Em Coronel Bicaco, uma unidade distante a 100 quilômetros de Ijuí, começa a ser montado um soque para erva-mate. "É mais um produto proveniente do quadro social, que vai ser produzido e colocado na região", observa. Outros projetos em estudos estão relacionados com um engenho, uma tafona para mandioca e o beneficiamento do alho, transformando-o em pasta.

PRODUÇÃO DIRECIONADA

Segundo Baroni, a produção diversificada da região ainda encontra-se um tanto desordenada. "Nós temos que partir para a produção de um determinado tipo de produto para um determinado tipo de mercado. É preciso trabalhar mais em cima de um mercado direcionado. Como exemplo, ele cita o caso das laranjas produzidas de maio a outubro. Essa produção dos nossos associados tem condições, por ser mais do tarde, de abastecer todo o mercado da região.

TRANSCOOPER

Seis anos transportando a produção

Uma das subsidiárias que mais tem apresentado bom crescimento dentro do complexo Cotrijuí é a Transcooper — Serviços de Transporte Ltda., hoje responsável por toda a movimentação rodoviária de carga leve e pesada da Cooperativa. Criada em dezembro de 1980, a Transcooper, nasceu da necessidade de escoamento da safra da Regional do Mato Grosso do Sul, que naquela época dependia de outras empresas para realizar o transporte de grãos.

"Tínhamos problemas sérios no Mato Grosso", conta o gerente administrativo, Roberto Capssa, ao lembrar as manipulações de mercado feitas pelas empresas daquela região, colocando menos veículos à disposição, aumentando os fretes e não remunerando adequadamente os carreteiros. A Regional Pioneira, no entanto, já contava com o Departamento de Transporte, o qual, em abril de 1980 foi acionado para administrar o transporte em Dourados, através do agenciamento das outras empresas.

TRANSCOOPER

Para realizar este trabalho, conta Capssa, bastou estabelecer um sistema de transporte onde o carreteiro fosse bem remunerado e onde a comissão repassada às empresas

agenciadas fosse fixada, buscando, desta forma, um serviço seguro, completo e com baixos custos para a Cotrijuí. Em pouco tempo o que iniciou como a solução de uma questão localizada, tornou-se em uma das maiores empresas de transporte de grãos da região de Dourados, controlando toda a movimentação da Regional do Mato Grosso. Dois meses depois começavam a aparecer os resultados do empreendimento. Em junho de 1981 a Transcooper já era responsável por 30 por cento do escoamento global de soja na Cotrijuí, Regional de Mato Grosso, em julho por 40 por cento e, em agosto, por 50 por cento.

Continuando a sua expansão, a empresa desceu para o Sul, em maio de 1982, transportando 30 por cento do volume da Regional Pioneira, onde está sediada até hoje. No ano seguinte, porém, a expansão da comercialização do arroz na campanha e o mercado de retorno de fertilizantes determinaram a criação das filiais de Dom Pedrito e de Rio Grande. "Crescemos ao natural, sem altos dispêndios para a movimentação", afirma Capssa, apontando os diversos serviços realizados pela empresa, formada hoje por 94,66 por cento da Cotrijuí, 2,67 por cento da Cotriex-

port Seguradora, e 2,67 por cento do Instituto Rio-grandense de Febre Afetosa.

CRESCIMENTO

O trabalho desenvolvido durante estes seis anos trouxe vários benefícios para a Transcooper como o para a Cooperativa. Um deles, segundo o Capssa, é sua credibilidade a nível nacional, adquirida pela participação e o conhecimento da política global de transporte. Filiada ao Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas do Rio Grande do Sul e a Associação Nacional de Transportes de Carga, a Transcooper também está credenciada pelo Departamento Nacional de Compra do Trigo-Ctrin e pela Companhia de Financiamento da Produção, CFP, desde 85, para realizar o transporte interno de trigo e milho, principalmente na região do Mato Grosso do Sul. Mas, afora este reconhecimento inenunciável, a Transcooper registra o seu crescimento pelos próprios números que ela tem carregado desde a sua criação. Se em 30 de novembro de 82, 678 toneladas a dia era um bom volume, 5.000 toneladas ao dia, hoje, faz parte da rotina da empresa, que possui 4.500 transportadores autônomos credenciados em todo o Brasil.



O Instituto Rio-grandense de Febre Aftosa passou para o controle do grupo Cotrijuí em 1977.

Localizado no centro de uma área de 53 hectares e instalado numa planta industrial de 4.000 metros quadrados, no bairro do Lami, em Porto Alegre, o Instituto Rio-grandense de Febre Aftosa (Irfa), vem se revelando nos últimos anos a grande opção genuinamente nacional, de indústria biológica para a preservação da saúde animal. Sua presença no setor laboratorial começou a ser notada principalmente a partir de 1982, quando seus técnicos conseguiram inativar, por processos químicos, o vírus da febre aftosa. Mas o Irfa está sob o controle do sistema cooperativo desde 1977.

O êxito da pesquisa resultou na fabricação da vacina trivalente, com adjuvante oleoso, que passou a ser comercializada sob o nome Aftovac. Inédita, até então, no Brasil, na época apenas dois laboratórios internacionais produziam o complexo "oleoso". A Aftovac é elaborada den-

tro da mais avançada tecnologia, a partir de antígenos obtidos em cultivos celulares. É inativada com Bromoetilenina, tendo como adjuvante uma emulsão primária em óleo mineral leve, o que lhe garante uma prolongada indução na formação de anticorpos e, conseqüentemente, maior duração de imunidade.

Quem dá essa discriminação científica do produto é o médico-veterinário Carlos Quintana da Rosa, gerente-geral do Irfa, que vem se dedicando, há anos, para colocar o laboratório na dimensão de suas potencialidades reais. Ele revela todo o entusiasmo no seu trabalho, e no da equipe técnica que o assessora, ao dizer que durante o corrente ano o Irfa colocará no mercado seis milhões de doses somente da vacina oleosa, a trivalente Aftovac.

Outros dois produtos, que se constituem em verdadeiro orgulho para Carlos Quintana são, a Sintovac "G" - vacina polivalente contra o carbúnculo sintomático e a gangrena gasosa, produto com adjuvante oleoso, e a Foot-vac, vacina polivalente oleosa, que combate o footrot dos ovinos, conhecido popularmente como "podridão dos cascos".

O Irfa está produzindo, ao todo, nove produtos, que são: Aftovac (trivalente); Vacina Antiaftosa Irfa, Vacina Anti-Rábica "Irfa", Sintovac "G", Hemovac "B", Clostridiovac,

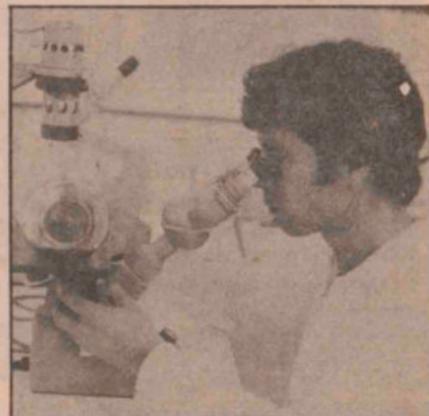
vacina contra o Carbúnculo Sintomático "Irfa", vacina contra a Hemoglobulinária Bacilar e Carbuvac.

O IRFA NO CONTEXTO EMPRESARIAL COTRIJUI

O Instituto Rio-grandense de Febre Aftosa, passou a integrar o Grupo Cotrijuí a 7 de novembro de 1977. O elemento estimulador para a entrada da cooperativa na indústria químico-biológico animal, foi devido, em parte, pela encampação da Indústria Pedritense de Carnes, Sociedade Cooperativa Ltda., que havia ocorrido no começo do mesmo ano. E não somente a presença, já consolidada da Cotrijuí em Dom Pedrito, mas também a perspectiva de sua expansão para o estado do Mato Grosso do Sul, conforme veio a concretizar-se no início do ano seguinte, em 1978. Foi uma dupla entrada na pecuária.

O gerente Carlos Quintana da Rosa diz que a filosofia do Irfa transcende o simples desempenho empresarial, para fixar-se num patamar mais alto, onde se revela a preocupação com o lado social da questão. Ele se refere ao custo-benefício. Acha que deve ser motivo de maior tranquilidade para os pecuaristas - principalmente aqueles que são associados da Cotrijuí - saberem que têm um laboratório químico-biológico preocupado em desenvolver pesquisas visando a saúde de seus rebanhos.

Lamentou, porém, a escassez

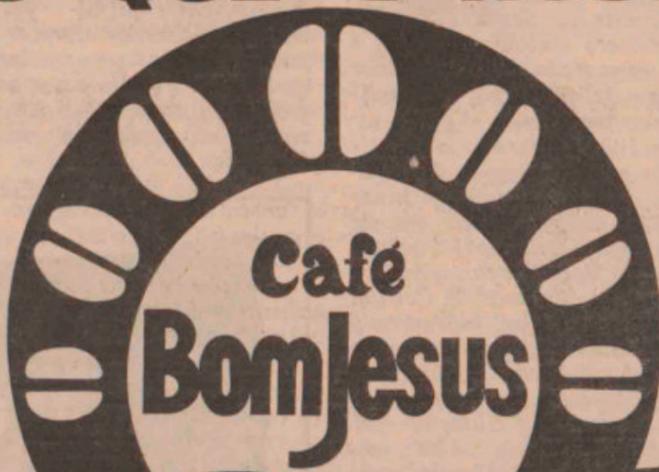


No laboratório, o controle de qualidade

de informações científicas no setor, notadamente em relação à indústria genuinamente nacional - como é o caso do Irfa. Segundo ele, as empresas do setor, com ramificações em outros países, podem trocar informações e cambiar interesses recíprocos, enquanto que as nacionais não contam senão consigo mesmas. Por isso, enfatizou Quintana, que as nossas conquistas são resultantes de trabalho dobrado.

Mas apesar das dificuldades que o setor enfrenta, salientou que o Irfa trabalha com denodo e afinco. E não para ser o maior, mas, seguramente, para ser o melhor laboratório químico-biológico de produtos veterinários do país, finalizou.

É HORA DE CONFIAR NO QUE É NOSSO

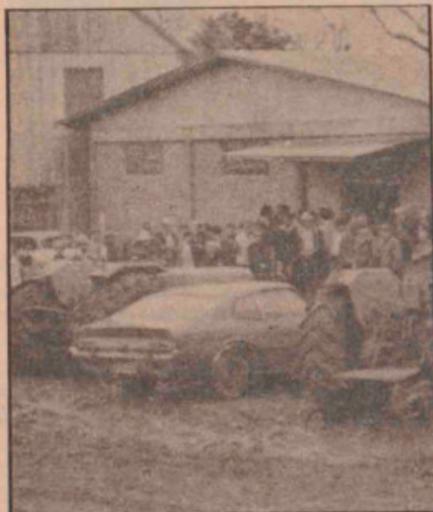


O Rio Grande do Sul tem produtos de excelente qualidade. Para recuperar economia e retomar nosso desenvolvimento é preciso acreditar nas coisas da terra, consumindo produtos da terra, como o Café Bom Jesus por exemplo, que é puro, 100% café, resultado de grãos extraídos dos melhores cafezais do país e de uma apurada tecnologia de torra e moagem.

É esse alto padrão de qualidade que a Cotrijuí está oferecendo a seus associados.

É de gente assim que o Estado precisa. É esse incentivo que prova que unidos, podemos fazer milagre.

Parabéns e obrigado Cotrijuí, pelos seus 30 anos de contribuição na valorização dos nossos produtos.



O mercado da Linha 28, Ajuricaba

A área de consumo nasceu modesta, mas hoje representa 12 por cento do total do faturamento da Cotrijuí. São 34 lojas a serviço do associado

O setor de consumo da Cotrijuí surgiu como uma espécie de "quebragalo" e, a princípio, visava apenas o atendimento dos funcionários. Chamava-se "cantina" e ficava instalada numa garagem que existia nos fundos da antiga sede da Cooperativa e, onde funcionou até por volta de 1960. A partir desta data foi transformada em mini-mercado, passando também a vender gêneros alimentícios para os associados.

Mas o primeiro posto de abastecimento, instalado fora da sede da Cooperativa, só foi criado cinco anos mais tarde, na localidade de Santa Lúcia, interior de Ijuí. Em 1966 foram instalados postos em Sítio Gabriel e Tronqueiras, Tenente Portela; em São Pedro, Jôia; Rosário, Augusto Pestana; Linha 28 Norte — hoje município de Ajuricaba — e em Coronel Bicaco. Em 1967 foi criado o posto de Santo Augusto e em 1972 um posto em Linha 6 Norte, interior de Ijuí.

14 ANOS DEPOIS

O primeiro supermercado da Cotrijuí só surgiu 14 anos depois que a "cantina" foi transformada em mini-mercado, e estava localizado na unidade de Tenente Portela. Enquanto isso, o pequeno, mas eficiente mini-mercado de Ijuí só ganhou instalações mais apropriadas em 1975, depois que a sede da Cooperativa se instalou definitivamente na rua das Chácaras. Ainda nesse mesmo ano foram instalados mais dois postos de vendas: um em Pinhal e outro em Formigueiro, interior de Ajuricaba.

Um ano mais tarde, com a incorporação da Cooperativa Mista Mauá e a ocupação de suas instalações pela Cotrijuí, também foi criado mais um supermercado. Em 1978 foram criados postos em Vila Salto, em Ijuí, e ainda os supermercados de Jôia, Chiapetta e Maracaju. Os supermercados de Dom Pedrito, Miraguaí,



O hipermercado da Cotrijuí ocupa uma área total de três mil metros quadrados

CONSUMO

Da cantina à rede de lojas

Augusto Pestana, Derrubadas, em Tenente Portela e Rio Brillante, em Mato Grosso do Sul só surgiram em 1979. Em 1980 surgiram mercados em Dourados e Caarapó, no Mato Grosso do Sul e em São Valério, interior de Santo Augusto. Ainda nesse ano foi criada mais uma loja Cotrijuí localizada na rua do Comércio, que funciona até hoje junto a Cerealista. Esta loja, a exemplo de outras duas criadas alguns anos mais tarde, apresenta uma característica diferente das demais: trabalha com um número limitado de itens e coloca à disposição do consumidor produtos que a Cooperativa recebe diretamente do produtor.

Em 1981 foi instalado um mini-mercado em Rio Grande, hoje fechado. No ano seguinte foram inaugurados dois supermercados, um em Coronel Barros, interior de Ijuí e outro em Jardim, no Mato Grosso. A expansão da área de consumo da Cotrijuí teve prosseguimento em 1983 com a abertura de mais dois postos de vendas de produtos hortifrutigranjeiros, um localizado na rua Coronel Dico e o outro na rua Emil Glitz, em Ijuí. Em 1984 foi criada mais uma loja em Bonito, em Mato Grosso, completando uma rede de 34 lojas Cotrijuí.

12 POR CENTO

A área de consumo representa, atualmente, 12 por cento do total do faturamento da Cooperativa. A nível nacional, em termos de faturamento, as lojas Cotrijuí ocupam o 52º lugar e o oitavo no Estado. Estas posições de destaque levam o setor a se manter sempre em evidência, como conta o diretor da área, Orlando Romeu Etgeton:

— Esta é uma área que tem se profissionalizado muito nestes últimos anos, o que nos levou a ingressar no mesmo ritmo. Muitas adaptações foram feitas na nossa rede de lojas para que também pudéssemos fazer parte dessa nova realidade de mercado.

A maioria das lojas Cotrijuí sofreu, nestes últimos anos, remodelações, tanto em sua área física como na prestação de serviços aos consumidores, passando a operar através de auto-serviços. A loja de Ijuí, por exemplo, foi transformada em hipermercado. A seção de ferragens também foi reestruturada e ampliada. Para agilizar o atendimento ao associado, ela também está operando através de auto-serviços. A seção de produtos agropecuários — sementes, medicamentos, entre outros — foi ampliada com condições de oferecer um maior número de itens aos associados. A loja de Tenente Portela passa por uma remodelação completa, para transformar-se no segundo hipermercado da Cotrijuí.

PRODUTOR E CONSUMIDOR

Com toda esta dimensão e importância, o setor de consumo dentro da Cotrijuí, segundo o diretor de Compras e Abastecimento, precisa ser analisado, levando em conta dois pontos fundamentais. O primeiro deles está relacionado com as áreas de mercaderia e de peças. "Temos o compromisso de fornecer as roupas, acessórios e peças para que o agricultor continue tocando a sua atividade para frente", diz Romeu Etgeton. O segundo ponto é o de tentar aproximar cada vez mais o produtor do consumidor. "Essa é a nossa grande meta: trazer para dentro da Cooperativa, para serem comercializados por consumidores da região, os produtos produzidos pelos nossos agricultores".

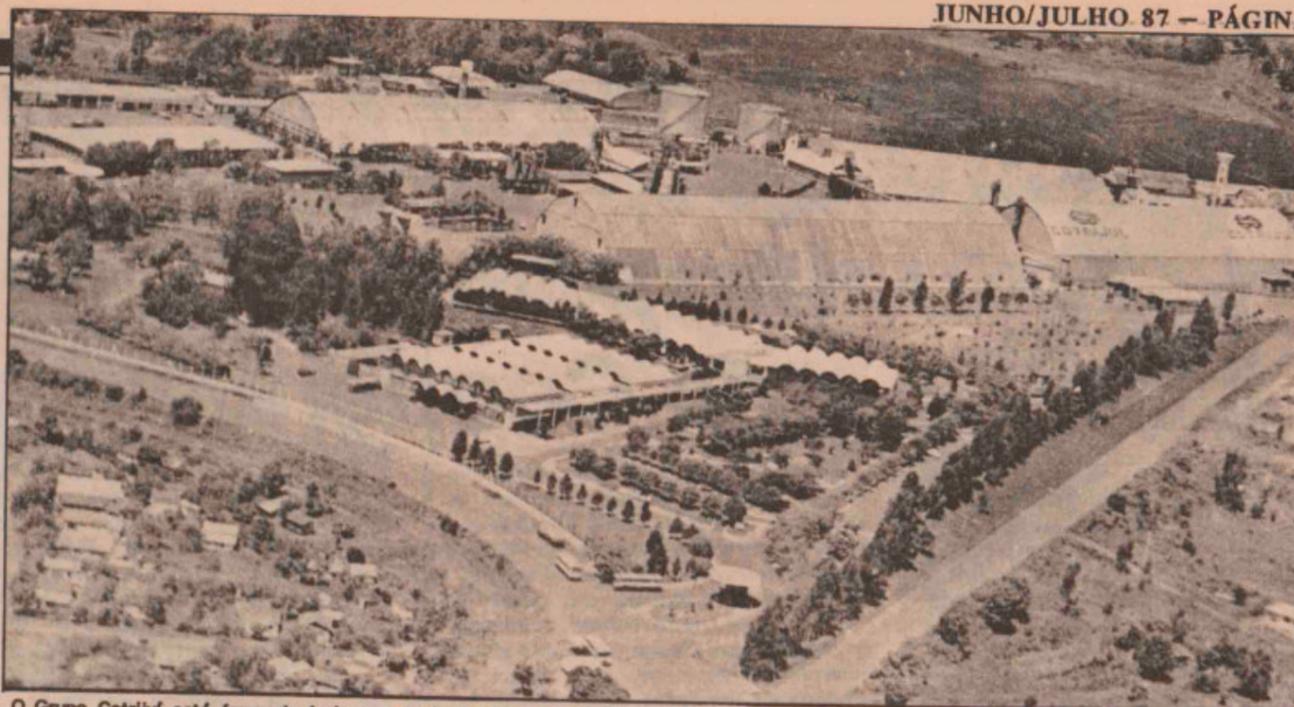


PROLAC
SAÚDA OS
ASSOCIADOS
DA COTRIJUI,
POR 30 ANOS
DE TRABALHO,
LUTA E
ESPERANÇA.

A venda nas lojas Cotrijuí



O atual número de funcionários da Cotrijuí chega a 3.472 pessoas. O quadro social está formado por 16.181 agricultores



O Grupo Cotrijuí está formado hoje, por mais de 16 mil associados ativos

A Cotrijuí de hoje é muito diferente daquela fundada há 30 anos atrás por 23 agricultores da região. O quadro social atual é de 16.181 associados ativos. Mas ainda continuam cadastrados como associados aqueles agricultores que há muito deixaram de operar na Cooperativa. A Regional Pioneira tem o maior número de associados: 11.579. Em Mato Grosso 3.009 agricultores distribuídos pelos municípios de Dourados, Campo Grande, Maracaju, Rio Brilhante, Sidrolândia, Bonito, Douradina, Caarapó, Ponta Porã, Aral Moreira, fazem parte do quadro social da Regional. Em Dom Pedrito o número de associados da Cotrijuí é de 1.413.

A capacidade de armazenamento da Cotrijuí chega, atualmente, a 1.371.200 toneladas. É na Regional Pioneira, onde nasceu o Grupo Cotrijuí, que está instalada a maior capacidade de recebimento de produção, 584.800 toneladas. Em Mato Grosso do Sul o recebimento da produção é feita através de 13 armazéns, com uma capacidade total para 475.450 toneladas. As instalações em Dom Pedrito têm a capacidade de armazenamento para 91 mil toneladas e o terminal de Rio Grande para 220 mil toneladas.

Em 1986 o recebimento de produtos agrícolas foi o seguinte:

- Trigo - 304.355 toneladas de produto indústria
- 24.497 toneladas de semente
- Soja - 412.355 toneladas de produto indústria
- 28.914 toneladas de semente
- Milho - 20.967 toneladas de produto indústria
- Feijão - 179 toneladas
- Arroz - 71.845 toneladas
- Sorgo - 16.088 toneladas
- Cevada - 2.765 toneladas
- Linhaça - 873 toneladas
- Colza - 129 toneladas
- Alfafa crioula - 153 quilos de sementes
- Aveia - 463 toneladas de sementes
- Azevem - 534 toneladas de semente
- Capim Guenoaro - 481 quilos de semente
- Milheiro - 130 toneladas de produto indústria
- 88 toneladas de semente
- Tremoço - 3 toneladas de produto indústria
- Trevo - 4 toneladas de semente
- Alho - 37 toneladas de produto indústria
- 10 toneladas de semente
- Aveia comércio - 251 toneladas
- Amendoim - 6 toneladas
- Milho pipoca - 32 toneladas
- Painço - 551 quilos
- Triguilho - 528 toneladas
- Sincho - 3.017 quilos de sementes
- Pensacola - 12.340 quilos de semente
- Cornichão - 459 quilos de semente
- Siratro - 925 quilos de semente

COTRIJUI

A produção e a expansão na região

Teossinto - 2.692 quilos de semente
A produção industrial da Cotrijuí, alcançou no ano passado um total de 12.469 toneladas de farelo; 2.953 toneladas de óleo bruto; 826 toneladas de óleo refinado; 7.103 toneladas de ração e concentrados. A produção de carne no frigorífico de Dom Pedrito chegou a 3.469 toneladas e a de arroz a 9.017 toneladas.

Nos produtos pecuários, o recebimento de 86 ficou em:
Bovinos - 17.766 cabeças
Ovinos - 6.673 cabeças

Suínos - 20.933 cabeças
Lã - 1.397 cabeças
Leite - 24.092.731 litros - dados levantados apenas na Regional Pioneira.

O número de funcionários da Cotrijuí chega a 3.472 pessoas, assim distribuídas pelas regionais: Pioneira, 1.684; Dom Pedrito, 584; Mato Grosso, 821; Rio Grande, 300 e Porto Alegre, 83.

A assistência técnica aos produtores da Cotrijuí é feita através do trabalho de extensão de 34 engenhei-

ros agrônomos, 19 veterinários; 55 técnicos agrícolas e 10 inseminadores. A área de consumo conta com 34 lojas distribuídas por todas as Unidades da Cotrijuí, prestando serviços aos associados através do fornecimento dos insumos necessários para que suas atividades sejam tocadas para a frente. O trabalho de Educação Cooperativa conta com a assessoria de 11 educadores, espalhados pelas oito unidades da Regional Pioneira e três em Mato Grosso,

A primeira unidade

A expansão regional da Cotrijuí aconteceu justamente em função do trigo. Foi assim que se chegou a Santo Augusto, em 1967, através da construção de um dos armazéns graneleiros desenvolvido pela própria Cooperativa. Essa era uma nova fase da Cotrijuí e que iniciou com Santo Augusto. Corre uma história de que a Cotrijuí só não entrou em Três Passos, porque não era uma grande região produtora de trigo, tal era a visão que se tinha na época em relação a cultura. A história de Santo Augusto, pode ser resumida desta forma:

1967 - Um grupo de agricultores de Santo Augusto, associados da Cotrijuí, em Ijuí, procura a direção da Cooperativa e reivindica a instalação de uma Unidade no município. O primeiro passo aconteceu com a construção de um armazém graneleiro com capacidade para 20 mil sacos de produtos. Nesse primeiro ano, a unidade que teve como primeiro gerente Oswaldo Andrighetto, recebeu 160 mil sacos de trigo, provenientes de toda a região, inclusive de Tronqueiras e Derrubadas, em Tenente Portela. Também é de Santo Augusto o associado da Cotrijuí que possui a matrícula de número três: seu Ludwick Mrozinski.

1968 - Esse ano ficou marcado pela excelente safra de trigo. O Armazém da Unidade não teve como comportar tanta produção, que ficou armazenado a céu aberto, no pátio da cooperativa, coberto apenas com lonas.

1969 - Nesse ano aconteceu

a construção de um armazém de sementes com capacidade para nove mil toneladas.

1971 - A construção de um armazém graneleiro fundo "V", com capacidade para 48 mil toneladas.

1974 - Houve a construção do prédio que abriga os escritórios. Foi nesse ano que houve a incorporação do Hospital Santa Terezinha, hoje Bom Pastor, e a Cotrijuí ingressa na área da saúde.

1978 - Construção da balança, pré-amostragem, silos de expedição, as seis moegas. Ainda foram construídos um armazém de insumos, de três mil metros quadrados de área, que hoje abriga o mercado e a loja, o Posto de recebimento e resfriamento de leite e um armazém graneleiro, com capacidade para 50 mil toneladas, na Esquina Umbu.

1980 - Construção do mercado em São Valério

1983 - Construção da segunda fase do Hospital Bom Pastor, com capacidade de 70 leitos e um quadro clínico formado por sete profissionais, mais ainda o apoio de um psicólogo, um fisioterapeuta e um nutricionista.

1985 - Ampliação do mercado, transferido para o antigo armazém de insumos, e a construção de uma moega em São Valério, com capacidade de recebimento para 40 mil sacos.

A unidade absorve o trabalho de 162 funcionários e a gerência está a cargo de Antonio dos Santos. Nos últimos 12 meses a Cotrijuí, unidade, recolheu de ICM Cz\$ 4.108.959,65 e de Funrural Cz\$ 736.052,07. As ven-

das da loja atingiram, neste primeiro semestre, Cz\$ 18.374.336,37. A produção de soja chegou a 420 mil sacos e a de milho 33.700 sacos. O primeiro associado a fazer sua matrícula na própria unidade foi José Rotili e o funcionário mais antigo é o seu Angelo Antonio Aita. O conselho de representantes da unidade é formado por 12 associados.

Depois de Santo Augusto a expansão pela região andou ligeiro. Em 1970 a Cotrijuí chegava a Tenente Portela, distante 150 quilômetros de Ijuí. A Cooperativa Mista de Miraguaí Ltda, entrava em liquidação e a Cotrijuí iniciava o recebimento da produção da região. Em 1972, durante uma assembléia dos representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de A Juricaba, foi feita uma petição à direção da Cotrijuí, pedindo a construção de um silo no município.

Em 1973 foram instaladas unidades Cotrijuí em Vila Júlia, hoje município, Coronel Bicaco e Chiapetta, Augusto Pestana. A Cotrijuí não só recebia a produção dos associados destas unidades, mas também prestava serviços na área de repasse, assistência técnica, liquidação de safras, entre outros.

A expansão da Cotrijuí na região encerrou com a construção de uma armazém em Esquina Umbu, perto de Santo Augusto. Esta é a única instalação da Cotrijuí que funciona apenas como ponto de recebimento da produção. Não é propriamente uma unidade.



Uma retrospectiva da vida da Cotrijuí desde a sua fundação em 1957 e os desafios que existem pela frente

Um pouco da história da vida da Cotrijuí, sua fundação, crescimento, expansão de fronteiras, dificuldades e perspectivas para o futuro. Desta forma o diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti, deu início a sua palestra em comemoração aos 30 anos de fundação da Cooperativa. O painel aconteceu no auditório da Cotrijuí, em Ijuí, e contou com a presença de autoridades municipais, diretoria eleita e contratada da Regional Pioneira, conselheiros, representantes, associados e funcionários. Representando as empresas subsidiárias, o vice-presidente da Cotriexport, Homero Bellini.

Além da presença dos associados mais antigos de cada uma das Unidades onde atua a Cotrijuí na Região, a homenagem especial aos 23 agricultores que no dia 20 de julho de 1957 fundaram a Cotrijuí. Entre eles Hilnon Correa Leite, Genésio Costa Beber, Dary Meggiolaro, Elizeu Antônio Meggiolaro, Benno Orlando Burmann, Leopoldo Löw, Solon Gonçalves da Silva e Paulo Ceretta.

NO TEMPO DO TRIGO

A Cotrijuí nasceu em meio a problemas ocasionados pelo crescimento do trigo na região. Quando apareceu o trigo, rasgando os campos e arrancando as barbas-de-bode, recorda Oswaldo Meotti, aquela agricultura de subsistência que ainda se conservava até o início da década de 50, foi logo substituída por uma agricultura empresarial, pelos insumos químicos. Foi em meio a essa fase que a Cotrijuí nasceu, fundada por 23 agricultores de grande visão e que pretendiam solucionar os problemas surgidos com o trigo.

Os passos iniciais destes produtores, como lembrou o diretor presidente, foram de grandes dificuldades. Havia falta de insumos básicos que eram adquiridos em condições desvantajosas. Também não havia armazéns adequados. Naquela época se colhia o trigo e se armazenava "no tempo", cobertos com lona, na firma Glitz S.A. O produtor pagava para armazenar o seu produto, mas não tinha segurança de comercialização. É nesse período, reafirma, que começa então a criação das Cooperativas Trifícolas. E foi também nesse tempo, que surgiu a Cotrijuí, funcionando apenas com um pequeno armazém onde hoje estão as instalações do hortigranjeiro, na rua do Comércio. Mais tarde, o sistema de armazenagem foi ampliado com a aquisição de um armazém da Cotrinag.

A vontade destes 23 agricultores, aliada a criação desta infra-estrutura montada, segundo Meotti, trouxe, aparentemente, a solução do problema trifícola, mas trouxe, também, outros problemas. Com o surgimento da cultura da soja, novos problemas apareceram: de produção, de produtividade, de recebimento e de armazenagem. A união destes associados, resultou na construção da nossa primeira "fabriqueta", esmagando, no período, 1.000 sacos de

soja por dia. Ela também esmagava milho, linhaça e amendoim.

A PRIMEIRA CRISE

Em 1966 surgiu a primeira crise administrativa dentro da Cotrijuí, provocando, segundo Meotti, uma certa fuga do associado através do desvio da produção. A Cooperativa que já comparecia no mercado como uma exportadora de produtos desde 1964, passou por uma situação bastante delicada. Foi obrigada, então, a comprar produto ao preço líquido de Cr\$ 13,00 o saco, vendendo ao preço bruto de Cr\$ 11,00. O resultado desta crise foi um saldo negativo, registrado pelo balanço, de Cr\$ 700 mil.

Mas foi o espírito de união dos associados, tendo a frente Luiz Fogliatto e mais o aval do Banco do Brasil, os responsáveis pela solução do impasse, lembra. Foi dessa grande crise que nasceram as melhores soluções. Começa então, relembra Oswaldo Meotti, uma nova fase: a da descentralização da Cotrijuí e sua expansão pela região e ainda a construção dos primeiros armazéns. A primeira unidade fora da sede foi a de Santo Augusto, depois veio Tenente Portela, Jóiá, Coronel Bicaco, Chiapetta, Augusto Pestana, Ajuricaba e Esquina Umbu.

O PRESIDENTE LUIZ FOGLIATTO

Cabe ao grande presidente Luiz Fogliatto, disse ainda, a nossa homenagem. Foi ele o engenheiro de fato da Cotrijuí, o autodidata responsável pela criação dos armazéns graneleiros horizontais e que contou com a assessoria de Fernando Craidy.

Mas se a produção continuava crescendo e a armazenagem não era mais problema, agora o que não andava direito era o escoamento da produção. Faltava meio de transporte para levar essa produção até Rio Grande. Foi aí que surgiram os "containers", financiados pelo BNCC, uma idéia, mais uma vez, de Luiz Fogliatto e Ruben Silva, com a colaboração de Werner Wagner. Estes "containers" rodaram por esse Rio Grande durante cinco anos. Os novos problemas se concentram, então, na parte final de escoamento da produção, ou seja, na orla marítima. Não existia infra-estrutura de armazenagem na orla

portuária e nem condições de embarque da produção. Os calados eram baixos e os produtos exportados pelo Rio Grande do Sul que eram produzidos em excelentes condições, tinham preços inferiores no mercado externo por falta de estrutura na exportação. Os navios, conta, ficavam até mais de 30 dias com uma carga em Rio Grande.

A diretoria de então, com o apoio do quadro social, decidiu construir, junto a 4ª Seção da Barra, em Rio Grande, o Terminal. A decisão aconteceu numa grande assembleia, realizada em 1969, onde os associados não só aprovaram a idéia, mas também destinaram parte de sua safra de trigo para custear o início do projeto. Na época, conta Meotti, essa doação em produto representou um milhão, cento e sessenta e oito cruzados. Em 1972 começava a funcionar a primeira etapa do pier de atracação de 150 metros e quatro armazéns graneleiros. Mais tarde, tendo também que dar evasão à produção de todo o Estado, a Cotrijuí duplica a sua capacidade recebedora e armazenadora e ainda dá condições ao pier para que navios de mais de 220 metros possam atracar.

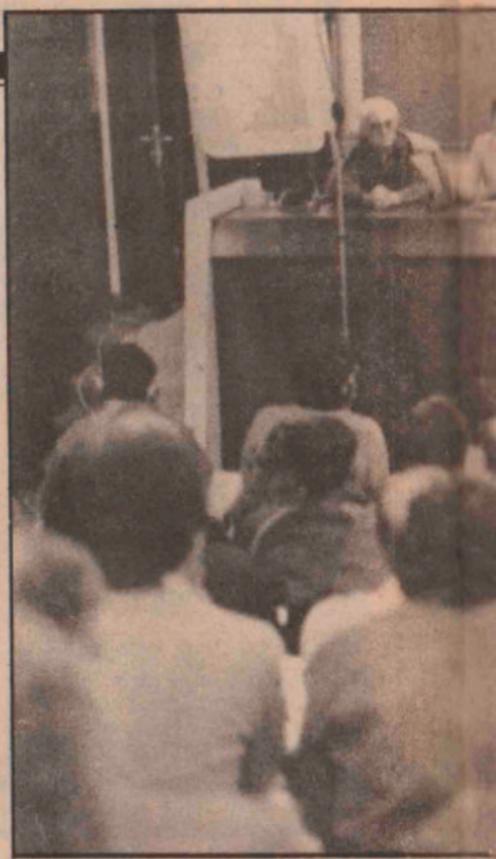
A COMERCIALIZAÇÃO, UM NOVO PROBLEMA

Depois dos armazéns, dos problemas de transporte e da construção do Terminal, a comercialização começava a incomodar. Quem não lembra, recorda, do grande estouro de 1973, quando embarcamos soja a 180 dólares e o mercado já estava em 470 dólares? Três anos mais tarde nascia a Cotriexport, mas antes, cerca de 126 agricultores foram aos Estados Unidos para constatar "in loco", a produção americana de soja.

Mas apesar de toda a euforia que existia, diz Oswaldo Meotti, já se sentia que o ciclo da soja começava a enfraquecer. Foi então que começamos a sentir que o milho, o leite, ovos, carne, feijão, suínos, precisavam voltar à propriedade da região. Se começou então a discutir e trabalhar em cima dos programas de diversificação. Se antes só comprávamos produtos hortigranjeiros de São Paulo, agora grande parte destes produtos consumidos na região são produzidos por aqui mesmo. Em 1980 começamos a trabalhar com suínos e hoje, a previsão é de que sejam abatidos, até o final do ano, em torno de 50 mil cabeças de animais. Somos hoje, a terceira cooperativa do Estado em produção de leite.

A FORÇA DAS REGIONAIS

A incorporação da Cooperativa Pedritense de Carnes e Lãs de Dom Pedrito veio fortalecer esse processo de diversificação. Em Dom Pedrito, diz, encontramos bovinos, ovinos e arroz irrigado. Estávamos colocando em prática o discurso da integração lavoura-pecuária. Ao incorporar a Cooperativa Pedritense, em 1977, a Cotrijuí recebeu o frigorífico, um pequeno armazém para arroz e um prédio para recebimento de lã. Hoje ela já conta com um novo graneleiro, um engenho de arroz e uma sede para os escritórios. Em seguida a essa incorporação veio a proposta para incorporar a Coopemara de Maracaju em Mato Grosso do Sul. Logo veio a incorporação de Dourados, a construção de um armazém em Ponta Porã. Hoje existem,



A mesa foi formada por Homero Bellini, Antoninho

construídos em Mato Grosso, 13 armazéns Cotrijuí. Com essas incorporações em Mato Grosso, explica, buscamos uma economia de escala. Era uma forma de se evitar uma frustração geral na lavoura de soja, já que dificilmente ela acontece em duas regiões diferentes ao mesmo tempo.

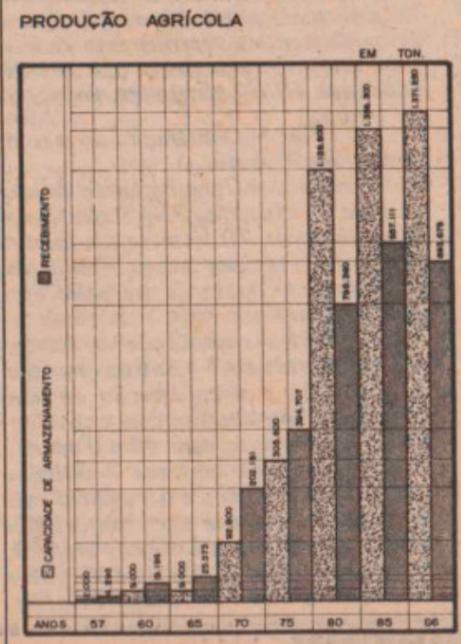
O QUADRO SOCIAL

O quadro social, formado por 23 associados fundadores em 1957, pulou para 109 em 1960 e hoje soma 16.200 produtores ativos, que comercializam a sua safra com a Cooperativa. A totalidade de associados, no entanto, chega quase a 25 mil produtores. Em torno de nove mil produtores estão cadastrados como cooperados inativos.

O crescimento do quadro social, das safras, do recebimento da produção que começou em 1957 com a entrega de 4.300 toneladas de trigo, tem oscilado, atualmente, entre 900 a um milhão de toneladas por ano. É claro que todo esse crescimento, segundo Meotti, trouxe outros problemas. Uma das grandes dificuldades da época era a de fazer a liquidação de uma safra de trigo. Foi preciso aprimorar e modernizar o sistema administrativo e veio, então, a era da informática. Num primeiro momento como contratante de serviços de processamento de dados, até que em 1977 foi criada a Cotridata, mais uma subsidiária. Os problemas de transporte foram solucionados com a criação da Transcooper. Tal era o fluxo de transporte que em 1975/1976 a Cooperativa chegou a repassar ao associado em torno de 600 mil toneladas de calcário. Por essa mesma época a Cotrijuí assumiu também o domínio acionário do Instituto Rio-grandense de Febre Aftosa, dando hoje uma contribuição efetiva ao controle da febre aftosa no Estado e em Santa Catarina.

UM PROJETO QUE NÃO DEU CERTO

A questão fundiária sempre trouxe alguma preocupação para a Cooperativa. A Cotrijuí tentou de alguma forma, resolver esta questão dos associados sem-terra através da reaglutinação de módulos e transferência de mão-de-obra ociosa para outras regiões como a Amazônia, por exemplo. Mas alguns fatores, explica, impossibilitaram a concretização desse projeto: a própria descapitalização da Cooperativa, a inexistência de recursos para crédito fundiário, a intervenção da Funai, a invasão da área por grileiros de madeira, entre tantos outros. O projeto não andou, mas a Cotrijuí mantém ainda hoje,





Lopes, Celso Sperotto, Vamir B. da Rosa e Oswaldo Meotti

Em lugar de festas, o debate sobre a Cooperativa

Os 30 anos da Cotrijuf não foram comemorados com festividades. Em lugar de festas, uma conversa franca e aberta com os associados. Foi assim em Santo Augusto e Jôia. E também vai ser assim nas demais unidades da Pioneira, já que a programação relacionada com os 30 anos da Cotrijuf não encerrou no dia 20 de julho. Algumas Unidades realizaram suas tradicionais Feiras de Produtos Coloniais, como aconteceu em Ijuí, Jôia, Chiapetta e Augusto Pestana. Torneios de integração, envolvendo associados e funcionários, aconteceram em todas as Unidades. Em Ajuricaba, o torneio envolvendo as modalidades de bocha, canastra, pingue-pongue e futebol de salão, chegou a reunir, num só dia, mais de 700 associados, familiares e funcionários.

A PRESENÇA DA DIREÇÃO

Nos painéis realizados tanto em Santo Augusto, no Salão de Festas da Escola Padre Anchieta, como de Jôia, ao ar livre, junto a Feira de Produtos Coloniais, a presença do vice-presidente da Cotrijuf na Região, Celso Bolívar Sperotto, do superintendente, Antoninho Boiarski Lopes e da diretoria contratada, dos associados mais antigos da Unidade, representantes eleitos, conselheiros e autoridades.

As nossas preocupações de hoje, disse Celso Sperotto aos associados de Santo Augusto e Jôia, é o de procurar mudar um pouco o quadro de produção da região. Hoje queremos que o produtor plante além da soja e do trigo, também o milho, o arroz, o feijão. Queremos que ele volte a criar suínos, galinhas, peixes, a produzir leite, carnes e ovos.

A mudança no quadro de produção já começa a acontecer e para isso a Cotrijuf vem levando adiante vários programas alternativos. Só nesse ano,



Celso Sperotto, no encontro em Jôia

por exemplo, num trabalho pioneiro, disse Celso Sperotto, a Cotrijuf recebeu mais de 40 toneladas de semente de milho, produzidas por associados da região. O que se quer com isso? Baratear os custos de produção e diminuir a dependência de materiais híbridos. O resultado do cooperado de leite, por exemplo, é surpreendente. O abate de suínos, apenas do mês de julho, ultrapassa a cinco mil cabeças. Disse que é hora de se fazer uma agricultura própria, à margem dos decretos governamentais, dos VBCs, da correção monetária. Até podemos usar dessa política governamental, reforçou, mas para tanto, precisamos ter respaldo dentro da nossa propriedade.

Dentro desta visão de mudar o quadro de produção agrícola da região é que a Cotrijuf tem se preocupado em levar aos seus associados, todas alternativas possíveis e economicamente viáveis para gerar novos recursos, "embora muitas vezes as dificuldades de comercialização tenham obstruído nossos caminhos".

uma área de 400 mil hectares em Altamira, Amazônia.

A ESTRUTURA DO PODER

O gigantismo da Cooperativa e o perigo do distanciamento do associado levou a criação da Estrutura do Poder, que hoje encontra-se em fase de consolidação e que busca a maior participação do quadro social nas decisões do dia-a-dia da Cooperativa. O processo de Estrutura do Poder funcionou, até certo tempo, meio à margem da legislação, única e exclusivamente em caráter experimental. Hoje funciona em caráter estatutário, com a Cotrijuf tendo um associado representante eleito, para cada 150 associados. É um sistema pioneiro que vem sendo copiado por outras instituições. Temos a certeza, ressalta o diretor presidente, que a participação do associado é um dos motivos que vem mantendo a Cotrijuf em pé, apesar de todos os problemas que o sistema cooperativista tem enfrentado.

A própria reforma administrativa da Cotrijuf, que aconteceu a partir da última eleição da atual diretoria, veio para diminuir esse distanciamento. Hoje cada uma das regionais tem a sua administração própria, formada por um vice-presidente e um superintendente, ambos eleitos pelos associados. A administração central fica a cargo do diretor presidente da Cotrijuf.

Para chegar a posição que ocupa hoje e formar todo esse patrimônio, a Cotrijuf contraiu muitas dívidas. O valor deste patrimônio chega hoje a quatro bilhões e 400 milhões de cruzados. Um capital de risco próprio de 300 milhões de cruzados. Ou seja, em torno de oito por cento do que foi construído, saiu do bolso do produtor. A dívida global da Cooperativa atinge perto de um bilhão de cruzados, o que representa 23 por cento do patrimônio da Cotrijuf.

A Cotrijuf vem administrando essa dívida. A grande preocupação tem sido com os altos custos financeiros, totalmente incompatíveis com o crescimento das nossas receitas. Os juros sobem numa progressão muito maior do que o preço dos produtos. É essa disparidade que vem preocupando a direção, que vem procurando dar a essa dívida, um tratamento adequado, sob o risco de que, daqui a pouco, ela esteja correndo o patrimônio. Mas de qualquer forma, as prestações estão sendo pagas em dia, sem qualquer espécie de inadimplência. A principal credora, que é a Companhia de Financiamento da Produção, está recebendo de forma escalonada o seu crédito, através da prestação

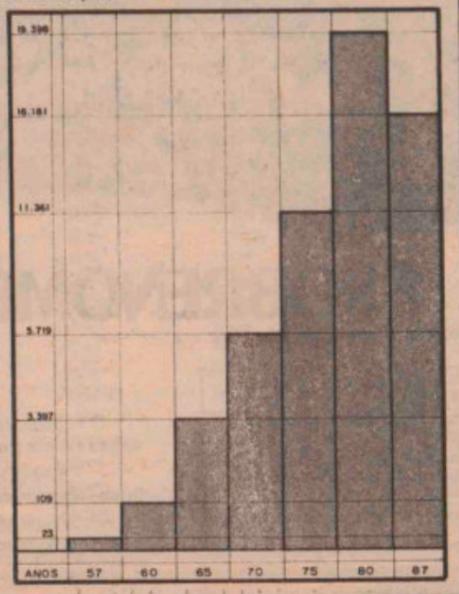
de serviços de armazenagem que vem sendo prestados pela Cotrijuf nas suas três regionais e também pelo Terminal de Rio Grande. O associado, disse ainda Meotti, pode ficar tranqüilo, que o grau de credibilidade da cooperativa junto aos poderes constituídos e credores continua excelente. Os credores estão se comportando como se fossem um médico. Não estão preocupados com a consulta, mas em acompanhar a recuperação do doente.

OS DESAFIOS

A Cotrijuf tem hoje um patrimônio de Cz\$ 4,00 para cada Cz\$ 1,00 de dívida. O grande desafio, no entender do diretor presidente, é o de consolidar esse patrimônio, fazendo com que a dívida não corra ainda mais. De outra parte, para superarmos estes obstáculos, temos que produzir. E todos os investimentos até aqui realizados, o foram na abertura de novas fronteiras. O que precisamos agora é verticalizar as nossas atividades.

A própria consolidação do processo de diversificação, especialmente de suínos, bovinos, aves, peixes, hortigranjeiros exigem a presença da agroindústria. Temos certeza que se depender da vontade e da disposição da direção e dos associados, enfrentaremos com êxito mais este desafio. A Cooperativa continuará consciente de sua importância e responsabilidade sócio-econômicas não só para com a região onde atua mas também com o próprio Estado.

QUADRO SOCIAL EVOLUÇÃO



A participação do produtor

O painel em comemoração aos 30 anos de fundação da Cotrijuf também contou com a participação de associados, autoridades municipais e funcionários. Representando as empresas subsidiárias, a participação do vice-presidente Homero Bellini, que numa homenagem aos associados, dirigentes e funcionários, disse que o maior patrimônio da Cotrijuf não é patrimônio material, mas o humano. "Esse é que é o nosso maior patrimônio. E tenho certeza de que enquanto o associado tiver espírito cooperativista, o cooperativismo vai continuar existindo".

A PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTORES

O associado e conselheiro José Athalides da Conceição, de Jôia, fez uma homenagem aos 23 agricultores fundadores da Cotrijuf, "os verdadeiros pioneiros desta semente que gerou frutos". Recordou dos tempos difíceis, em que os agricultores de Vila Jôia, na época um distrito de Tupanciretã, saíam de suas lavouras para vir até Ijuí entregar a sua produção. "A nós, os jovens, cabe o compromisso de preservar e tocar para frente esse em-

preendimento. Tenho certeza que se não fosse a Cooperativa, jamais teríamos vencido tantas dificuldades".

A dona Meta Krampe, de Ijuí, também lembrou dos tempos em que o agricultor plantava, colhia e guardava a produção pelos quartos, pela sala da casa, por falta de armazéns. "Hoje, disse ela, nós temos armazéns e lugar seguro para comercializar a produção". O seu Dary Meggiolaro, associado fundador da Cotrijuf, falou da importância do momento. "Jamais pensei que pudesse ver a nossa Cotrijuf chegar aos 30 anos. Os associados Irani Amaral, de Coronel Bicaco, Valdir Zardim, de Ijuí, José Lori Flores Gonçalves de Santo Augusto e Antônio Bandeira de Ajuricaba, lembraram o pioneirismo dos fundadores e ressaltaram o papel que a Cotrijuf desempenha na economia regional e estadual. Ainda fizeram suas participações o prefeito municipal de Ijuí, Wanderley Agostinho Burmann, o reitor da Unijuf, Telmo Rudi Frantz, o presidente da ACI, Afonso Celso Haas, o professor Argemiro Brum, da Unijuf, e o assessor da área de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuf na Região, Walter Frantz.



Já se passaram 10 anos desde a fundação da Cotrijui em Dom Pedrito. Uma avaliação por alguns produtores

Após a realização de assembleias múltiplas - em Ijuí e Dom Pedrito - com a participação de elevado número de seus quadros associativos, a Cotrijui incorporou a Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris, no dia 17 de fevereiro de 1977. Já se passaram dez anos desse memorável acontecimento, que em certo sentido significou uma verdadeira revolução no cooperativismo de produção do Estado e marcou o início da caminhada que levaria ao chamado "casamento da agricultura com a pecuária", que hoje é uma realidade.

A afirmação foi feita por Pascoal Marcelo Brandi, à época, vice-presidente da Cooperativa incorporada. Ele diz que ao passar dos anos fica cada vez mais convencido do acerto da medida tomada, pois considera até mesmo que a história moderna de Dom Pedrito

DOM PEDRITO Em direção a campanha

deve ser visualizada em dois períodos. Ou seja, antes e depois da Cotrijui.

Frisou que é preciso ter muito cuidado nos dias de hoje, pois podem surgir oportunistas desejando tirar proveito em cima de algum problema momentâneo que eventualmente possa ocorrer. Chamou a atenção para o perigo da desagregação e do oportunismo provocado por sócios não totalmente conscientizados da missão e importância do cooperativismo. Para Pascoal Brandi, uma das causas do desgaste social e econômico de muitas cooperativas é provocado pelos atravessadores que sempre chegam na época de safra, quando as colheitas estão prontas.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

O agropecuarista João Clóvis Gonçalves Maia, que foi presidente da Pedritense na época da incorporação, é solidário com a opinião de Pascoal Brandi em relação com a importância da vida da Cotrijui para Dom Pedrito. Tanto é assim, diz ele, "que me esforcei ao máximo para concretizar esse objetivo, na condição de presidente, que era, da Pedritense".

E felizmente a Cotrijui vai bem, ressalta mais adiante. No entanto, pondera que a Cooperativa poderia ser ainda maior e mais importante, se procurasse desempenhar um papel mais participativo na política. Considera a Cooperativa muito passiva, talvez um

pouco tímida, em termos de representação. Pensa que o cooperativismo como um todo é de muita passividade no que tange a sua presença ante a sociedade. Quer a política em seu mais alto nível. Política praticamente sem partido no singular, mas com a adesão de todos.

COTRIJUI DEU O IMPULSO

Arthur Xavier Villamil de Castro, médico e agropecuarista, é filho de Arthur Lopes Villamil de Castro, também médico e um dos fundadores da velha Pedritense, sendo o primeiro diretor-comercial na gestão de Oscar Carneiro da Fontoura.

Pecuarista e produtor de arroz, proprietário da Fazenda Cerro Verde, na região da Música, 3º subdistrito, Arthur Xavier Villamil de Castro diz que a chegada da Cotrijui em Dom Pedrito representou o grande impulso que o município estava precisando para desenvolver-se.

Mencionou os tempos difíceis da velha Pedritense, "isolada e de pouca força ante a poderosa concorrência que simplesmente espezinhava a pequena cooperativa de charqueadores". Diz que agora, pelo menos, temos melhores condições para lutar e enfrentar as dificuldades.

FIDELIDADE ASSOCIATIVA

Edson Gonçalves Maia, divide seu tempo com o trabalho na fazenda

no 2º subdistrito, região do Upacará e o gabinete odontológico. Agropecuarista, como a maioria dos proprietários pedritenses, ele dispensa uma atenção muito grande para a Cooperativa, a quem atribui uma acentuada responsabilidade no progresso do município.

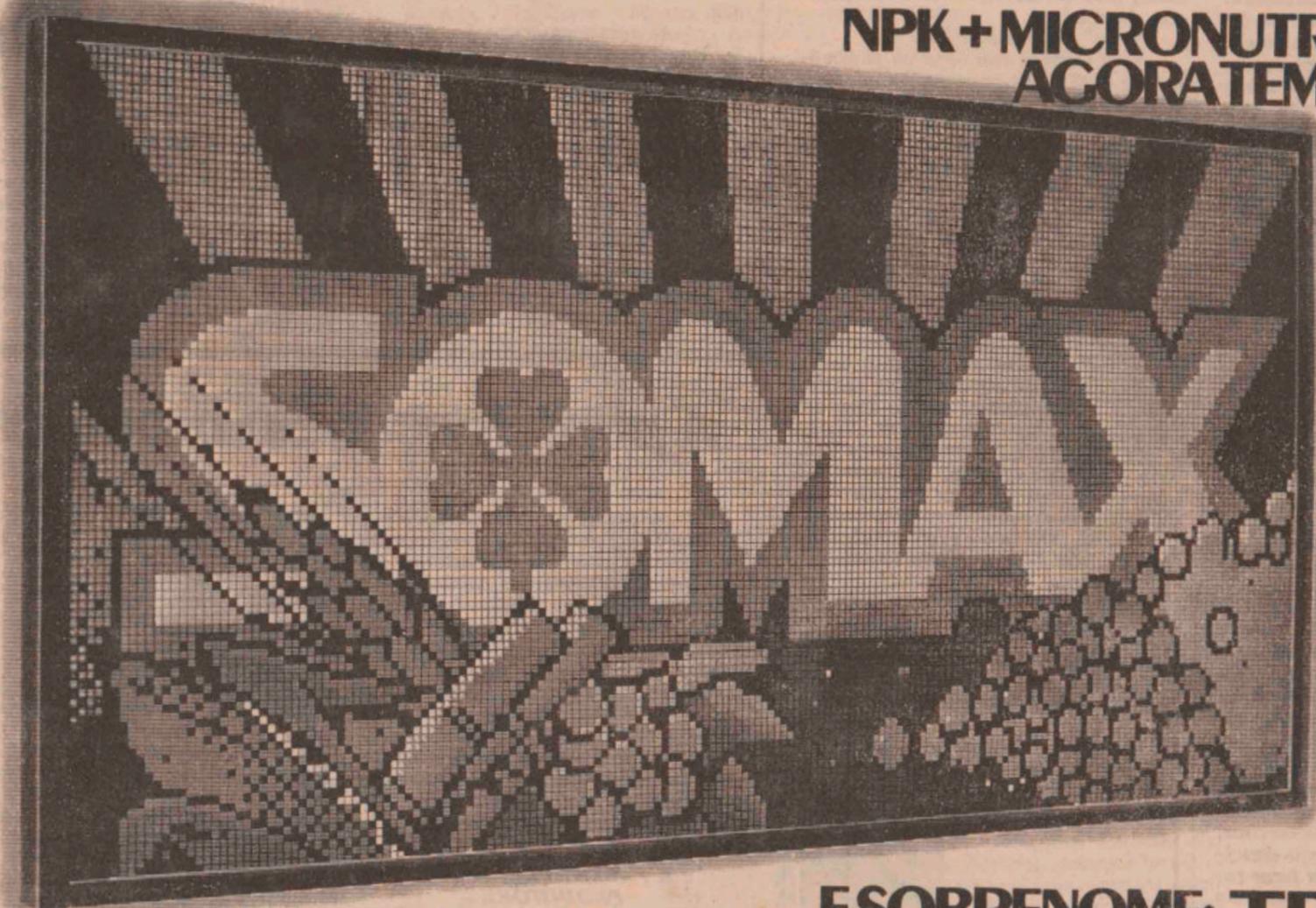
Segundo Edson Maia, a contribuição da Cotrijui no desenvolvimento de Dom Pedrito não pode ser medida apenas no âmbito do econômico. Entende que a parte social é ainda muito mais significativa, pois esta é formadora e geradora das sociedades com instituições sólidas. Considera-se um associado de comportamento até intransigente com relação a fidelidade cooperativista, ao dizer que não compra preços.

REGULADORA DE PREÇOS

Glênio Barcellos Xavier descende de família das mais tradicionais do município. É bisneto do barão de Upacará. Proprietário da Fazenda Santa Ernestina, localizada na região do Upacará, diz que o maior mérito que reconhece na Cotrijui é o fato de ser elemento regulador de preços.

Conhecedor da situação dos produtores em municípios onde não existem cooperativas, e onde os atravessadores impõem os preços que querem pagar, disse que é necessário que se amplie a consciência cooperativista, "pois cooperativas sólidas são o primeiro impulso para o progresso.

NPK + MICRONUTRIENTES AGORA TEM NOME:



E SOBRENOME: TREVO

ADUBOS TREVO, o maior fornecedor de fertilizantes e corretivos do Brasil, traz para o agricultor brasileiro a última palavra da tecnologia para aumentar a produtividade agrícola: SOMAX.

É a soma perfeita de MACRO e MICRONUTRIENTES, na dose exata, nos grãos.

SOMAX combina o tradicional NPK da TREVO com Zinco, Cobre, Boro e Molibdênio, em todas suas variadas fórmulas. A resposta é incrível. A produtividade explode. Pesquisas efetuadas pelas mais conceituadas entidades têm comprovado aumentos notáveis nos índices de produtividade na lavoura, com a aplicação de MICRONUTRIENTES aliados ao NPK, em formulações corretas.

Alguns exemplos do aumento da produtividade agrícola, com aplicação de MICRONUTRIENTES em solos do Cerrado:

MILHO	Aumento de produtividade, de 2.200 kg/ha para 3.500 kg/ha. Trabalho realizado pela FCAV de Jaboticabal. (Fonte: UNESP São Paulo)
FEIJÃO	Aumento de produtividade de 980 kg/ha para 1.420 kg/ha. Ilha Solteira, São Paulo. (Fonte: UNESP - São Paulo)
ARROZ DE SEQUEIRO	Aumento de produtividade de 1.093 kg/ha para 2.250 kg/ha. (Fonte: EMBRAPA - C.P.A.C. - Planaltina - DF)
SOJA	Aumento de produtividade, de 1.150 kg/ha para 2.100 kg/ha. (Fonte: EMBRAPA - C.P.A.C. - Planaltina - DF)

SOMAX é a garantia da formulação exata, distribuída uniformemente em toda a área de plantio.

SOMAX tem, principalmente, a garantia de uma empresa com 57 anos de tecnologia e serviços, líder nacional no seu setor.

Com SOMAX, a agricultura brasileira começa, seguramente, uma nova era. De melhores produtos e maiores safras.



Em 10 anos a Cotrijuí, Regional de Mato Grosso teve uma expansão significativa

O salão de festas da Sociedade Ginástica Ijuí lotou na tarde de 21 de dezembro de 1977 para realização de uma assembléia geral extraordinária dos associados da Cotrijuí. Só nesta assembléia estavam presentes alguns futuros associados da Cooperativa, pois o assunto principal da ordem do dia, a exemplo do que havia ocorrido um ano antes com a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agropecuários Ltda., era a incorporação de mais uma cooperativa: a Cooperativa Agrícola de Maracaju Ltda. - Coopemara. Os futuros associados presentes a esta assembléia nada mais eram que associados da Coopemara, que também precisavam aprovar a incorporação que vinha sendo estudada há algum tempo pelos associados das duas cooperativas.

"A Cotrijuí chega ao Mato Grosso", anunciava a manchete do Cotrijournal de dezembro de 1977, chegada esta que se efetivaria a partir de 1978 com o início efetivo das operações da Cooperativa num novo Estado, com características climáticas, sociais e econômicas bem diferentes das encontradas na Região Pioneira.

Com a incorporação da Coopemara, a Cotrijuí assumia suas instalações nos municípios de Maracaju, Sidrolândia e Rio Brillhante. A agricultura iniciava uma fase de grande expansão em Mato Grosso do Sul com a chegada principalmente de gaúchos e paranaenses. As três unidades receberam no primeiro ano de atuação o equivalente a 13,47 por cento da soja recebida pela Cooperativa.

A EXPANSÃO NO MS

Em março de 1979, a Cotrijuí dava seu segundo passo em Mato Grosso do Sul ao comprar as instalações da Cooperativa Regional Tritisója, de Dourados. A esta altura já fora criado o Estado de Mato Grosso do Sul, e uma das primeiras preocupações da Cooperativa era ampliar a capaci-

dade de recebimento de produtos em toda a região. E isto iniciou com a construção, ainda em 1979, de um armazém convencional para 15 mil e 700 toneladas e mais silos para 1.300 toneladas na localidade de Vista Alegre, distrito de Maracaju, em área assumida pela Cooperativa com a incorporação da Coopemara.

Os dois anos seguintes foram marcados pela construção de vários armazéns. Em 1980, a Cooperativa construiu armazéns convencionais em Douradina, Rio Brillhante, Indápolis (município de Dourados) e Montese (distrito de Itaporã). Neste ano, a Cotrijuí também construiu o seu primeiro armazém graneleiro, com fundo semi "V", com capacidade para 40 mil toneladas, em Sidrolândia.

No ano de 1981 foram construídos dois armazéns graneleiros de fundo "V" nas localidades de Itahum (município de Dourados) e Posto Gualba (Ponta Porã), sendo que neste último local também foi construído um armazém convencional e instalações de silos. Ainda foram construídos armazéns convencionais em Caarapó, Tagi (município de Aral Moreira), Bonito e Anhanduí (Campo Grande).

Em 1982, a Cotrijuí adquire os armazéns da Ismal, em Ponta Porã, praticamente consolidando sua presença na região Sul do Estado. A capacidade estática de armazenagem já ultrapassava as 400 mil toneladas, o que representava cerca de 30 por cento da armazenagem em todo Estado, um índice muito bom para quem estava em Mato Grosso do Sul há apenas cinco anos.

No período de 82 a 87, a Cooperativa voltou a investir na área de armazenagem, com a construção de armazéns para ensacados em Vista Alegre e Jardim. Também foram construídos silos junto as unidades de Maracaju e Bonito, com o que a Cotrijuí MS alcança hoje uma capacidade de armazenagem para 476.150 toneladas (veja tabela). Neste ano, foi iniciado a construção de um armazém sementeiro em Maracaju, com capacidade para 6.350 toneladas.

Nos últimos anos a Cotrijuí também investiu em melhorias nas condições de armazenagem, instalando na maioria de seus armazéns sistemas de aeração e termometria.

PRESEÇA NO CONSUMO

Paralelamente a instalação de armazéns, a Cotrijuí MS montou lojas e supermercados, procurando atender as necessidades de consumo dos produtores associados. Os pontos de abastecimentos estão localizados em Dourados, onde também funciona o depósito central, Maracaju, Sidrolândia, Rio Brillhante, Caarapó e Jardim.

A construção dos prédios de Sidrolândia, em 1983, e Rio Brillhante, em 1985, contou com expressivo apoio do quadro social, através do empréstimo de produtos.

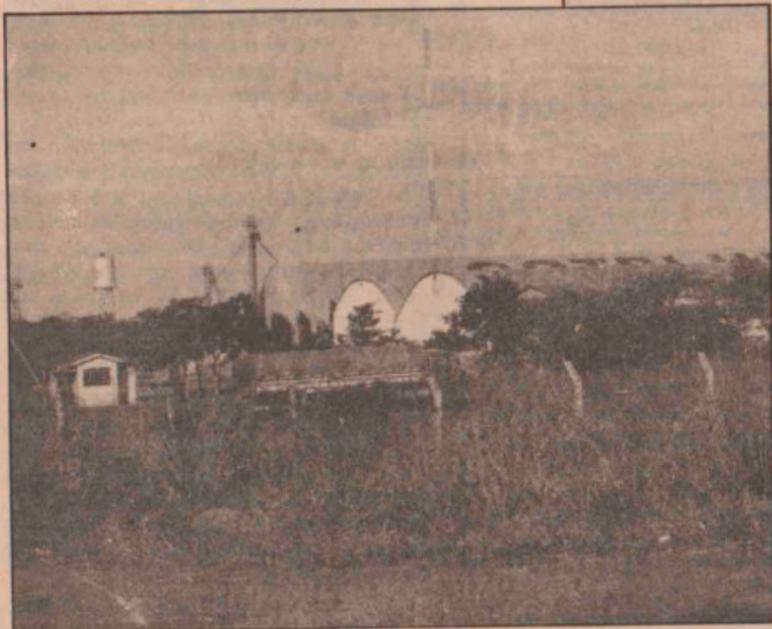
A resposta dos produtores associados à pregação da Cooperativa em se diversificar a produção agrícola, levou a Cotrijuí a instalar em Dourados uma Cerealista, que recebe e comercializa produtos como feijão, milho pipoca, amendoim, canjica, linha esta que em breve será ampliada para produtos como farinha de milho, fubá, entre outros. Junto a unidade de Maracaju a Cotrijuí mantém um engenho de arroz, responsável pelo beneficiamento de parte da produção de arroz recebido dos associados. Todos estes produtos são comercializados com a marca Seriema. Em Dourados, a Cooperativa produz também o sal mineralizado Cotriphós, comercializados na rede de Loja Cotrijuí do Estado.

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL

As peculiaridades da região, o peso de volumes de produção e as exigências do quadro social levaram a Cotrijuí como um todo a alterar sua estrutura administrativa-operacional, com a criação de Diretoria Regional, uma delas para Mato Grosso do Sul. Sua instalação em Campo Grande aconteceu em setembro de 1979, e desde então a Cooperativa vem desenvolvendo uma dinâmica diretiva adequada às necessidades do quadro social no Estado, um tanto diferenciada de outras regionais.

O atendimento aos 3.006 associados ativos da cooperativa em MS é prestado por 821 funcionários. Destes, 180 atuam na área de consumo, 42 na área técnica (agrônomos, veterinários e técnicos agrícolas) e os demais na administração, armazém etc.

Em Maracaju, o início da Cotrijuí no MS



Dourados tem a maior capacidade de armazenagem

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA. - COTRIJUI							
Regional Mato Grosso do Sul							
CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM, EM TONELADAS, E DE SECAGEM DE GRÃOS, EM TONELADA/HORA							
Locais	Ensacado	Graneleiro Fundo "V"	Graneleiro Semi "V"	Convencional	silos	Total	Secagem
Maracaju	—	—	42.000	23.000	4.800	69.800	175
Vista Alegre	2.500	—	—	15.700	1.300	19.500	73
Dourados	22.000	—	60.000	—	—	82.000	176
Indápolis	—	—	—	15.700	1.300	17.000	50
Montese	—	—	—	15.700	1.300	17.000	50
Caarapó	—	—	—	15.700	1.300	17.000	50
Itahum	—	23.700	—	—	1.300	25.000	25
Gualba	—	24.200	—	15.700	2.600	42.500	50
Ponta Porã	9.000	—	—	20.000	—	29.000	60
Tagi	—	—	—	15.700	1.300	17.000	25
Sidrolândia	12.000	—	40.000	—	—	52.000	56
Anhanduí	—	—	—	15.700	1.300	17.000	25
Rio Brillhante	12.000	—	—	15.700	1.300	29.000	80
Douradina	—	—	—	15.700	1.300	17.000	25
Bonito	—	—	—	15.700	6.100	21.800	50
Jardim	2.500	—	—	—	1.050	3.550	24
Total	60.000	47.900	142.000	200.000	26.250	476.150	994



A produção e os benefícios

A soja é o principal produto recebido pela Cotrijuí em Mato Grosso. O recebimento representa 13 por cento da produção total do Estado.

A expansão da estrutura física da Cotrijuí em Mato Grosso do Sul possibilitou uma maior participação da Cooperativa no disputado mercado de grãos no Estado. A soja é, em volume recebido, o principal produto, representando uma média de 13 por cento sobre a produção do Estado e 19 por cento do total produzido nos municípios da região Cotrijuí em Mato Grosso. Entretanto, em índices de recebimento, o trigo desponta como principal produto, tanto a nível de Estado quanto da área de ação da Cotrijuí, com respectivamente 45 e 47 por cento do volume produzido, considerando-se os últimos 10 anos.

O recebimento da Cooperativa em Mato Grosso do Sul cresceu na medida em que era ampliada sua capacidade de armazenagem - veja tabela 4 -, com um crescimento de praticamente 1.000 por cento entre o menor volume recebido - 50.065 toneladas em 1978 - e o maior - 500.113 toneladas em 1985 -. Este ano, a Cooperativa já recebeu de seus asso-

ciados o equivalente a 360.134 toneladas, não estando computados neste total a produção de trigo e aveia, cujas safras estão em andamento. Caso as previsões de recebimento destas duas culturas de inverno venham a ser confirmadas, a tendência é de que a Cotrijuí tenha um recebimento recorde este ano, superando as 500.200 toneladas de grãos.

A participação da Cooperativa no recebimento de arroz e milho teve significativa aplicação nos dois últimos anos - 1986 e 1987 -, alcançando índice de 12,5 por cento sobre a produção do Estado e 22 por cento sobre a da região Cotrijuí, no caso do arroz. É de 11 e 21 por cento, respectivamente, na cultura do milho.



O escritório da administração regional está localizado em Campo Grande

Este crescimento, em especial do recebimento de milho, é resultado dos investimentos feitos pela Cooperativa, com a construção de armazéns para ensacados em Jardim e Vista Alegre - Maracaju - e silos em Bonito e Maracaju.

BENEFÍCIOS AOS MUNICÍPIOS
No ano de 1986, um total de 36 municípios e ou distritos de Mato Grosso do Sul foram beneficiados com

recursos do Imposto de Circulação de Mercadorias - ICM -, gerando a partir do produto entregue pelos associados na Cooperativa. Naquele ano, a Cotrijuí recolheu aos cofres estaduais a importância de Cz\$ 31.596.146,38 em valores corrigidos com base na OTN de 31 de dezembro de 1986 - Cz\$ 106,40 -. O destaque no recolhimento de ICM ficou por conta da unidade e supermercado de Maracaju - veja tabela 1 -, com praticamente Cz\$ 8 milhões, vindo a seguir Sidrolândia, com Cz\$ 5,6 milhões, Rio Brilhante com Cz\$ 4,1 milhões e Dourados com Cz\$ 3,3 milhões.

Com a arrecadação de Cz\$ 31 milhões, a Cotrijuí contribuiu com um por cento da arrecadação total do Estado de Mato Grosso do Sul. Em seu mais baixo índice de participação no volume global de ICM. Isto se deve ao fato de que a maior parte da safra de soja foi comercializada com a Companhia de Financiamento da Produção - CFP -, com ICM diferido, não aparecendo, portanto, a Cotrijuí como contribuinte direto.

Através das tabelas 2 e 3 desta página, podemos verificar que a Cotrijuí teve crescente participação na arrecadação total de ICM a nível de Estado, a partir de sua instalação no ano de 1979. Naquele ano, a Cooperativa participou com dois por cento da arrecadação total de ICM, índice que cresceu para três por cento no ano seguinte, manteve-se em quatro por cento no período de 81 a 83 e, por fim, elevou-se para cinco por cento em 1985. Convém lembrar também que o ICM gerado na comercialização do trigo com o Ctrin não consta nos registros da Cotrijuí, estando porém, computados na arrecadação global. Casos estes valores tivessem sido computados para a Cooperativa, ela participaria com sete a oito por cento do total arrecadado pelo Estado de Mato Grosso do Sul.

TABELA 1
DEMONSTRATIVO POR MUNICÍPIO DE ORIGEM DO ICM GERADO EM 1986

Amambai.....	42.804,19
Anastácio.....	24.890,97
Anaurilândia.....	3.558,36
Angélica.....	1.676,40
Antônio João.....	335.208,52
Aral Moreira.....	1.411.611,05
Bela Vista.....	336.186,58
Bonito.....	1.438.602,26
Caarapó.....	1.195.886,69
Campão.....	2.231,79
Campo Grande.....	34.699,30
Caracol.....	16.485,50
Deodápolis.....	17.425,66
Dois Irmãos.....	6.228,52
Douradina.....	203.416,60
Dourados.....	3.26.660,74
Fátima do Sul.....	62.399,93
Guia Lopes.....	175.160,13
Indápolis.....	44.527,68
Ithaum.....	45.732,86
Itaporã.....	1.647.721,57
Jardim.....	569.880,08
Ladário.....	1.956,80
Laguna Carapan.....	85.894,92
Maracaju.....	7.963.034,93
Nioaque.....	68.362,13
Nova Alvorada.....	1.779,01
Nova Americana.....	61.959,35
Nova Andradina.....	4.572,34
Ponta Porã.....	2.271.928,26
Porto Murtinho.....	112.051,82
Porto Vilma.....	4.119,61
Ribas do Rio Pardo.....	1.455,75
Rio Brilhante.....	4.142.514,25
Sidrolândia.....	5.684.446,95
Vila Juty.....	29.350,44
Total	31.376.421,94

TABELA 2

Anos	Valor em Cr\$ ou Cz\$	Nº de OTNs	Valor em Cz\$
			OTN no valor de 106,40
1978	Cr\$ 13.425.013,77	48.607,8923	5.171.879,74
1979	Cr\$ 77.026.775,59	199.045,8824	21.178.481,89
1980	Cr\$ 279.212.708,05	468.517,0032	49.850.209,14
1981	Cr\$ 652.241.040,63	631.588,1095	67.200.974,85
1982	Cr\$ 1.074.283.803,08	538.777,0900	57.325.882,38
1983	Cr\$ 3.297.680.892,78	715.623,9188	76.142.384,96
1984	Cr\$ 11.705.997,891	1.003.262,9928	106.747.182,43
1985	Cr\$ 41.631.237,366	1.126.197,3592	119.827.399,02
1986	Cz\$ 31.376.21,94	296.956,2630	31.596.146,38

ARRECADÇÃO DE ICM DO ESTADO EM VALORES CORRIGIDOS (+) (1)

Anos	Agricultura	Comércio	Total (Cz\$)
1978	- o -	- o -	- o -
1979	191.362.106,16	324.858.909,76	932.385.439,72
1980	311.429.309,02	499.800.731,20	1.514.545.512,98
1981	369.338.899,66	558.009.527,70	1.607.850.269,14
1982	362.609.350,77	622.315.098,28	1.606.837.850,80
1983	492.789.839,08	584.401.370,92	1.778.550.084,19
1984	655.927.304,98	624.702.961,97	2.237.294.104,47
1985	641.122.705,78	775.585.376,16	2.365.578.210,69
1986	468.152.956,88	1.353.047.585,78	3.045.762.972,84

(+) Método de cálculo do valor corrido:
Valor arrecadado + valor médio anual das NS = número de OTNs x valor da OTN em dezembro de 1986 (Cz\$ 106,40).

TABELA 4

Produto	PRODUÇÃO RECEBIDA DE 1978 À 1987 (TONELADAS)									
	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987*
Arroz	4.598	11.324	8.804	18.905	12.378	22.040	14.936	10.562	27.043	54.598
Aveia	- o -	- o -	31	- o -	40	- o -	491	806	112	19+
Feljão	- o -	3.916	88	62	2.377	23	169	163	49	55
Milheto	- o -	- o -	290	88	- o -	- o -	38	136	10	- o -
Milho	237	2.178	2.609	12.924	18.195	4.938	11.896	21.486	16.760	71.835
Milho pipoca	- o -	- o -	- o -	- o -	- o -	- o -	3	13	31	46
Palmeço	- o -	- o -	- o -	- o -	16	- o -	162	77	- o -	- o -
Soja	43.612	106.867	243.545	306.493	298.739	245.970	195.122	319.486	230.570	231.755
Sorgo	- o -	- o -	40	416	982	129	3.155	2.843	9.941	1.851
Tremoço	- o -	- o -	- o -	15	25	- o -	16	- o -	- o -	- o -
Trigo	1.618	43.435	53.579	30.741	62.810	110.833	39.700	144.417	199.467	21+
Triguilho	- o -	- o -	- o -	- o -	840	157	83	124	394	- o -
Total	50.065	167.720	308.986	369.644	396.402	384.090	265.771	500.113	473.377	360.134

Fonte: Balancete Físico Geral - Cotrijuí-MS
: Produto recebido até 06.07.87
+ Produto da safra passada, entregue este ano.



O uso das consorciações

Muito pouco se tem usado a adubação verde na conservação, melhoramento e cobertura do solo

O uso de adubação verde é, na atualidade, uma tecnologia de indiscutível importância na conservação, melhoramento e cobertura dos solos, inclusive na formação da camada de palha para a viabilização do plantio direto. Mesmo assim, sua utilização ainda é muito pequena em relação ao potencial que a mesma apresenta.

As causas da sua pouca utilização são várias, iniciando pela educação dos técnicos e produtores, que na atualidade não está direcionada para a utilização da adubação verde, a assistência técnica específica para as culturas com financiamento e a falta de uma estrutura de produção

de sementes de culturas para a adubação verde para produzir sementes a um custo que viabilize sua utilização.

As pesquisas têm mostrado que as culturas e as variadas formas de adubação verde podem variar em função das peculiaridades da região, de onde se conclui que os trabalhos de pesquisa são exigências básicas para desenvolver esta tecnologia.

Os trabalhos de pesquisa conduzidos pelo CTC-MS, tem mostrado que nesta região de atuação da Cotrijui há basicamente duas formas bastante viáveis de se utilizar a adubação verde. A primeira e mais tradicional, é a utilização de culturas anuais de inverno, onde se destaca a aveia. A segunda forma é a utilização de leguminosas consorciadas com outras culturas.

A VEZ DAS LEGUMINOSAS

As culturas para adubação verde apresentam muitas vantagens, que são válidas para todas, mas também apresentam aspectos particulares que podem ser muito importantes. No caso das leguminosas destaca-se o potencial de fixação de nitrogênio por meio de simbiose, em quantidade suficiente para suprir a necessidade de

cultivos posteriores. Com referência a mucuna preta e o calopogônio, ainda apresentam a capacidade de controlar grande parte dos nematóides que atacam a maioria das grandes culturas.

Com a diversificação de culturas, cresceu na região a área ocupada pelo milho e pelo arroz. Como estas duas culturas são muito exigentes em nitrogênio, o uso de leguminosas para fixação de nitrogênio é um bom negócio. O uso de leguminosas em consorciação tem se apresentado como a forma mais viável economicamente, por permitirem a produção normal das culturas de verão e um baixo custo de instalação, se resumindo praticamente nos custos da semente e plantio.

MILHO x MUCUNA PRETA

Esta consorciação talvez seja a mais tradicional, podendo ser utilizada em todo o Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul, onde a Cotrijui já vem trabalhando com ela. Apesar de aparentemente parecer uma tecnologia para pequenas propriedades, ela pode ser utilizada em grandes áreas, com uma simples adaptação da semeadeira e trator para fazerem o plantio da mucuna quando o milho estiver

com aproximadamente 50 centímetros de altura.

Em áreas menores, onde a colheita do milho é manual, o plantio da mucuna pode ser feito com matracas, nas entrelinhas do milho, quando este estiver com 30 a 40 centímetros.

Nas regiões mais quentes, como no MS, a mucuna vai muito bem quando também é semeada após a colheita do milho e arroz.

ARROZ x CALOPOGÔNIO

Esta consorciação é bastante recente na região e foi avaliada experimentalmente pelo Setor de Pesquisa da Cotrijui-MS, nos anos de 84 e 85. Na última safra, foi a primeira vez que os associados fizeram uso desta técnica e, apesar do curto período de experimentação, a mesma teve um bom comportamento.

Esta é, sem dúvidas, a melhor maneira de se fazer adubação verde no período de verão, com uma vantagem sobre a mucuna com milho, porque facilita a mecanização. Mas, no que se refere ao controle de invasoras, este é um caso mais difícil.

Para o próximo ano agrícola se prevê um aumento do uso destas leguminosas.

Em busca de alternativas

Carlos Pittol, agrônomo responsável pelo setor de pesquisa da Cotrijui-MS fala da preocupação da Cooperativa em desenvolver trabalhos para a ocupação do solo no inverno

Era o início do ano de 1978 quando a Cotrijui chegava ao Estado de Mato Grosso do Sul, onde o espírito de luta e pioneirismo dos recém chegados encontrou um vasto campo de desafios a serem enfrentados.

Sendo uma região da nova fronteira agrícola do País, pertencente a região dos cerrados, onde a agricultura era uma atividade recente, a pesquisa ainda engatinhava, de um lado correndo atrás na busca de soluções mais urgentes e, no outro lado, procurando desenvolver tecnologias adequadas para o desenvolvimento da agricultura nos solos do cerrado.

Na época, a monocultura do arroz, que teve grandes frustrações em 1975 e 1976, estava sendo substituída pela monocultura da soja. Com o aumento do cultivo desta leguminosa, iniciou também a expansão do cultivo do trigo, que, ao contrário da soja, apresentou no início uma série de problemas, que a tornava de alto risco.

A rápida expansão da soja, principalmente em solos de baixa fertilidade, não teve acompanhamento com culturas de inverno, onde apenas o trigo aparecia como alternativa, mas com mínimas chances de produzir. Este fato apresentou como consequência a ociosidade dos solos no período de inverno, que desprotegidos ficavam a mercê de sua degradação.

A preocupação com o estado dos solos no período de inverno e a necessidade de viabilizar tecnicamente a cultura do trigo, resultando numa alternativa econômica para os produtores, levou à Cotrijui, em 1979, a

firmar convênio com o Ctrin e a Embrapa Uepae-Dourados para a execução de pesquisas com a cultura de trigo, utilizando os recursos provenientes do Fundo de Desenvolvimento da Pesquisa de Trigo - FDPT.

De 1979 a 1983, a Cotrijui conduziu um programa de melhoramento de trigo, sob a responsabilidade de Mário Lagos, pesquisador e professor da Universidade Federal de Santa Maria, e paralelamente eram conduzidos os ensaios de avaliação na Uepae-Dourados. Durante estes anos foram conduzidos vários trabalhos com culturas de inverno, buscando-se opções que possibilitassem a diversificação de culturas, do qual se sobressaíram a aveia e o cârtamo.

Desde o início, até o ano de 1982, os trabalhos foram conduzidos em área cedida por um associado. Na época devida, uma equipe de técnicos do CTC de Augusto Pestana (RS) deslocava-se a Mato Grosso do Sul para efetuar a semeadura dos ensaios, auxiliada por técnicos e funcionários da Cotrijui de Maracaju.

Com a reestruturação da Regional MS em maio de 1984, foi criado um setor permanente destinado a pesquisa. Nesta época já havia sido subarrendada, por três anos, uma área de 10 hectares, com o objetivo principal de conduzir os trabalhos com as culturas de inverno.

Criado o Setor de Pesquisas, partiu-se para a definição de linhas de atuação que viessem ao encontro das necessidades dos associados e que contribuíssem para o desenvolvimento de uma agropecuária mais racional, com a preservação do meio ambiente. Em 1986, a Cotrijui adquire uma área de 25 hectares, localizada a 2,5 quilômetros da cidade de Maracaju, onde está sendo estruturado o CTC-MS.

AS BASES DO TRABALHO

As conquistas obtidas ao longo deste período atestam a importância da pesquisa no desenvolvimento das atividades agropecuárias e que podem ser exemplificadas com alguns fatos:

1) Na cultura de trigo, as avaliações dos sistemas de preparo do solo, possibilitaram a recomendação do plantio direto de trigo como o melhor sistema de semeadura na região. Também contribuiu para o melhoramento das recomendações técnicas do trigo e a difusão destas através do treinamento dos técnicos e reuniões com produtores.

2) A cultura da aveia, que atualmente representa uma área de 35 mil hectares cultivados no MS, deve muito ao trabalho desenvolvido pela Cotrijui na definição das recomendações técnicas e desenvolvimento de novas cultivares.

3) Dos trabalhos com novas culturas de inverno foram selecionadas como alternativas tecnicamente viáveis a ervilhaca, o sincho, a lentilha, o grão de bico, o nabo forrageiro e o cârtamo, que, com a continuação dos trabalhos chegarão às mãos do produtor.

4) As culturas leguminosas de verão, que apresentam um grande potencial de utilização na agropecuária, potencial este já comprovado por vários órgãos de pesquisa, estão merecendo muita atenção e trabalhos. Como resultado, está sendo recomendado e orientado a utilização da consorciação de calopogônio no arroz e mucuna-preta em milho. O guandu e a leucena são recomendados para plantio incentivado, aproveitando-se os conhecimentos adquiridos ao longo destes anos com a realização de trabalhos básicos.

CONTRIBUIÇÃO FUNDAMENTAL

A contribuição na área de produção de sementes será de fundamental importância, pois com os trabalhos de avaliação conduzidos, será possível melhor direcionar a produção de sementes no que se refere a culturas, variedades e cultivares recomendadas, além do desenvolvimento de tecnologia para produção de sementes de forrageiras. Este procedimento é de grande importância para que num fu-



Aveia: uma das alternativas

turo próximo se domine esta técnica, principalmente pelo alerta contido no livro "O Escândalo das Sementes - O Domínio na Produção de Alimentos", onde é revelado o escandaloso interesse das multinacionais no monopólio da produção de sementes, levando com isto o produtor a se tornar um escravo sem opções, e o consumidor a ingerir alimentos contaminados e de baixo valor nutritivo. Isto tudo para satisfazer a ganância consequente do poder dos grandes monopólios.

Com o desenvolvimento deste trabalho, cresce significativamente a responsabilidade do CTC, visto os reflexos econômicos e sociais que isto acarreta no sistema produtivo. A participação do produtor no questionamento do trabalho desenvolvido, apresenta uma contribuição fundamental para que todo o esforço realizado se reverta favoravelmente em benefício do homem. A própria cooperativa, como empresa composta de homens, estará se adequando com o passar do tempo para compatibilizar as necessidades com sua função dentro do sistema produtivo desenvolvido pelos associados.



O Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto poderá movimentar, até o final de setembro, 1,5 milhão de toneladas de produto grão.

Os silos graneleiros haviam solucionado os problemas de armazenamento. Os vagões "containers" facilitavam o transporte da produção até o mar. Só que nem tudo corria às mil maravilhas. Em Rio Grande o escoamento da produção não andava como se queria, ameaçando, inclusive, a própria expansão da lavoura de soja que nestas alturas já dava sinais de crescimento por todo o Estado. A demora no escoamento da produção, por falta de estrutura, era muito grande. Muitas vezes, uma safra esperava pela outra.

O problema não só incomodava dirigentes de cooperativas como também os produtores, que um dia, isso em 1969, arrumaram as malas e foram até Rio Grande para conhecerem de perto os problemas do sistema portuário. Mas foi durante uma viagem da direção da Cotrijul que se descobriu um velho projeto de expansão portuária na 4ª Seção da Barra, encalhada por falta de recursos. A idéia entusiasmou e levou a direção até Buenos Aires, na Argentina, para conhecer as instalações portuárias de lá. A idéia da direção era de fazer, sozinha, uma instalação em Rio Grande que servisse apenas para manter o fluxo regular do transporte e resolver de uma vez por todas o problema da Cotrijul. A administração do porto não aceitou o projeto. Exigia uma capacidade de escoamento de no mínimo 1.000 toneladas por hora. O projeto deveria cobrir não só as necessidades da Cotrijul, mas também de outras empresas. Era um projeto muito grande para a Cotrijul assumir sozinha e a idéia foi meio deixada em banho-maria.

Muito se tentou sensibilizar as autoridades sobre os problemas, mas nada se conseguiu. Foi numa reunião, isso em novembro de 1969, no Palácio Piratini, com o então governador Walter Peracchi Barcelos, que o assunto, mais uma vez, foi levantado e tanto a Cotrijul, como a Fecotriço e a CESA - Companhia Estadual de Silos e Armazéns, queriam o terreno junto a Barra de Rio Grande. Terreno existia para as três, só que a Cotrijul já levava o projeto em mãos, embora ninguém levasse fé que colonos da região, que nem sequer conheciam o mar, pudessem dar início à obra.

Um mês depois, a Cotrijul já realizava uma grande assembleia, no dia 27 de dezembro, onde os associados aprovaram a idéia da construção do terminal e ainda decidiram destinar parte da produção de trigo - três por cento -, como empréstimo compulsório para a construção do terminal. Esse empréstimo representava, na época, um milhão cento e sessenta e oito mil cruzeiros.

RECURSOS DO BANCO DO BRASIL

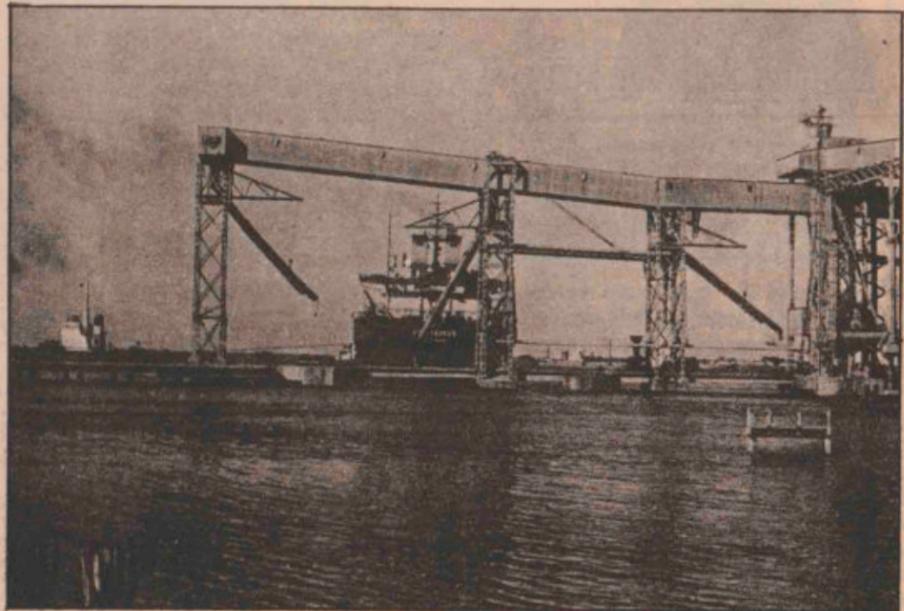
O dinheiro dos produtores foi logo gasto nas primeiras obras. A solução encontrada pela direção da Cotrijul foi de apelar para o Banco do Brasil que na época era dirigido por Nestor Jost, que tão logo soube da idéia dos agricultores e da vontade de levar um projeto desse porte adiante, liberou um empréstimo de oito milhões de cruzeiros. Esse dinheiro também não foi suficiente e a Cooperativa voltou a pedir ao Banco do Brasil mais um reforço de 10 milhões de cruzeiros. Foram concluídos quatro armazéns, dos oito projetados inicialmente. Algum tempo depois, com a receita do próprio porto, a Cotrijul concluiu seu projeto. A primeira descarga de vagões carregados de trigo aconteceu no dia 28 de novembro de 1971.

A inauguração oficial do terminal aconteceu no dia 22 de julho de 1975. Presentes associados, autoridades municipais da Região Pioneira, funcionários, os secretários estaduais de Agricultura, Getúlio Marcantônio, e da Indústria e Comércio, Cláudio Strassburger, e do ministro da Agricultura Alysson Paulinelli. O terminal da Cotrijul recebeu o nome de Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, uma justa homenagem ao seu idealizador e fundador que havia falecido em 1972.

O Terminal foi, sem dúvida, um fator determinante para expansão e continuidade da lavoura de trigo e de soja na região. A idéia valeu e hoje é lembrado como exemplo de iniciativa arrojada. Montado com toda

TERMINAL

16 anos de serviços



Pelo Terminal Luiz Fogliatto vão passar, este ano, 1,5 milhão de toneladas de produto

a infra-estrutura necessária, o terminal tem sido decisivo para que o escoamento da produção aconteça normalmente, sem qualquer atropelo, mesmo nas épocas conturbadas, como aconteceu logo depois do incêndio no Terminal da Portobrás e que a Cotrijul teve de assumir a tarefa de exportar todo o volume de grãos e farelo. Hoje, o porto embarca não só a soja em grãos e farelo de soja, mas também milho e trigo.

Embora faça parte de um projeto de desmobilização da Cotrijul, o terminal continua trabalhando com excepcional desempenho, com dados

que mostram um bom movimento físico. Em 1985, por exemplo, a participação do Terminal Luiz Fogliatto, no escoamento da produção da soja em grão, foi de 75,5 por cento do total, e na exportação de farelo, de 16,4 por cento. A previsão para este ano, é de que até setembro, saia, pelo terminal, 1,5 milhão de toneladas de produto em grão. A Cotrijul detém o maior volume de grãos exportados, pois o Terminal de Trigo e Soja, da Portobrás, recebe apenas farelo. O Terminal da Cotrijul apenas recebe farelo quando o porto federal está sobrecarregado ou paralisado.

ESTRUTURA DO PODER

Em busca da participação

A participação do associado tem sido fundamental para o processo de desenvolvimento da Cotrijul. Aliás, é preciso contar que tudo começou com os núcleos de base, embora eles não fizessem parte formalmente da Cooperativa. Mas foi através do debate dos assuntos da Cooperativa, que os associados instrumentalizaram algumas decisões importantes para a prática da cooperação. A participação do associado tem sido decisiva em todos os momentos da Cooperativa.

Mas na medida em que a Cooperativa foi crescendo, se expandindo pela região e diversificando as suas atividades, passou a contar com um quadro social numeroso e bastante heterogêneo. Diante de um universo tão grande, a própria participação do quadro social começou a ficar comprometida. Inclusive nas assembleias, a participação do quadro social ficava mais difícil, principalmente por causa das distâncias que impediam o deslocamento dos associados até Ijuí, o local da realização das assembleias. Mais uma vez foi através do debate nas reuniões de núcleos que nasceu a idéia de se montar uma nova estrutura de poder dentro da Cooperativa, que possibilitasse a participação, através da representatividade, de um maior número possível de associados nas ques-

A estrutura do poder começou a ser debatida em 1978. Em 1979 aconteceu a primeira eleição



tões do dia-a-dia da Cooperativa e também nas grandes decisões.

A idéia de uma nova estrutura do poder foi assunto para muita reunião, principalmente na Região Pioneira. Em Dom Pedrito e Mato Grosso o assunto também ganhou espaços nas conversas. Quando se pensou em colocar em prática toda a teoria sobre a nova proposta de estrutura do poder na Cooperativa, surgiu a idéia da realização de uma eleição de representantes, que se tornou realidade em 1979.

Na primeira eleição foi estabelecida uma proporção de um representante para cada 300 associados, mas ficando assegurado a eleição de no mínimo, um representante por cada Unidade. Nessa primeira eleição foram eleitos 59 associados como

representantes. Na eleição seguinte foi aumentado o número de representantes, que passou de um para cada grupo de 150 associados. A segunda eleição para escolha de representantes, ainda com a estrutura do poder funcionando meio à margem da legislação e mais em caráter experimental, aconteceu em 1980, quando foram escolhidos 128 representantes para as três regionais. Em 1983 aconteceu uma terceira eleição, sendo eleitos 123 novos associados como representantes, mas foi só um ano depois, com a realização de um plebiscito que realmente a estrutura do poder foi legalizada e incorporada ao Estatuto Social da Cotrijul. Na última eleição para representante, a de 1966, o conselho de representantes aumentou para 154.



Quando completa 30 anos a Cotrijul reafirma a sua preocupação com a educação para a saúde.

Como outras áreas sociais, a organização da saúde na Cotrijul também nasceu de uma necessidade dos produtores para preencher a lacuna deixada pelos órgãos governamentais e seus instrumentos previdenciários limitados. As primeiras discussões datam de 1961, quando os núcleos de base organizados pela Fidene, através dos TEPs, começam a trazer as preocupações dos produtores em relação a saúde. As preocupações dos produtores encontrariam maior respaldo ainda com a criação das comissões de saúde a nível da Cooperativa, em cada município, criadas a partir de 1968, onde participavam associados, membros dos sindicatos rurais e representantes da Fidene, os quais começaram a discutir questões vinculadas especificamente a organização de saúde no meio rural, através do setor de educação da Cotrijul.

PRECARIIDADE

Para amenizar as precariedades do sistema previdenciário, a Cotrijul contratou ainda duas empresas prestadoras de serviço, que seriam substituídas mais tarde, em 1976, por um convênio mais amplo, firmado com a Cooperativa dos Médicos, a Unimed. Este convênio que permanece até hoje, complementa o atendimento previdenciário, através de planos de assistência médico-hospitalar e ambulatorial, de livre opção e mediante o pagamento de taxas, livrando o produtor da burocracia do Funrural na hora de fazer consultas e suplementando os custos de uma internação hospitalar.

As deficiências na área da saúde, no entanto, continuaram e se agravaram, principalmente nos primeiros anos da década 70, quando os hospitais de vários municípios da área de atuação da Cotrijul, deixavam de corresponder às necessidades da produção rural. Em alguns municípios, como foi o caso de Santo Augusto, os produtores se mobilizaram e sugeriram a Cooperativa que administrasse o então Hospital Santa Terezinha. Quem lembra estes fatos, é o diretor de Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto, dizendo que "o envolvimento foi tão grande, que a Cooperativa acabou adquirindo o Hospital em 1974". Esta, que foi a primeira experiência da Cotrijul na área hospitalar serviu como incentivo a outros projetos. Passando a se chamar Hospital Bom Pastor, em 1980, a casa de saúde conta hoje com 70 leitos e presta serviços não só aos associados, como também a toda população de Santo Augusto e municípios vizinhos, sendo o maior dos hospitais administrados pela Cooperativa.

Junto ao atendimento das necessidades da população rural, a Cotrijul dava início também a algumas experiências que priorizavam o aspecto preventivo da saúde. Este foi o objetivo dos contratos para convênio com o Instituto São José do Murialdo, em Porto Alegre, vinculado a Secretaria

SAÚDE

Prioridade à prevenção



Discussão sobre a saúde, desde 1961

da Saúde. Através deste convênio pretendeu-se trazer para a região, médicos generalistas que dariam cobertura total ao meio rural. "Embora tenha ficado um pouco restrito, este trabalho nos deu uma maior compreensão da complexidade do tema, propiciando um aprimoramento de recursos humanos envolvidos na área", afirma o Rui Polidoro. O somatório das experiências possibilitou, na verdade, um conhecimento indispensável de relacionamento da Cooperativa com órgãos públicos e sindicatos para a realização de outros projetos, como a formação de uma rede de hospitais administrados pela Cotrijul, e posteriormente no estabelecimento de um trabalho plenamente educativo.

UMA REDE

Em 1980 os produtores enfrentariam uma outra etapa da crise hospitalar na região, o que levou a Cooperativa a enfrentar outros desafios, e dar início a formação da sua rede de hospitais. Como já tinha acontecido em Santo Augusto, os produtores de Ijuí também reclamavam do atendimento hospitalar recebido, e da sua forte mobilização resultou até o rompimento do convênio com Funrural. Para resolver o impasse, a Cotrijul comprou às pressas, o prédio onde funcionava o antigo Motel Rian, instalando ali o Hospital Bom Pastor, Unidade 2, que funciona desde 1981, atendendo associados e a comunidade de Ijuí.

A administração dos hospitais pela Cooperativa fortaleceu a idéia mantida desde os primeiros tempos em que a saúde regional começou a ser discutida. Superada em parte a crise dos hospitais, a Cotrijul, a partir de 1980, lançou-se numa idéia mais antiga, que era a de evitar a doença, promovendo saúde. Como ressalta o Gustavo Drews, que é o gerente da Regional Pioneira na área de saúde, "é chegado um momento em que todos os recursos técnicos, humanos e materiais investidos, não resolvem um problema estrutural". Por isso, diz o Gustavo, a Cooperativa passou a desenvolver todo um trabalho de preparação nos núcleos, através de palestras e treinamento de agentes de saúde, visando mais um trabalho de prevenção do que curativo. "A medida que se deixa de pensar que o médico é o único profissional necessário ao programa, conclui-se que outros profissionais da área poderiam também suprir certas necessidades".

Desse questionamento a respeito de uma educação preventiva para a saúde e a necessidade de formar recursos humanos dentro da nossa realidade, surgiu a Escola de Enfermagem da Fidene, em 1980, sendo fruto das ações integradas que já se realizavam a nível de Cotrijul, Fidene e sindicatos rurais. Nesse momento então, a Cotrijul passa a investir recursos financeiros na preparação dos filhos de associados para atuarem na sua própria realidade. Enquanto se aplicava na área preventiva, a Cooperativa era chamada novamente a participar de uma forma direta na área hospitalar. Desta vez foram os Hospitais Cel. Dico, do Distrito de Coronel Barros, em Ijuí, e o Hospital Santa Libera, no município de Júlia, que com sérias dificuldades administrativas e de recursos humanos foram doados à Cooperativa pela própria comunidade.

O Hospital Santa Libera, no entanto, passou a ser somente administrado pela Cooperativa, pois como explica o Gustavo, "durante o período de regularização da burocracia em 1984, concluiu-se que seria mais vantagem mantê-lo como associação beneficente, permanecendo a Cotrijul, por solicitação da Assembléia de associados, como administradora".

PREVENÇÃO

Amenizando os obstáculos da área curativa, seja através da criação e administração de hospitais, ou mesmo na instalação de farmácias, a área que a Cotrijul mais tem investido é a da educação, buscando com isso dar uma continuidade aos trabalhos pioneiros como o posto de Aracy Serves, criado em 1980. Organizado a partir de um trabalho de educação da Cooperativa, Aracy Serves desenvolveu um trabalho de treinamento de agentes da saúde, em conjunto com a Escola de Enfermagem da Fidene, através da supervisão dos estudantes do curso e dos bolsistas amparados pela Cooperativa. O trabalho dos estudantes consistia em, durante as férias, fazer um levantamento sócio-econômico, visando a questão da saúde. Nos períodos de aula ou de estágio estes estudantes atuavam nos postos de atendimento, paralelo às atividades escolares.

Em pouco tempo Aracy Serves cresceu e começou a necessitar de uma maior estrutura para a prestação dos seus serviços, chegando a solicitar, no ano passado, a presença de um médico de 15 em 15 dias, para acompanhar o trabalho feito pela enfermeira da

Cotrijul. Outros trabalhos pioneiros na área de educação para a saúde e autonomia das comunidades foram os núcleos de Pinhal e Barro Preto, no município de Ajuricaba. Com um trabalho de mais de sete anos, estes núcleos têm servido de exemplo para a formação das próprias comissões municipais de saúde que fazem parte do sistema de Ações Integradas de Saúde.

AIS

Oficializadas pelo Governo Federal em 1984, o sistema de AIS, já encontrou na região abrangida pela Cotrijul, várias comissões organizadas, que possibilitaram a convivência direta da população com o atendimento de suas necessidades. Segundo o Gustavo, este trabalho pioneiro da Cotrijul, desempenha um papel importante, "uma vez que ela incentiva outros municípios a se estruturarem num papel participativo, principalmente naqueles municípios onde as comissões ficaram restritas a determinados órgãos oficiais".

Paralelo a implantação das comissões municipais de saúde, a Cotrijul também se antecipou em destinar a verba retida do Funrural à área de saúde, tanto no trabalho curativo como na prevenção da saúde. Oficializada a aplicação destes recursos em saúde, em julho do ano passado, ainda não se chegou a firmar o convênio com o Inamps na área da atuação da Cotrijul, e também no Rio Grande do Sul, porque as suas condições não contemplam todo o trabalho consolidado pela Cooperativa. De acordo com o Rui Polidoro, "a legislação fica restrita a um determinado tipo de aplicação, excluindo, desta forma, todo o trabalho de prevenção que é a formação de agentes da saúde? Atualmente, os municípios de Chiapetta, Augusto Pestana, Ajuricaba, Santo Augusto e Coronel Bicaco, já têm avançado neste tipo de trabalho na maioria de suas localidades. Em Ijuí, também aparecem em algumas localidades como Linha 7 Leste, Colônia Santo Antônio e Linha 8 Oeste.

AMPLIAÇÃO

Participando ativamente das Comissões Interinstitucionais Municipais de Saúde, a Cotrijul tem enfrentado antigos e novos problemas de escassez de recursos para o desenvolvimento da saúde, tanto na área preventiva como curativa. "Realmente existe uma escassez de recursos, mas saber quanto e como estão sendo aplicados estes recursos é função nossa", afirma o Rui Polidoro. Segundo o diretor de Recursos Humanos, a fiscalização da saúde pela população é hoje o único caminho para autonomia dos municípios e a consequente distribuição igualitária de recursos da saúde.

Para realizar estes objetivos, a Cotrijul, junto com outras entidades da região e órgãos públicos, tem chamado à discussão todos os segmentos que fazem parte da sua estrutura, como associados e funcionários. Além disso são realizados vários seminários sobre o assunto e visitas a localidades onde o trabalho de saúde participativo já está avançado. Com relação a área hospitalar, que também é atingida pela má distribuição de recursos, a Cooperativa pretende adaptar a razão social do Hospital Bom Pastor S.A., com o objetivo de reduzir tributos e obter melhores e mais recursos.



Para o professor Mario Osorio Marques o cooperativismo não pode enclausurar-se. Ele tem que buscar alianças e organizar-se.

A Cotrijul e a própria Fidene — hoje Unijul —, nasceram numa época em que os recursos do solo já começavam a entrar em processo de esgotamento e a modernização da agricultura se consolidava na região. Todas as cooperativas que nasceram na época, são basicamente de comercialização de trigo, o grande ponta-de-lança da modernização da agricultura. O trigo encontrava na região, além das condições propícias para o seu desenvolvimento — mão-de-obra, condições de solo adequadas —, também um certo capital acumulado. Tudo isso fez com que a região do planalto fosse a pioneira no Rio Grande do Sul no processo de modernização, que teve como veículo condutor da técnica e dos recursos, os financiamentos, as subvenções governamentais. A afirmação é do professor de Sociologia da Educação da Unijul, Mario Osorio Marques, ao fazer uma análise da economia da região na época de fundação da Cotrijul e dos desafios que a Cooperativa tem pela frente. O professor Mario Osorio atuou como líder na organização dos movimentos comunitários de base da região e que deram o suporte para a consolidação da Cotrijul na região.

Mas nem tudo, na época, foi solucionado pelos financiamentos bancários, especialmente pelo Banco do Brasil, segundo Mario Osorio. Um outro problema, o da armazenagem continuou sem solução. "Os produtores não tinham condições de armazenar suas colheitas, cada vez mais abundantes. Os triticultores se organizaram em passeatas e movimentos, para garantirem as condições de armazenagem e também de preços. Os armazéns criados pelo governo não são suficientes e nem satisfatórios. O governo por sua vez, sente que a construção de mais armazéns significa investimentos. É aí que o governo transfere o problema e prefere subsidiar, ou quase dar de graça".

Então, conta Mario Osorio, foi justamente da necessidade de armazéns pelos triticultores e, de outro lado, pelas injunções do governo, que nasceu o cooperativismo modernizado, de trigo e de soja no Rio Grande do Sul. Ele praticamente nasce como um passe de mágica. E não é só a Cotrijul que nasce em 1957. São 20 cooperativas tritícolas que nascem nessa região do Estado.

Ele vê a Cotrijul com uma particularidade que a diferencia das demais cooperativas. Ela nasceu em meio a uma zona mista, de campo e de mata. Os granjeiros da região sentiram necessidade de se articularem com os pequenos e médios proprietários para buscarem, juntos, as soluções para os seus problemas. Conta que de início houve uma certa resistência, que foi vencida aos poucos, porque os pequenos sentiram, que se quisessem entrar na modernização teriam que deixar de lado um pouco a

soja e o milho, para plantar trigo. Era através do trigo que os produtores tinham acesso aos financiamentos do Banco do Brasil, tanto para a planta como para a compra de máquinas para a modernização da lavoura.

A COOPERATIVA, UMA ALIADA

Os agricultores, diz ainda o professor Mario Osorio, foram empurrados para o trigo e para a cooperativa, já que ela é a fiel depositária do governo, o único comprador de trigo. É então através do trigo que eles vão para a cooperativa e tomam a cooperativa de aliança, "muito marcada entre granjeiros, grandes propriedades de caráter empresarial, e a pequena produção, de caráter familiar".

O professor Mario Osorio levanta uma outra característica dos agricultores da região. Esses pequenos e médios produtores, diz ele, quando vão para a cooperativa, vão de forma organizada, isto porque aqui na região já vinha sendo desenvolvido pela faculdade de Filosofia, um trabalho de educação, de organização e de conscientização com os agricultores. Eles vão à cooperativa com seus núcleos, suas organizações e seus sindicatos. Isto também é uma peculiaridade da Cotrijul.

A partir de 1966, os agricultores pequenos e médios, assumem na Cotrijul, um papel muito mais determinante. De simples convidados a participarem da cooperativa dos grandes, eles passam a ser sócios, aspirantes a um tratamento todo especial. E passam a dar todo o seu apoio e criar uma solidez que vai caracterizar a Cotrijul através dos tempos.

A Cooperativa e todo o seu trabalho, continua ele, é um mero fator de modernização. Evidentemente que sobre esse aspecto, existe a penetração do capital internacional na nossa economia. Mas como as verdades sempre são contraditórias, a cooperativa tem uma função muito positiva pelo lado do pequeno e médio produtor. Tudo era uma questão de sobrevivência. Ou eles se modernizavam ou desapareciam. O que aconteceu então? Eles se modernizaram e responderam aos desafios da época. Também não se pode negar, segundo Mario Osorio, que esse modelo de modernização, imposto e induzido por artificialismos e transposições de tecnologias e por crédito facilitados leva a um crescimento prefixado, forçado.

DISTORÇÕES

Esse modelo levou à monocultura do trigo e da soja. Enquanto isso, os outros setores da agricultura tradicional não conseguiram modernizar-se no mesmo sentido, acarretando uma série de distorções no processo de desenvolvimento da região, criando uma dependência dos fatores externos

DEPOIMENTOS

As cooperativas e os desafios



Mario Osorio: o cooperativismo tem muitos desafios pela frente

da nossa economia.

Para Mario Osorio, esse modelo monopolizador enfrenta, hoje, problemas de esgotamento. Levanta a necessidade de diversificação, "mas uma diversificação que não signifique uma volta ao passado, mas moderna, nem que seja construída sobre os escombros do processo de modernização". Essa diversificação precisa ser construída em cima da própria realidade. São desafios novos a serem levados adiante, exatamente num momento em que os canais indutores do processo de modernização resolvem não mais investir. Resolvem apenas colher e para isso estão aí os cortes nos subsídios, nas facilidades de crédito, e a economia é obrigada, de um momento para outro, viver uma nova situação, na dependência de seus próprios recursos.

DESAFIOS

Ele acha que a crise pela a qual passam as cooperativas atualmente, tem o seu lado positivo. Essa crise, diz, deve ser aproveitada para buscar uma certa autonomia da região, solução para os problemas criados. É nessa hora, segundo Mario Osorio, que as cooperativas devem buscar autonomia para crescer, se organizar e se modernizar com os próprios recursos. É claro que essa nova postura vai requerer, não apenas muito trabalho, mas muito esforço, muita competência técnica e também muita geração de tecnologias adequadas e dos conhecimentos necessários para operar neste momento. "Nós precisamos reformular nossos sistemas de conhecimentos, de educação, de pesquisa. Precisamos fazer nossos próprios estudos, nossas pesquisas da realidade e investir nisso. Não podemos mais ficar na dependência das pesquisas alheias e internacionais que investiram recursos imensos na geração de novas tecnologias, mas que são detentoras dessa tecnologia. Gerar sua própria tecnologia é

o grande desafio do cooperativismo de hoje, descapitalizado, sem mais os recursos externos que estava acostumado e que enfrenta dificuldades imensas de capital".

Mas faz um alerta: esses recursos precisam ser gerados com equilíbrio, sensatez. Não podemos partir para uma diversificação modernizada, apoiando-se na esperança de adaptar às nossas realidades coisas feitas. Devemos começar a gerar aqui nossas próprias respostas, como se faz no CTC da Cotrijul. Mas também, é preciso muita perspicácia, pois há sempre opiniões que são contrárias, porque esse trabalho, a exemplo de comunicação e educação, envolve associados, idéias e mudanças.

É preciso, portanto, estar aberto a essa problemática, avisa. Sem o sistema de comunicação e educação e sem a ativação da pesquisa e geração de tecnologia própria, as cooperativas da região não terão condições de sair da crise. Além disso, diz que é hora de se buscar novas alianças internas. O cooperativismo não precisa de um tratamento especial, de exceção, como se fosse uma coisa à margem da nossa economia. É preciso consciência de que o cooperativismo faz parte de uma fatia expressiva da economia nacional e da economia social. É preciso que todas as entidades que também praticam essa economia social se organizem em alianças para enfrentar juntos todos os problemas.

Volta a ressaltar que o cooperativismo não pode fechar-se, como é a tendência e o perigo dos momentos de crise. Ele tem que sair para buscar alianças e organizar-se dentro da sociedade brasileira para enfrentar os novos desafios. Esses desafios não são só das cooperativas, mas também de todas as formas de organização pertencentes à economia social, como as cooperativas, sindicatos, igrejas, escolas, hospitais...



“É preciso investir no futuro”

Por que fazer uma cooperativa? Para botar um preço na pedra? Esta indagação é de Ruben Ilgenfritz da Silva, que esteve na presidência da Cotrijuí durante três gestões - 76, 79 e 82, além de completar o mandato do ex-presidente Luiz Fogliatto, quando este faleceu em 1972. A sua declaração é apenas uma das avaliações que ele faz a respeito da sua passagem pela Cooperativa, da sua evolução e das suas perspectivas.

Formado em agronomia, em 1963, Ruben Ilgenfritz da Silva começou a participar da Cotrijuí neste mesmo ano, quando era responsável pela unidade de conservação do solo da Secretaria da Agricultura. Naquela época, como relata o próprio Ruben, a conservação do solo era um problema muito sério, havia muita falta de recursos técnicos e materiais e a Cooperativa tinha um quadro técnico incipiente. Para sanar estas dificuldades, desenvolveu-se um movimento comunitário, com a participação da Fidene, da Cotrijuí e de várias empresas da região, que deu origem a uma das primeiras associações conservacionistas do Estado. Com o objetivo de ampliar o trabalho de conservação e treinar o pessoal para o trabalho de campo, este movimento foi o embrião do atual sistema de conservação, através das bacias hidrográficas.

Deste primeiro encontro com a Cotrijuí, surgiria o seu entrosamento operacional em 1965, quando começou a prestar assistência técnica na área de sementes fiscalizadas. “Havia um pouco de resistência por parte dos produtores em relação ao uso de sementes fiscalizadas, uma vez que todos guardavam suas sementes em casa”, lembra Ilgenfritz. Mas, embora um pouco questionado, este trabalho foi importante naquele momento em que viviam-se os pacotes tecnológicos, porque as áreas destinadas às sementes, passavam por uma prévia vistoria da lavoura. Além disso, deu-se início a um trabalho de laboratório desenvolvido na região. O trabalho técnico de Ilgenfritz, junto a Cooperativa, terminaria já em 1966, quando de uma alteração na administração da Cotrijuí. Chamado para ingressar num período de 15 dias, o agrônomo acabou cumprindo o mandato de vice-presidente até 1972, junto com o presidente Luiz Fogliatto e o superintendente, Geraldo Uhde.

NA ADMINISTRAÇÃO

“Ingressei na Cooperativa numa época de crise, não só financeira, mas também de credibilidade do próprio sistema”, lembra o ex-presidente. Contando com um quadro social bem menor do que o de hoje, a Cotrijuí era formada em grande parte pelos granjeiros, um grupo de produtores que surgiu com o advento da lavoura mecanizada e incentivos do crédito rural. Por outro lado, conta o agrônomo, a participação política dos pequenos produtores era mínima e em certos aspectos eram um pouco marginalizados. Ao mesmo tempo, contudo, o movimento



Ruben Ilgenfritz

comunitário, formado pelos núcleos de base, sindicatos e pela Fidene, encontravam ambiente favorável para discutir e vencer esta crise “em que era fundamental a entrega da produção não só dos grandes como também dos médios e pequenos produtores”.

E este problema realmente foi superado. Mas junto com a maior participação na entrega da produção, também crescia a mecanização da lavoura, traduzindo-se na própria expansão da produção. A Cooperativa, por sua vez, não tinha infra-estrutura para dar respaldo a resposta da união que nasceu com a crise. Era preciso rever, então, todo o sistema de armazenagem, que até aquela época, era feita pelos próprios produtores, em sacos de juta. “A área da Cotrijuí se expandia em alta velocidade, principalmente pelo surgimento das unidades, havendo, portanto, a necessidade de se abandonar o sistema de armazenagem convencional e partir para o sistema de granel.”

Lembrando o presidente Luiz Fogliatto, Ruben diz que houve muita percepção dessas dificuldades por parte da administração neste período, “o que daria início a uma nova fase da Cotrijuí, uma fase de expansão física, onde foi preciso investir e onde foi preciso criatividade”. Este foi o caso dos secadores de grãos, conta Ilgenfritz, lembrando que não havia fábricas destes equipamentos na região. “Mas descobrimos uns secadores no Paraná, doados pelo “Alimentos para a Paz”, um programa de ajuda dos Estados Unidos ao Brasil. A Cooperativa foi até lá e trouxe dois secadores, dos quais foram feitas cópias para serem utilizados nos armazéns graneleiros, já com capacidade de 20 mil toneladas. “Era algo excepcional para Ijuí”, recorda o agrônomo.

ESCOAMENTO

Após superar o problema de armazenagem foi preciso enfrentar o problema do escoamento da safra, principalmente em Rio Grande, pois não havia transporte suficiente para um grande volume de produção. Buscando maior segurança e menores custos, a Cotrijuí, naquele tempo, optou pelo transporte ferroviário, aproveitando os lastros usados para o transporte de madeira, onde seriam acopladas caixas metálicas. Estas caixas, na verdade, eram pequenos vagões construídos pela própria Cooperativa ou pela Imasa.

Mas levar a produção até lá não resolvia o problema. “Era preciso assegurar praça, assegurar um espaço físico em Rio Grande, onde também o sistema era convencional”. Antes da construção do Terminal de Rio Grande, em 1972, usou-se ainda, como recorda Ruben, as chamadas “piscinas”, gran-

des quadrados que por um tempo guardaram o grão. Todos estes fatos foram muito importantes, numa época em que havia uma expectativa de que o binômio trigo-soja seria a solução dos problemas da região. Mas em 1973, com Ilgenfritz já na presidência, esta perspectiva começaria a ser questionada, dando novos desafios a Cotrijuí.

Mas o crescimento da Cooperativa e a sua expansão física e social exigiu também um crescimento na organização dos recursos humanos. Era preciso superar, diz Ruben, inclusive problemas de operação de safras, que por volta de 70 a 71 entravam rapidamente. Procurando outras experiências, a Cooperativa, principalmente através do seu Euclides Casagrande, que já tinha participado de administrações anteriores, buscou a formação destes quadros técnicos para cumprir importantes papéis, que eram o de armazenar e comercializar adequadamente esta produção.

DISTÂNCIA

Da sua primeira administração, o ex-presidente lembra ainda as dificuldades advindas com as mudanças na política de crédito. “Houve uma época em que o capital de giro era muito abundante, havia muita facilidade de se conseguir recursos”. No entanto, “tínhamos dificuldades de conseguir recursos para investimentos em prazos compatíveis. Isso gerou um capital de giro negativo para a própria Cooperativa, com uma consequência tão forte, que significa um grande esforço de superação para a gestão de hoje.”

Por outro lado, destaca o agrônomo, estas dificuldades de compatibilizar os custos financeiros com as disponibilidades e necessidades da organização, trouxeram uma discussão mais consequente em termos de capital do associado, dentro da própria cooperativa. “Foi uma discussão da efetiva participação do associado”, enfatiza o ex-presidente, pois embora houvesse um “boom” da empresa, ocorria ao mesmo tempo, um distanciamento da sua essência, ou seja, do seu quadro social”. Então, a necessidade de recursos, a partir de 73, trouxe a discussão fundamental sobre a capitalização, o crescimento da Cooperativa e da sua ampliação geográfica, através das Regionais de Dom Pedrito e Mato Grosso, a estrutura do Poder e a própria diversificação, como alternativa de produção.

CONSOLIDAÇÃO POLÍTICA

A partir do estabelecimento destas discussões, a Cooperativa entraria numa nova fase, assim como o próprio Ruben assumiria uma outra gestão, a que ele qualifica como de consolidação política, tanto na área de serviços como na área técnica. “Agora

era necessário não só um agrônomo generalista, mas também um especialista em forrageira, assim como foi preciso a incorporação do CTC, pois tínhamos consciência de que o binômio trigo-soja atendia apenas um segmento de produtores e não a sua maioria, e que o uso intensivo da máquina e do capital de nenhum modo se coadunava com a nossa realidade”.

Esta realidade, no entanto, embora determinasse interesses diferentes dentro do quadro social, não foi e não é excludente. Citando o caso do trigo, como um exemplo, Ruben acredita que com o fim do subsídio ele deve retornar numa outra visão, da subsistência da pequena propriedade. Esta mesma visão, segundo o Ruben, já foi incorporada pela Cooperativa, através de um trabalho pioneiro de programas de suinocultura, de aves ou através do pioneiro trabalho do leite, que levou ao surgimento da CCGL.

Ainda assim, mesmo que a Cotrijuí já tenha consolidado um direcionamento voltado para a pequena produção, através de uma organização extensa, mas participativa, o ex-presidente não esquece de destacar os desafios que ela tem pela frente. “Embora com grandes dimensões, estão aí 300 mil toneladas de produtos comercializados, para as quais contribuiu uma estrutura de poder, onde as pessoas aprenderam que elas têm o que dar em relação a consolidação deste processo”. Mas, é bem provável que o sistema se verticalize ainda mais, diz o Ruben, contanto que adquira também sua independência econômica, através de um setor de crédito que permita as cooperativas competirem em igualdade com outras instituições bancárias, que não têm uma função cooperativa, um compromisso com a nossa realidade.

PERSPECTIVA

Lembrando que o reestabelecimento da democracia no País também passa por uma nova fase da economia, Ruben Ilgenfritz salienta que o “que falta hoje é a capacidade de conquistar a nossa fatia no mercado, através da administração da nossa poupança, onde a decisão sobre os recursos seja da Cooperativa”. Isto não implica em um afastamento dos agentes financeiros, explica, mas sim uma divisão do trabalho e uma opção política própria. “Se eu sou dono do dinheiro, eu sei o que posso fazer com ele”. Desta forma, o problema da capitalização “é um problema de capitalização de cada um de nós, uma forma de remunerar o nosso próprio capital”.

Como chegar a isso? Reafirmando a sua idéia da não exclusão de interesses diferenciados, o ex-presidente diz que esses objetivos se consolidam, na medida em que a própria Cooperativa se volta para o mercado interno, sem ficar na dependência de um ou dois produtos do mercado internacional. Afinal, aqui nós conhecemos as regras mais do que lá fora e, por outro lado, alguns produtos que nós mandamos para fora se transformam em nossos concorrentes. Sendo grandes exportadores de proteína vegetal, estamos concorrendo com a própria proteína vegetal que deveríamos estar produzindo, abastecendo a nossa população e inclusive exportando. Portanto, o momento é de consolidar este sistema numa visão de horizontalização do processo produtivo e da verticalização dos produtos. “Acho que é por aí que devemos buscar o nosso caminho”.



Apesar dos avanços do cooperativismo, se torna difícil manter o velho pacto, diz Elza Falkembach

As forças políticas que determinaram o surgimento do cooperativismo tritícola, principalmente a partir de 1957, sempre foi objeto de estudo da socióloga, pesquisadora e hoje pró-reitora de Ensino da Unijui, Elza Fonseca Falkembach. Partindo das origens do cooperativismo no Rio Grande do Sul, a professora Elza já analisou a sua evolução em trabalhos editados através de convênio da Unijui com a Fecotriço, Fundação de Economia e Estatística e o Laboratório de Economia Internacional de Montpellier (França). Continuando o seu trabalho, a pesquisadora dedica-se agora ao seu momento atual, quando as razões iniciais que levaram a criação das cooperativas tritícolas começam a ser substituídas por interesses cada vez mais específicos e definidos.

Além das influências do Estado, através da sua política e do seu aparato legal, o surgimento do cooperativismo tritícola deve-se em grande parte à necessidade dos produtores rurais de encaminharem as suas lutas frente ao próprio Estado. De acordo com a pesquisadora, "era preciso manter um grande volume de produção para ter um maior poder de barganha com o Estado, nas suas reivindicações e basicamente em cima de preços mínimos para o trigo". Esta época, que abrange o final dos anos 50 até 64, é caracterizado como o período em que "o veio político do cooperativismo caminhava quase sempre ao lado do veio econômico, e talvez até mais do que este, como dizem os triticultores".

A professora faz questão de lembrar, no entanto, que as políticas econômicas do Estado sempre tiveram uma influência determinante na formação e atuação do cooperativismo. Por isto, após o processo repressivo de 64, grande parte das cooperativas que surgiram por volta de 57, alicerçada num projeto político, começam a assumir o espírito desenvolvimentista das políticas econômicas governamentais. "A medida que se acirrava o processo de repressão, a gente verifica que o cooperativismo foi se bandeando para o lado empresarial, priorizando, desta forma, a questão da industrialização e da infra-estrutura". Por outro lado, explica Elza, o período pós-64 esvaziou quase todos os canais políticos da sociedade civil, como partidos e sindicatos, deixando a sua maioria na clandestinidade ou simplesmente desativados. Tudo isso teria um grande peso para o cooperativismo.

Diante desse quadro conjuntural de retrocesso político e organizacional, poucas cooperativas mantiveram o espírito de organização do produtor. "No caso da Cotrijui isto foi marcante, principalmente pelo grande intercâmbio que ela manteve com a Fidene, e que possibilitou um assessoramento constante ao cooperativismo, independente até dos interesses do Es-

tado, naquela época". Através desta determinação, o cooperativismo praticado pela Cotrijui tornou-se também um espaço de possibilidade para a organização das forças sociais, pela manutenção de uma certa discussão a respeito da realidade de cada categoria.

Para que este processo fosse desencadeado foi preciso apostar em uma estrutura de comunicação permanente com o quadro social. E a partir dela manter uma discussão não só a respeito da política agrícola, como também sobre a realidade específica das categorias dentro da conjuntura política. "Os próprios rumos do cooperativismo puderam ser vislumbrados, graças a este processo de discussão", diz a pesquisadora, ressaltando a importância destes mecanismos para o futuro da Cooperativa. Através deles abriu-se ainda mais a possibilidade de organização do quadro social, a um nível mais democrático e que hoje se configura na própria estrutura do poder da Cotrijui.

NA ABERTURA

Passado o período oficial de repressão, o cooperativismo encontraria outros desafios. A distensão política ocorrida no final daquela década de 70 traria uma nova textura política à própria organização do quadro social. "O acirramento das contradições a nível econômico e social no País trouxe um avacço para os movimentos



Elza Falkembach

sociais, salientando os reflexos sobre as organizações de classes". Também o cooperativismo neste estágio da organização da sociedade civil avançou nas suas lutas, podendo-se citar o papel importante de movimentos como o da mulher e o dos produtores de leite.

Mas seria num movimento maior, onde reuniu-se todo o cooperativismo gaúcho, que as reivindicações dos produtores ficariam marcadas. Conforme a análise da Elza, o "Grito do Campo" aglutinou muito das reivindicações da maioria dos produtores rurais, ao mesmo tempo que começou uma reação da classe privilegiada do campo. "O momento político e o avanço dos movimentos populares permitiu às diferentes categorias sociais voltarem-se mais ao seu específico". Compreendendo melhor os seus problemas, os seus interesses, este momento colocou em xeque o próprio pacto que vinha

se estabelecendo no cooperativismo, ou seja, uma aliança construída em cima de desafios que os produtores em geral tinham na comercialização da sua produção".

Para a professora Elza este é o momento em que os pequenos produtores passam a ver os seus problemas de forma mais específica e a reivindicar o seu espaço. "No momento em que se estabelece concretamente o capitalismo no campo, as categorias sociais que emergiram deste processo se consolidam enquanto classe e passam a viver enquanto classe, sendo os seus interesses cada vez mais definidos. O pequeno produtor passa a ter problemas (e ter consciência dos mesmos) que o grande não tem, e de forma cada vez mais acentuada". Contando com grande parte deste segmento no seu quadro social, o cooperativismo necessariamente passa a ter como desafio a revisão do velho pacto.

Mesmo assim, o problema em torno do pacto ainda continua, pois é chegado um momento de grandes decisões para a sociedade "em que os interesses de classe se tornam prioritários, como é o caso da Reforma Agrária". Sustentar o velho pacto cooperativo, neste momento, se torna muito difícil, pois a realidade é outra, e qualquer renovação irá considerar o quadro político e econômico, onde um possível fracionamento se dará pelos interesses dos grupos sociais.

PARABÉNS COTRIJUI.

NOVA SANTA S.A. presta a merecida homenagem à COTRIJUI pela sua história de trabalho e sucesso.

Husqvarna

OREGON

ALFA-LAVAL

Super Aditivada
Lona PESCO

Nova Santa S.A.

Máquinas e Ferramentas

Distribuidor exclusivo para a Região Sul



Para o governador Pedro Simon a Cotrijui é a expressão da vontade coletiva da comunidade agropecuária de Ijuí

"Das atividades econômicas, uma das que promove retorno com a maior rapidez é, sem dúvida, a atividade primária. Acreditamos que num país em vias de desenvolvimento com forte tendência à industrialização, como o nosso caso, é de fundamental importância dar condições para que o setor primário se consolide como fator básico ao processo de desenvolvimento. Foi o que se esboçou no início da Nova República com a política descentralizadora do Ministério da Agricultura, quando se ensaiou um forte amparo à pesquisa, mantendo na agricultura níveis de crédito e de preços que ofereçam rentabilidade satisfató-

Expressão da vontade coletiva

ria para expandir a produção e a produtividade".

São palavras do governador Pedro Simon, ao conceder entrevista ao Cotrijornal deste mês. Disse que a Cotrijui, expressão da vontade coletiva da comunidade agropecuária de Ijuí, cresceu com a força daqueles que com o seu exemplo de trabalho, dedicação e capacidade, mostraram à comunidade rio-grandense, de forma inequívoca, a importância da união de esforços na busca de soluções para os problemas comuns.

Ressaltou que hoje — trinta anos passados de trabalho profícuo e exemplar, a Cotrijui mostra o seu grande significado social e econômico para toda a comunidade rio-grandense.

BUSCA DE SOLUÇÕES AOS PROBLEMAS COMUNS

Para Pedro Simon, as cooperativas são instituições criadas com o objetivo de proporcionar aos associados soluções para os problemas comuns. Diz que se caracterizam como atividade-meio, não sendo fim de si mesmas. Alerta que "se o setor primário sofrer restrições de qualquer natureza, elas seguramente se refletirão nas cooperativas". Entretanto, aque-

las que souberem montar e manter estruturas dinâmicas e hábeis para enfrentar o mercado, estas crescerão.

As cooperativas são entidades que visam repassar aos produtores associados atuantes, o lucro que, em sua ausência, seria do atravessador. Por isso, não visam lucro em si, já que são atividade-meio.

Sobre as limitações a que estão sujeitas as cooperativas para atuar no crédito, Pedro Simon entende que o cooperativismo nesse sistema é hoje um segmento que se torna cada vez mais significativo. E nesse setor o Rio Grande do Sul é pioneiro e exemplo para todo o país. Acredita que é justo, e devem ser buscadas junto às autoridades federais e Banco Central, condições para que as cooperativas dessa espécie possam operar em todos os níveis e modalidades creditícias existentes no mercado financeiro.

Entende o governador que não se deve, em absoluto, restringir o cooperativismo de crédito em razão dos excelentes serviços prestados ao produtor rural. Diz que para tornar um sistema dinâmico, é necessário que o mesmo se amplie e tome expressão nacional, na medida em que se capacite e se organize para isso, podendo



Pedro Simon

assim somar a capacidade de poupança do produtor primário. Acha, apenas, que "a dificuldade reside em remunerar a poupança do produtor com as "sobras" do dinheiro aplicado, ou emprestado aos próprios produtores".

Função de responsabilidade

Para o deputado Erani Müller a Cotrijui tem desempenhado funções típicas do Estado, como o caso da construção do Terminal Marítimo

Um país possuidor de 300 milhões de hectares de terras ociosas distribuídas por uma superfície de mais de 8,5 milhões de quilômetros quadrados e gozando de um clima excelente, devia ser terminantemente proibido de importar qualquer alimento. E mais: devia ser responsabilizado ante a consciência universal, por não estar aproveitando, de maneira correta, racional e justa, esse fantástico patrimônio oferecido como dádiva, pela natureza. Um mundo em eterna crise de alimentos, não devia permitir que castas privilegiadas de proprietários se apossassem de parcelas de solos que não têm condições ideais de trabalhar, ou que apenas possuem para exploração.

Pois isso acontece no Brasil. E o pior é que diante desse universo geográfico inaproveitado, vegetam 13 milhões de agricultores que clamam por terra para trabalhar e produzir. A informação é do deputado Erani Müller, presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, que disse estar citando dados já do conhecimento do público, pois foram divulgados pelo Incra, tempos atrás.

E para piorar ainda mais o quadro da economia primária — que chega a ser desolador em vários de seus segmentos — Erani Müller reclamou da ausência de uma política agrícola. Apesar de reclamada há anos, nunca foi levada a sério na profun-

didade em que a sua importância está, a nível das necessidades da economia nacional.

Para o deputado estadual, que deixou de disputar a reeleição à Câmara Federal por discordar do modelo da Constituinte, que desejava exclusiva, precisamos encarar a terra como uma benesse criada pela natureza para abrigo e satisfação das necessidades de todos os seres, e não somente para o bem-estar de algumas pessoas. Sobre a reforma agrária, disse que está sendo defendida não só pelas imensas parcelas de necessitados — que alcançam seguramente a 70 por cento da população — mas também pelas camadas mais lúcidas da própria burguesia civil e por setores democráticos das forças armadas. Considera que toda a pessoa consciente e responsável, socialmente, deferde a concretização da medida, pois ela representa a solução de muitos de nossos problemas sociais e econômicos.

30 ANOS DA COTRIJUI

Ao referir-se aos 30 anos de existência da Cotrijui, disse que o acontecimento é de significativa importância para toda a economia estadual, e mesmo nacional. Entende que a cooperativa extrapola os limites do Rio Grande do Sul e do país, alcançando projeção internacional. Destacou que o cooperativismo é a forma mais eficiente de um grupo de pessoas buscar solução para os problemas que enfrentam. Lembrando a velha fábula das varas, disse que qualquer criança arrebenta um fio de linha isolado, mas nem o homem mais forte do mundo conseguirá romper a união de uma centena dos mesmos fios.

Para Erani Müller, o cooperativismo é o único sistema que pode, em muitos casos, substituir o Estado. Temos exemplos de cooperativas brasileiras, e a Cotrijui é uma delas, que

têm desempenhado funções típicas de responsabilidade do Estado. É o caso de seu porto marítimo, em Rio Grande, construído numa época (em 1972) que éramos totalmente carentes nesse área. Também na assistência médica e hospitalar e na formação cultural da juventude de sua região, através de trabalho direto e em convênios operacionais com instituições de ensino.

Erani Müller, que disse ter acompanhado a vida da Cotrijui desde seu surgimento, no final da década de 50, constatou que a mesma pautou sempre seu desempenho com o objetivo de crescer como empresa, dentro dos mais sagrados princípios da ética social e comercial. Lembrou o nome de Ruben Ilgenfritz da Silva, que qualificou de grande presidente que projetou "a modesta cooperativa de 1957 aos níveis internacionais, e se parabe-



Erani Müller

nizou com a atual diretoria, presidida por Oswaldo Olmiro Meotti, que está demonstrando muita capacidade administrativa ao consolidar a cooperativa e suas subsidiárias como grandes empresas, sem desviá-las dos objetivos eminentemente sociais do sistema cooperativo.

CAFÉ CAMPEIRO



A venda nas lojas Cotrijui

FELICITA OS 30 ANOS DE LIDERANÇA DA COTRIJUI

FEIRA

Uma grande saída

Na sua 6ª edição, as feiras de produtos coloniais reafirmam o trabalho de subsistência



13 núcleos participaram da Feira em Ijuí

De forma muito simples como tem sido todos os anos, as feiras de produtos coloniais reafirmaram a preocupação com a produção de subsistência, através da fabricação dos inúmeros produtos caseiros que caracterizam as várias culturas da região. Reunindo um grande número de produtores, visitantes, escolas e autoridades, as feiras realizadas durante o aniversário da Cotrijuí aconteceram nas unidades de Jóia, Chiapetta, Ijuí e Tenente Portela. Nas demais Unidades, mantendo uma tradição, as feiras não se realizaram por causa da chuva.

Em Ijuí, mesmo com o tempo preparado para uma forte chuva, os produtores de 13 núcleos participantes não desanimaram. Por volta das 5 horas do dia 18 de julho, já se podia ver a movimentação de todo o tipo de cucas, pães, salames, doces, frutas e artesanato. As 8 horas, já estava tudo arrumado, a chuva não veio e os visitantes começam a chegar. Antes disso, no entanto, foram abertas as festividades, iniciando com o hasteamento das bandeiras do Brasil, pelo prefeito mu-

nicipal de Ijuí Wanderley Burmann, do Rio Grande do Sul, pelo presidente da Câmara de Vereadores Antenor Sackis e da Cotrijuí, pelo vice-presidente da Regional Pioneira, Celso Bolívar Spertotto.

ORIGENS

Após a solenidade do hasteamento houve ainda o pronunciamento dos associados, representados pela d. Gertrudes Comandeur, do presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti e o Secretário de Educação e da Cultura do Município Paulo Frizzo. Um pouco emocionada, d. Gertrudes lembrou os objetivos de uma produção diversificada e o trabalho dos produtores. Salientando a atenção da cooperativa, por parte da direção, do departamento técnico e de comunicação para alcançar estes objetivos. Já o Secretário Paulo Frizzo, fez questão de ressaltar o trabalho da Cotrijuí em toda a região de Ijuí, que é a própria luta da colonização superando as suas dificuldades ao longo destes anos. Por isso, de acordo com o Secretário, a comemoração do aniversário da Cotrijuí, através das feiras

de produtos coloniais se "entrelaça com a Festa Nacional das Culturas Diversificadas, a se realizar em outubro junto com a III Expo-Ijuí, que deve ser entendido como um resgate de todas as culturas formadas pelo povo de Ijuí".

"As grandes saídas nascem das grandes dificuldades". Esta foi a palavra do presidente Oswaldo Meotti, que lembrou todas as lutas da Cooperativa, como a falta de cobertura para o trigo na sua origem, as adversidades passadas com a soja, e o trabalho de produção diversificada, que tem nas Feiras, a maneira mais singela de comemoração destes 30 anos de trabalho, onde os responsáveis pela realização são, essencialmente, os associados. A Feira teve ainda a participação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do Sindicato Rural de Ijuí e de professores das escolas de Ijuí.

PARTICIPAÇÃO

"É uma alegria muito grande para nós, quando podemos vender as nossas coisas aqui. E a gente se alegra também porque são tantos os anos que a Cotrijuí vem organizando esta Feira". A declaração é da d. Olinda Ketzner, que participa da feira desde o seu primeiro ano, quando a Cooperativa completou 25 anos. Moradora da Linha 6 Norte, d. Olinda pertence ao núcleo de Piratini, um dos mais sortidos da Feira, onde estavam expostos cerca de 20 produtos, como pães, cucas, nata, pés-de-moleque, roscas, amendoim, entre outros.

Mas o movimento grande mesmo estava no estande do conhecido núcleo da Colônia Santo Antônio, onde o seu Armando Boniatti e o seu Pedro Dalla Rosa não fizeram muito esforço para vender os produtos sempre procurados pelos compradores. Antes do meio-dia, o estande antes ocupado pela copa, queijos, erva-mate, cuca e cachaça, já estava praticamente vazio. A única frustração dos visitantes foi quanto a ausência do vinho que não apareceu porque toda a produção tinha sido vendida em casa. Num outro estande do núcleo de Aracy Serves, também muito visitado, o seu Reinoldo Dorn e o seu filho Oldemar, apresen-



D. Comandeur falou pelos associados

taram o feijão-arroz, uma novidade da feira que gerou bastante curiosidade entre os visitantes. Participando da Feira desde 82, a família Dorn acha que o evento "é uma coisa muito válida, principalmente para mostrar o que o pequeno produtor pode fazer".

ARTESANATO

Além dos produtos caseiros e hortigranjeiros, o artesanato também fez muito sucesso nesta VI Feira. "Eu nem esperava que salsse tanto", falava a d. Doralina Cavinato, da Linha 7 Leste, que apresentou um bonito trabalho em palha de trigo e milho. Para enfeitar, D. Doralina usa a palha roxa do milho branco que dá ótimos resultados nas bolsas, chapéus e potes que ela confecciona. Trabalhando há oito anos com o artesanato, a produtora trouxe ainda melado e doces para a Feira, que ela considera "uma boa oportunidade para encontrar as pessoas e receber um incentivo para o nosso trabalho".

Feijão-arroz e geléia polonesa

"É só preparar como a lentiha", dizia o seu Reinoldo Dorn a cada visitante que chegava no seu estande e perguntava sobre o feijão-arroz, uma cultura de verão que não deve ser plantada no cedo. Há dez anos lidando com este feijão, o seu Reinoldo diz que ele rende até mais que o feijão preto e que dificilmente aparece o caruncho. Além de cozinhar rápido, o seu preparo também é fácil. De acordo com o seu Reinoldo, "basta colocar uma batatinha, um ossinho de porco e todo o tipo de verdura".

Mas esta não foi a única receita que apareceu na Feira. O núcleo de Piratini também não se cansava de explicar a receita da geléia polonesa feita pela produtora Nilva Comandeur e trazida pela d. Comandeur. Para fazer este complemento gostoso de uma mesa colonial, é preciso apenas picar quatro laranjas de umbigo (três sem e uma com casca) e deixá-las de molho em dois litros d'água, durante 36 horas. Depois disso, segundo a d. Comandeur, é só levar ao fogo, junto com dois quilos de açúcar e deixar ferver até o ponto de geléia. "Mas não pode ferver demais", lembrava a produtora.

José. Com a presença de sete turmas das escolas de Jóia, a Feira realizou ainda a divulgação dos trabalhos classificados pelos alunos que participaram da pesquisa sobre produção e cooperativismo, organizado pelo setor de Comunicação da Cotrijuí. A premiação dos classificados foi feita pelo conselheiro, Neri Beschormer, pelo representante Valdemar Perlim e pela secretária de Educação do município, Neila Poletto.

A participação das escolas em Jóia



Muitas escolas assistiram as demonstrações de esquila e a exposição de culturas de inverno em Jóia

Uma das feiras de produtos coloniais mais movimentadas aconteceu na Unidade de Jóia, no dia 17 de julho, onde as famílias de nove núcleos levaram uma grande variedade de produtos caseiros como hortigranjeiros, doces, ovos, schmier, queijo e bebidas, que foram comercializados a um preço 20 por cento mais baixo que o mercado. O destaque ficou com a cachaça,

produzida pelo seu José Della Flora, e que pela primeira vez foi apresentada na Feira de Jóia. Com a matrícula 32417, seu Della Flora é um dos associados mais antigos da Unidade. Trabalhando com a produção de cachaça há 24 anos, seu Della Flora cultiva três hectares de cana para sustentar os seus dois alambiques, que lhe rendem 19 mil litros por safra.



Della Flora: o sucesso da cachaça

Mas as atrações não ficaram só na exposição de produtos caseiros. Contando com um grande número de visitantes, a Feira apresentou também uma demonstração de esquila em ovinos, como forma de incentivar e divulgar uma das produções animais mais característica da Unidade. Além da esquila, os visitantes assistiram ainda a uma exposição de culturas de inverno, que foram cultivadas num canteiro próximo a estrutura da Feira. Para completar, no mesmo dia foi realizado um painel sobre o cooperativismo, onde participaram associados e funcionários mais antigos, representantes eleitos, diretoria da Regional Pioneira, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e autoridades do município.

EDUCAÇÃO

Um ponto alto da Feira, no entanto, foi o estande das escolas Pólo que têm por objetivo a regionalização das escolas em atividades práticas voltadas ao meio rural. Ali, os participantes da Feira puderam ver os trabalhos realizados pelos alunos das escolas Pólo, dos núcleos de Cará e São



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

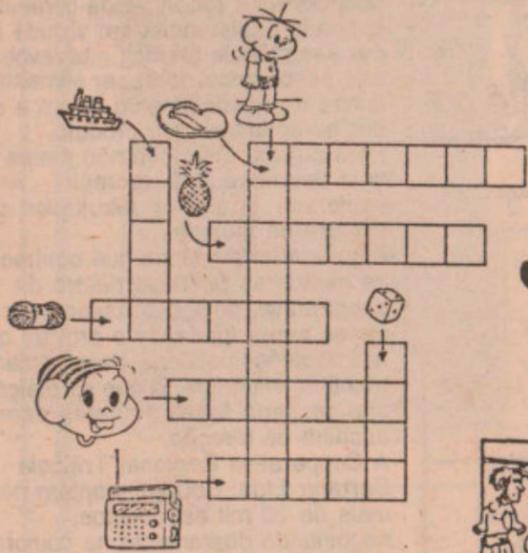
Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

Passatempo

CAÇA PALAVRAS

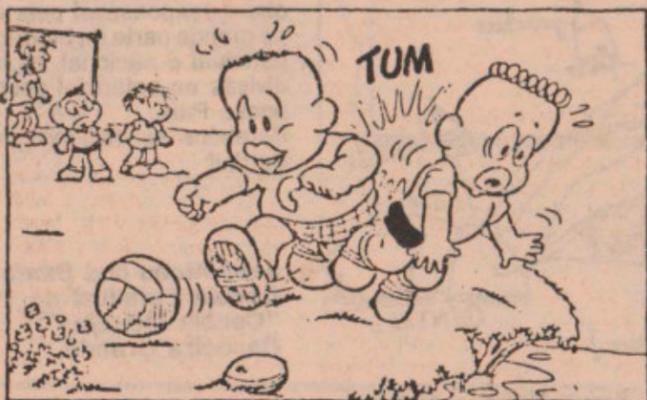
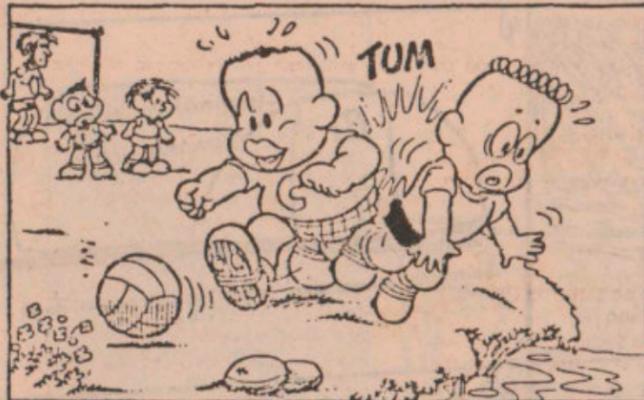
CRUZADINHA

ESCREVA O NOME DE CADA FIGURA, NA DIREÇÃO INDICADA PELA SETA.



JOGO DOS SETE ERROS

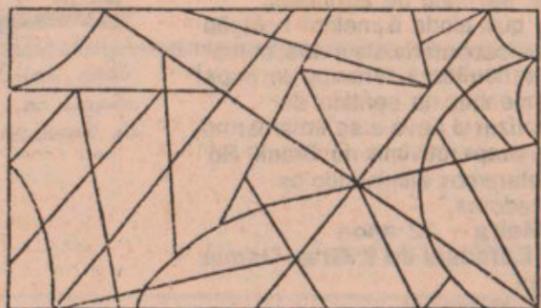
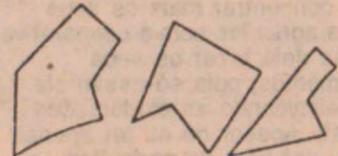
NESTE FLAGRANTE EXISTEM SETE DIFERENÇAS. VAMOS ACHÁ-LAS?



NO MEIO DESTAS LETRAS TODAS ESTÃO ESCONDIDOS OS NOMES DE OITO OBJETOS USADOS PELO ALFAIATE. VOCÊ É CAPAZ DE ENCONTRÁ-LOS?

A	B	C	N	K	L	P	U	M	O	U	T	Z	O
M	C	T	M	A	P	R	Q	Z	F	B	A	U	E
A	Z	Q	R	S	B	A	T	U	I	T	A	A	B
Q	S	U	T	E	C	I	D	O	T	I	O	R	O
U	B	C	A	U	M	L	P	P	A	U	A	U	U
I	E	U	I	O	U	O	I	A	M	T	Z	O	A
N	O	L	L	M	N	I	D	A	E	I	T	S	Z
A	D	E	E	T	U	O	Z	T	T	E	A	E	L
D	B	T	C	E	A	I	N	M	R	I	Q	T	M
E	U	E	U	T	U	V	I	T	I	P	R	O	O
C	M	R	B	O	S	I	S	V	C	M	U	A	P
O	O	R	O	G	I	Z	U	U	A	R	A	M	O
S	U	A	N	V	D	E	Z	Z	M	V	L	A	U
T	L	C	M	P	A	B	P	B	T	X	A	P	S
U	L	M	O	I	O	R	O	M	Q	Z	D	S	A
R	U	U	A	G	U	L	H	A	S	D	E	M	T
A	T	S	P	O	L	G	A	B	M	M	D	P	X
A	I	Z	I	T	U	V	M	A	P	Z	U	Q	Z

ENCAIXE AS PECINHAS NO DESENHO!



Cotrijuí 30 anos

A COTRIJUI está comemorando, neste mês de julho, o seu 30º aniversário. Para marcar a passagem do mesmo, o departamento de Educação Cooperativa promoveu e estimulou, entre estudantes de 1º e 2º graus da região, a produção de trabalhos enfocando a História da Cotrijuí. Os mesmos poderiam ser desenhos ou histórias (1ª a 4ª séries do 1º grau) e textos abordando aspectos históricos e história da produção regional (5ª série do 1º grau até o 2º grau).

Os alunos pesquisaram, fizeram entrevistas e apresentaram seus trabalhos. As escolas nos enviaram os melhores e nós os estamos publicando na edição deste mês e nas próximas.

A equipe do Cotrisol parabeniza a Cotrijuí pelo seu 30º ano de atividades e confia na capacidade de organização e de trabalho do seu quadro de associados, direção e funcionários. Parabéns, Cotrijuí.

HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA COTRIJUI

Sentimos a necessidade de possuir uma entidade de comercialização, alguns comerciantes, industriais, granjeiros, cooperativados e também um gerente do Banco, fundaram a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda: Cotrijuí. No início a cooperativa contava com aproximadamente 60 associados, entre os quais havia produtores de Ijuí (sede), Ajuricaba, Santo Ângelo, Santo Augusto, Tenente Portela e Crissiumal.

A necessidade de se fundar uma cooperativa surgiu em virtude de haver excesso de colheitas, especialmente de trigo, que era a variedade mais cultivada no momento. Na primeira safra foi registrado um recebimento de 4.300 toneladas de trigo, um número bastante significativo para a experiência de primeiro ano.

Já no início da década de 60, surgiu o ciclo da soja, que com o clima

favorável veio a ser cultivada em quase todas as regiões do R.G.S. Passou então a cooperativa a exportar trigo, soja e mais tarde outros produtos. Para isso, teve que adquirir o terminal marítimo em Rio Grande. Assim, com o largo campo de ação da Cotrijuí, foi intensificado o cultivo de outros produtos, como por exemplo: sorgo, milho, linhaça, centeio etc. . . , além do trigo e soja é claro. Com o bom resultado das primeiras experiências, veio a necessidade de se expandir, abrindo assim filiais em diversos municípios do Estado, inclusive em Mato Grosso. Assim, passou a cooperativa a operar em diversos ramos desde o controle técnico nas lavouras dos associados por agrônomos, passando pelo recebimento, industrialização, comercialização e exportação. Além disso a cooperativa engloba, indústria e fábrica de óleo, frigorífico, com recebimento e abate de suínos e aves e também a piscicultura e hortigranjeiros. Atua também na rede de supermercados e lojas, com grande número de filiais.

Para alguns associados, a cooperativa é reconhecida como uma entidade assistencial em virtude de dar assistência técnica nas lavouras dos associados, fornecer semente, linhas de financiamento direto e de dar garantias para o produto. Para outros, tudo isso não passa de uma determinada burocracia explorada, já que os resultados são sempre os mesmos.

Alguns afirmam ainda que conhecem as manobras políticas dentro da cooperativa, pois são associados desde a sua fundação e provam que nas decisões políticas, os associados não têm influência, já que as eleições são de certa forma indiretas para a escolha da direção.

A Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda: Cotrijuí, mantém hoje mais de 20 mil associados, negociando diretamente na compra e venda de produtos de origem animal, vegetal e implementos agrícolas.

Em recursos humanos, é elogiável o trabalho da direção, pois mantém assim um elo de ligação entre associados e os princípios cooperativistas, no qual teve origem. Baseado nisso é que se valoriza o trabalho da administração, no sentido de valorizar o associado, pois graças a ele é que se mantém de pé uma entidade de classe como a Cotrijuí, que é responsável pela exportação de grande parte da produção regional, estadual e nacional, registrando divisas no potencial econômico do nosso País.

Parabéns associados, parabéns Cotrijuí

José Alceu dos Santos - 8ª série
Escola Estadual de 1º Grau
"Cecília Meireles"
Capoeira Grande.

O PLANO COOPERATIVISMO

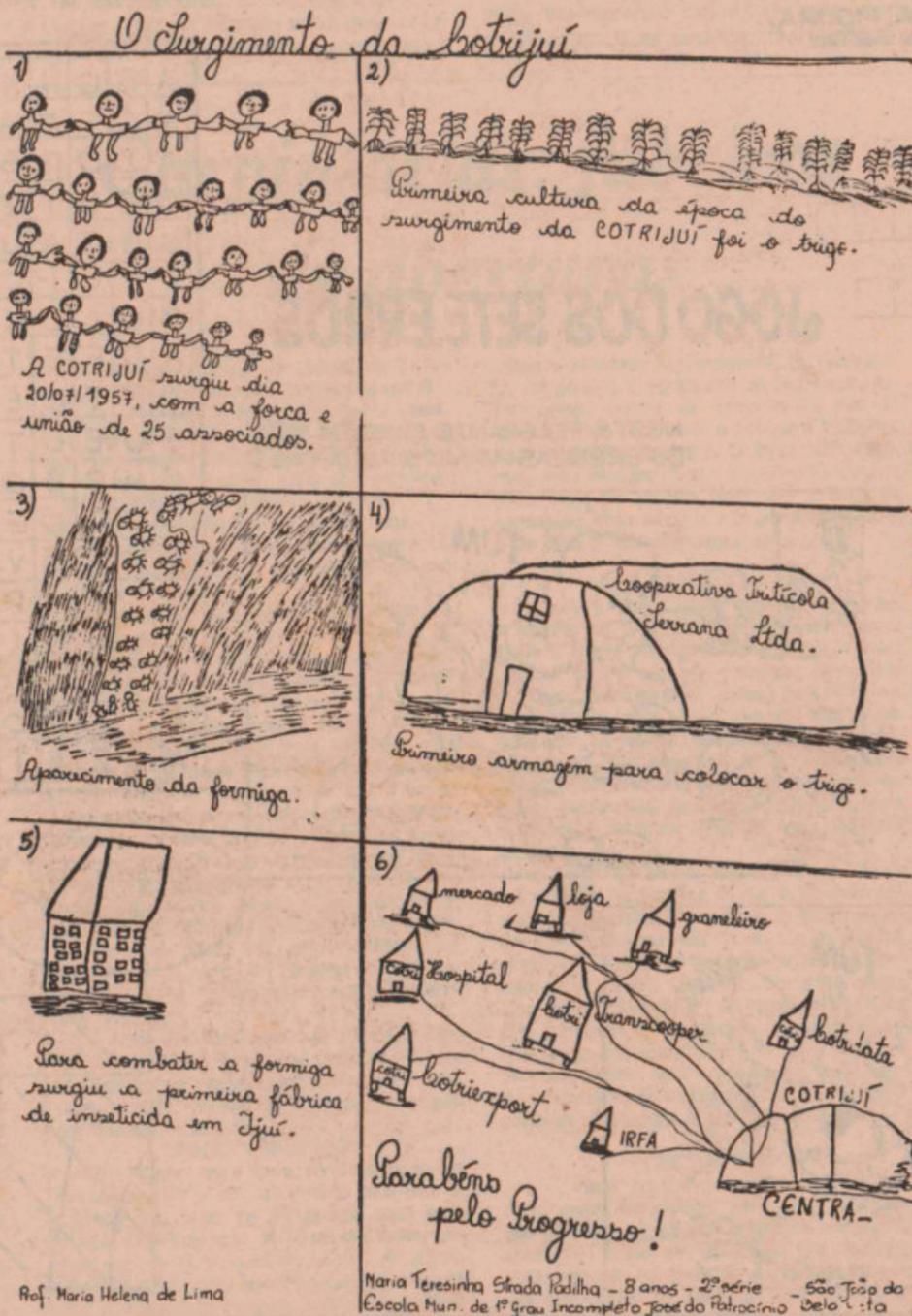
O plano cooperativismo foi criado para beneficiar o produtor rural na produção de alimentos para o País. A cooperativa, há tempos atrás, quando iniciou o plano trabalhou para auxiliar o produtor rural na produção de grãos.

É um órgão que une os agricultores, e através do mesmo o produtor rural adquire semente de boa qualidade, e tem garantido a comercialização de suas colheitas, tendo o preço garantido pelo governo.

Através da cooperativa o produtor rural é beneficiado pela assistência técnica e dispõe da assistência médica, pelo plano Unimed. Apesar de existirem pontos obscuros, referentes a quota capital, que eu gostaria de saber em que ponto o produtor seria beneficiado?

Haja visto que o elevado patrimônio que o grupo cooperativista adquiriu com a renda da comercialização do produto do agricultor, ao passo que o agricultor não consegue mais manter o seu patrimônio que possui, devido aos altos custos dos insumos agrícolas, e a baixa produção que temos em nossa região devido aos eventos climáticos, que há anos vêm se prolongando. Também devido as altas taxas de juros bancários, por isso mesmo eu acharia que o agricultor deveria concentrar mais os seus negócios agrícolas com a cooperativa e através dela fazer os seus financiamentos, pois só assim ele estaria eliminando as explorações bancárias. Apesar de eu ter apenas 12 anos, ser filho de agricultor, entendo que ainda é melhor solução o sistema cooperativista e nós, como futuros agricultores, teremos um papel a desempenhar no sentido de conscientizar o povo a se imamar no sistema cooperativista no Brasil. Só assim estaremos eliminando os atravessadores.

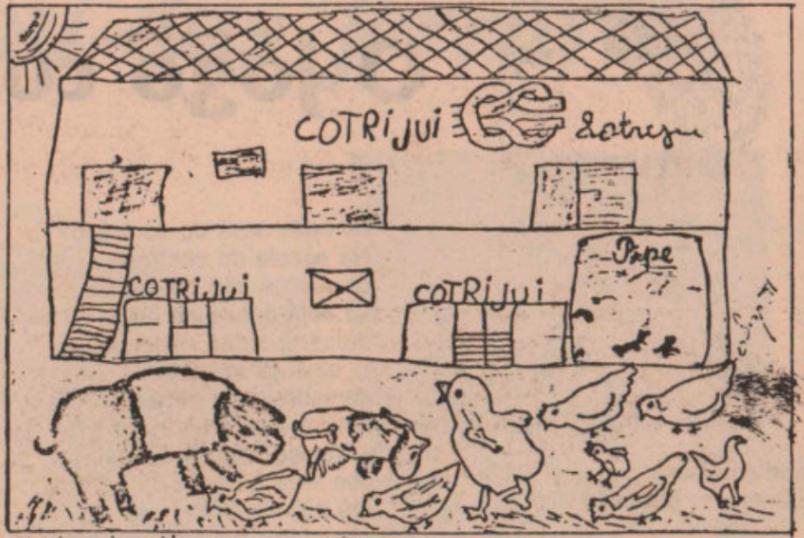
Jorge Meira - 12 anos
Escola Estadual de 1º Grau Osmar
Hermann
Irapuã - Miraguaí





A COTRIJUI é para os sócios.
Na Cotrijui é para levar a soja.
Lá, quem não é sócio também pode
levar seus produtos.

Neldi Schmidt - 12 anos - 2ª série



Neldi Schmidt - 12 anos - 2ª série

Escola Municipal de 1º grau Incompleto Santo Antônio - Miraguari

NOSSA COOPERATIVA

Cooperativismo podemos dizer que é a união de todos no esforço de cada um.

A história hoje nos diz que todas as coisas feitas pelo homem surgiram de suas necessidades. Sabemos que a idéia cooperativa surgiu na Inglaterra, sendo formada por 28 pessoas mais ou menos. Hoje, no mesmo estado, há várias cooperativas como de crédito de consumo, de produtos, etc.

Na nossa região temos uma das maiores cooperativas do País, que é a nossa Cotrijui, que tem sede em Ijuí. Fundada em 20 de julho de 1957 com 23 associados, tem como finalidade receber produtos, armazenar e posteriormente comercializar produtos de seus associados.

De lá para cá a história é muito grande para ser contada em simples redação, mas alguns fatos merecem ser lembrados, assim como pessoas que se destacaram, as obras, os primeiros terrenos, construção de armazéns graneleiros com capacidade elevada, fábrica de óleo, de ração, chegando à grande obra feita pela cooperativa que é o terminal Marítimo em Rio Grande.

E todos sabem que está nas crianças de hoje as cooperativas do amanhã.
Marcos Oneide Gonzales - 4ª série

Escola Municipal Inácio Montanha Potreirinhos - Jóia.

COTRIJUI

A cooperativa é muito importante para o homem, principalmente para o agricultor, porque ela compra a soja, o milho, o trigo e outros produtos. Também aos colonos pequenos ela dá assistência.

A cooperativa, este ano, está fazendo 30 anos, sempre colaborando com os agricultores do Rio Grande do Sul, e em todo o País, sendo que em Tenente Portela ela nos acompanha desde 1970.

A Cotrijui é uma cooperativa Nacional e é uma rica experiência de organização cooperativa que merece ser comemorada. O significado é a importância da experiência da Cotrijui em todos os sentidos para os associados da região e até para a economia do Estado e País.

Portanto, a Cotrijui merece que digamos:

Parabéns Cotrijui!

Gilvane Alberton - 5ª série

Escola Santo Antônio

Cap. Santo Antônio - Ten. Portela.

Professora: Marlene Staub.

O COOPERATIVISMO

Cooperativismo vem da cooperação de um grupo de pessoas que se unem em torno de uma casa, que não é de um, mas de todos. Esta casa tem por finalidade cuidar dos interesses de todos ou seja, ela recebe seus produtos com o maior cuidado para que todos tenham os maiores lucros comerciais e que todos tenham obrigações e direitos pela cooperativa, que é a casa da família associada. Todo homem que faz parte da cooperativa, seja grande produtor, médio, ou pequeno, tem os mesmos privilégios da casa, pois esta será grande no dia de amanhã com o trabalho e a união de todos, por isso a palavra cooperativa diz tudo.

José Luís de Lima - 3ª série
Escola Estadual de 1º Grau Dr. Edmar Kruehl

Localidade: São José - Jóia

COOPERATIVA!!!

A cooperativa é uma sociedade de agricultores porque eles vendem soja, milho etc.

Antigamente, antes de existir a cooperativa, vários agricultores tinham carnes, ovos, banha, enfim vários alimentos.

A cooperativa foi construída em 1970. A cooperativa é muito útil à nossa vida.

Antigamente, eles se obrigavam a vender os produtos que eles plantavam e colhiam, porque se fossem deixar em sacas ia estragar. Então eles vendiam para os armazéns e os donos dos armazéns vendiam para as Cooperativas e assim ela foi crescendo cada vez mais.

Para que o povo fosse comprar o que precisava e encontrasse.

Hoje, na nossa realidade nós vemos ela bem sortida, vários produtos e alimentos em geral para a nossa sobrevivência.

A cooperativa vem da cooperação. A cooperativa tem todos os alimentos que necessitamos para a nossa alimentação, como por exemplo: alimentos básicos como: carne, soja, feijão preto, peixe, ovos, leite e derivados (manteiga, queijo, coalhada) castanha do Pará, milho, ervilha, lentilha.

O leite é considerado o alimento mais completo que se conhece, pois além de proteínas ele contém açúcar e gorduras que dão energia ao corpo, e vitaminas e sais minerais que o protegem contra doenças.

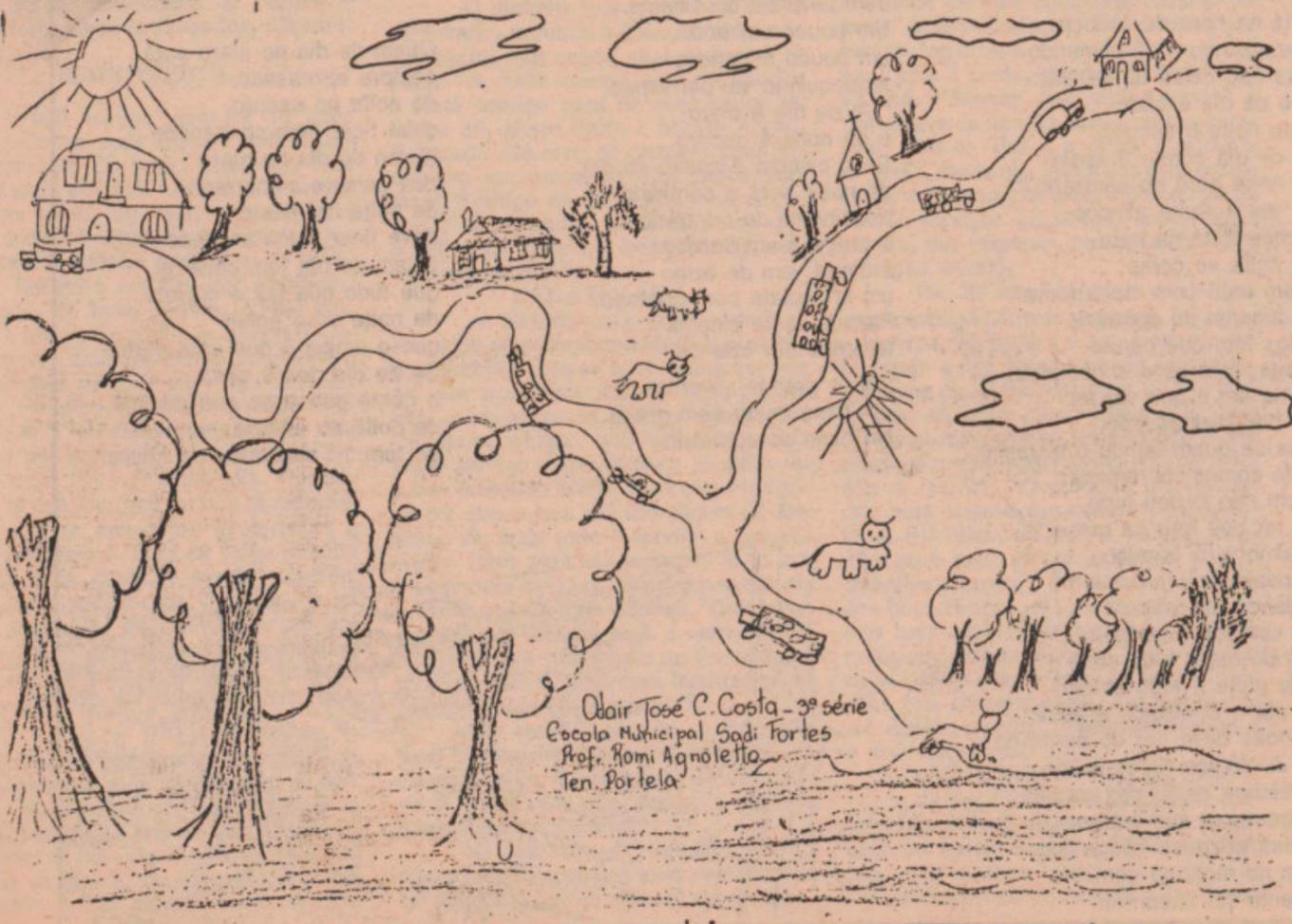
Os agricultores vendem, também, para as cooperativas, frutas como a laranja que é uma fruta muito gostosa e também é um remédio para a gripe. Depois que construíram a cooperativa, os agricultores tiveram mais possibilidades de vender os produtos, porque na cooperativa tem mais espaço e armazém para armazenar os produtos.

Por isso, a cooperativa é útil e muito importante para a vida de cada um. Sem ela, seria muito difícil a sobrevivência como antigamente eles tinham que se preocupar com os produtos se os donos de armazéns comprariam os produtos deles.

Agora é diferente, não precisa se preocupar. É só levar à cooperativa, que eles compram para produzir mais alimentos para nós, porque nós necessitamos muito dela.

A cooperativa é importantíssima para toda a região.

Lorisa de Oliveira - 7ª série
Escola Estadual de 1º Grau Osmar Hermann - Tenente Portela.

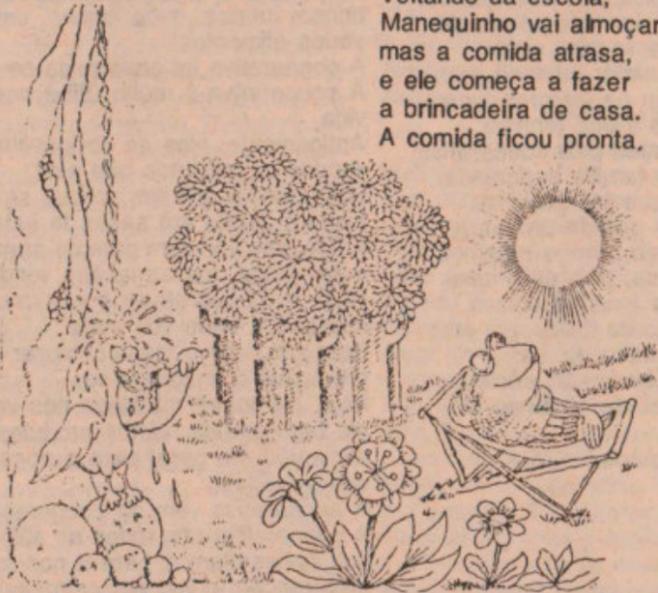


Odair José C. Costa - 3ª série
Escola Municipal Sadi Fortes
Prof. Romi Agnoletto
Ten. Portela



Jandira Masur
Ilustrações: Michele

Quem for curioso e quiser saber o que é o jogo do contrário, venha conhecer Manequinho. Ele é um menino que sabe que as coisas são como são, podiam, ser do contrário. Se de dia é claro e de noite é escuro, será que é o que é assim de dia de noite não será do contrário?



Pensando desse jeito Manequinho tudo fez igualzinho a todo o mundo. Mas em tudo o que faz, só ele é quem vai vendo o contrário acontecendo. De manhã bem cedinho, comendo um restinho de pão, Manequinho vai andando com os livros da escola na mão. A escola está pertinho, um pouco correndo, um pouco andando, Manequinho vai pensando. "Se de dia é claro e de noite é escuro. Se a escola é assim de dia,



de noite será do contrário?" Na escola do contrário os alunos vão chegando. Já está quase na hora, todos já estão entrando. O sinal já vai bater, sentados nas carteiras ouvem a professora dizer: — Vamos começar a aula que está na hora de brincar, até a hora do recreio não quero ver ninguém estudar! Assim Manequinho acha que é a escola do contrário: em vez de estudar todos têm é que brincar. Artimética, Linguagem, Geografia e Ciências, só na hora do recreio: durante o tempo de aula só brincar de cabra cega, de corda e de pega-pega. Voltando da escola, Manequinho vai almoçar, mas a comida atrasa, e ele começa a fazer a brincadeira de casa. A comida ficou pronta,

está na hora de almoçar, Manequinho está comendo mas não deixa de pensar: "Se de dia é claro e de noite é escuro, se de dia comer é assim, de noite será do contrário?" De dia a gente almoça porque está na hora. De noite só come quem está com muita fome. No almoço do contrário todos têm que comer doces, cremes e chocolates; só no fim é que vai ter um bife malpassado. Mas só quem tomou o refresco pode comer sobremesa; quem não bebeu tudo, vai ter que sair da mesa. O almoço já terminou. Manequinho vai passear, andando na calçada ele começa a pensar: "Se de dia é tudo claro e de noite é tudo escuro, De dia o Zoológico é assim de noite deve ser do contrário". No Zoológico do contrário os bichos estão passeando, as pessoas que entram, coisas gozadas vão vendo. Bem no meio do caminho a gente vai encontrar

O jogo contrário



um elefante preocupado porque está muito magrinho. Parada no meio da grama, uma zebra sozinha está tentando abotoar seu pijama de bolinha. E lá mais adiante coisa incrível de se olhar: um camelo ensinando um pato a nadar. Mas o pato está de bóia com medo de se afogar. E no Zoológico do contrário quem não comer espeda, sorvete e pirulito vai ficar com dor de barriga. Um bicho preguiça, dançando com animação, faz uma cobra espantada levar um escorregão. No Zoológico do contrário, é muito natural ver peixinho fora d'água tomando banho de sol. Bem no meio do caminho uma girafa está descendo, para poder ver melhor duas tartarugas correndo. No meio disto tudo, embaixo d'água corrente, um pato muito tranquilo está escovando os dentes. Já acabou o passeio. Manequinho está voltando, e no meio do caminho, ele passa bem pertinho do cinema. Um pouco correndo, um pouco nadando, Manequinho vai pensando: "Se de dia é claro e de noite é escuro. Se o cinema é assim de dia, de noite será o contrário?" No cinema do contrário o preço é um sorriso, e ainda vem de troco um chocolate bem gostoso. Para ir neste cinema tem que ser criança. Gente grande só entra em filme muito sem graça. No filme do contrário

tem muito bicho e canção. As crianças entendem tudo, mas gente grande precisa de muita explicação. No caminho para casa Manequinho vai pensando: se de noite no escuro também as pessoas são do contrário. Deve cansar muito ser sempre igualzinho, todos devem mudar nem que seja um pouquinho. Quem de dia no claro não acha nada gozado, de noite no escuro deve achar tudo engraçado.



Quem de dia no claro está sempre apressado, de noite no escuro deve ficar bem sossegado. Quem de dia no claro fica sempre emburrado, de noite no escuro deve ficar muito animado. Quem de dia tem certeza que tudo que faz é correto, de noite deve achar que o amigo é que está certo. Se de dia que é claro a gente pensa no que passou, de noite no escuro se tem... saudades do futuro.

